

Universidade Fernando Pessoa
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais



**VIOLÊNCIA NA INTIMIDADE NOS RELACIONAMENTOS
HOMOSSEXUAIS, GAYS E LÉSBICOS**

Lúcia Filipa Osório

Porto, 2016

Violência na Intimidade nos Relacionamentos Homossexuais, *gays* e lésbicos

Violência na Intimidade nos Relacionamentos Homossexuais, *gays* e lésbicos

Universidade Fernando Pessoa
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais



**VIOLÊNCIA NA INTIMIDADE NOS RELACIONAMENTOS
HOMOSSEXUAIS, *GAYS* E LÉSBICOS**

Lúcia Filipa Osório

Porto, 2016

VIOLÊNCIA NA INTIMIDADE NOS RELACIONAMENTOS HOMOSSEXUAIS,
GAYS E LÉSBICOS

Lúcia Filipa Osório

Assinatura: _____

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências
Humanas e Sociais da Universidade Fernando
Pessoa, como parte integrante dos requisitos para a
obtenção do grau de Mestre em Psicologia Jurídica,
sob orientação da Prof^a.Doutora Ana Sani e
da Prof^a. Doutora Cristina Soeiro (ISCSEM)

Resumo

A violência íntima entre parceiros do mesmo sexo assume-se como um problema bastante preocupante, trando-se de um fenómeno imensamente complexo e constituído por diversos fatores, nomeadamente de índole psicológica, ideológica e sociocultural. Assim a violência íntima entre parceiros, como que pode constatar, trata-se de um fenómeno que não se encontra inerente ao género ou à orientação sexual. Existe, de facto, uma necessidade de se desenvolver literatura científica sobre esta temática, mais precisamente no contexto nacional, uma vez que as repercussões destas vivências são nocivas tanto a nível individual como a nível social. A revisão sistemática de literatura, apresentada no primeiro artigo da presente dissertação, é composta por 38 artigos que abordam a temática da prevalência da violência entre parceiros íntimos homossexuais e a temática dos fatores de risco nessa mesma população. Do estudo da revisão de literatura, pode concluir-se que existem diversas tipologias de abuso, sendo que a agressão psicológica é a que assume maior destaque, e as percentagens de prevalência do fenómeno encontram-se dispersas. É de salientar que o estudo da prevalência assume diversas lacunas metodológicas, as quais podem ser a explicação para as diferenças nas taxas de prevalência, e por conseguinte, nos resultados constatados. No que diz respeito aos fatores de risco, são diversos os fatores de risco de violência entre parceiros do mesmo sexo, contudo a existência de literatura que incida exclusivamente no estudo dos fatores de risco é confusa e escassa. Seguindo como linha orientadora este pressuposto, o segundo artigo é composto por um estudo empírico, de carácter exploratório e descritivo, de natureza quantitativa, com recurso a medida de autorrelato, com o método de amostragem por conveniência, cujo objetivo é estudar a prevalência do fenómeno em relacionamentos homossexuais, *gays* e lésbicos, e estudar um número limitado de fatores de risco encontrados na literatura, nomeadamente, a idade, a educação, o historial de violência familiar, a presença de perturbações mentais e a presença de consumos. Para o efeito, o instrumento utilizado foi a Escala de Relações Abusivas em Casais *Gay* e *Lésbica* (Osório, Soeiro, Sani, & Domingues, 2016, adaptado de *Violence and Abuse in Same-Sex Relationships* de Noret & Richards, 2003). A amostra do estudo é constituída por 48 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 55 anos ($M=26.50$; $DP=8.011$), sendo que 72.9% ($n=35$) da amostra se identifica como lésbica (sexo feminino) e 27.1% ($n=13$) se identifica como *gay* (sexo masculino). Os resultados apresentam elevados índices globais de vitimação e perpetração de violência, nomeadamente na vertente de vitimação (97.6% psicológica; 88.1% física; 47.6% socioeconómica e 33.3% sexual) e

perpetração (66.7% psicológica; 45.2% física; 2.4% socioeconómica e 2.4% sexual). A violência psicológica foi a tipologia de abuso mais presente no estudo.

Palavras-chave: Violência; Prevalência; Fatores de risco; *Gays*; Lésbicas.

Abstract

The intimate violence between same-sex partners is assumed to be a very serious problem, is an immensely complex phenomenon consisting of several factors, including psychological, ideological and socio-cultural factors. So the intimate partner violence, as we can see, it is a phenomenon that is not inherent to gender or sexual orientation. There is indeed a need to develop scientific literature on this subject, more precisely in the national context, since the effects of these experiences are harmful to individual and social level. A systematic review of the literature presented in the first article of this dissertation consists of 38 articles that address the issue of the prevalence of violence among homosexual intimate partners and the theme of risk factors in that population. The literature review study, it can be concluded that there are several types of abuse, and the psychological aggression is assuming greater prominence. The prevalence percentages of the phenomenon are dispersed. It is noted that the study of prevalence takes several methodological shortcomings, which may be the explanation for differences in prevalence rates, and therefore, the observed results. With regard to risk factors, they are several risk factors for violence between same-sex partners, but the existence of literature that focuses exclusively on the study of risk factors is confused and scarce. The second article consists of an empirical study, exploratory and descriptive character of a quantitative nature, using the measure of self-report, with sampling for convenience, whose goal is to study the prevalence of the phenomenon in homosexual relationships, *gays* and lesbians, and study a limited number of risk factors found in the literature, e.g., age, education, history of family violence, the presence of mental disorders and the presence of consumption. To this end, the instrument used was Escala de Relações Abusivas em Casais *Gay* e *Lésbica* (Osório, Soeiro, Sani, & Domingues, 2016, adaptado de Violence and Abuse in Same-Sex Relationships de Noret & Richards, 2003). The sample of this study consists of 48 participants aged 18 to 55 ($M=26.50$; $DP=8.011$), and 72.9% ($n=35$) of the sample is identified as lesbian (female) and 27.1% ($n=13$) identifies as *gay* (male). The results show high overall rates of victimization and perpetration of violence, especially in the aspect of victimization (97.6% psychological, 88.1% physical, 47.6% socioeconomic and 33.3% sexual) and perpetration (66.7% psychological, 45.2% physical, 2.4% socioeconomic and 2.4% sexual). Psychological violence was the more identified in the study.

Keywords: Violence; Prevalence; Risk factors; *Gays*; Lesbians.

A ti e para ti MÃE!

Agradecimentos

E assim se concluiu mais uma etapa...etapa esta não só acadêmica, da qual me orgulho imenso, como de vivências profundas a nível pessoal! Resultado de todo o esforço, dedicação, empenho e trabalho!

A ti mãe, por todo o amor incondicional, pelo desejo e vontade e pela responsabilidade que sempre me inculciste, por todo o esforço que por mim fizeste, por toda a tua vontade que por vezes ultrapassava a minha, pela tua sabedoria, não existem palavras que expressem este sentimento. Um agradecimento imensurável por quem foste e sempre serás! Por ti fi-lo, pelo orgulho, sem explicação, de ser tua filha!

À minha família, por estar sempre presente, por me auxiliar sempre que necessito, nos bons e nos maus momentos, pela paciência, pelo carinho, pelo amor, pela amizade, pelo incentivo, pelo orgulho, por serem vocês! O meu muito obrigada!

Ao Fábio, pelo incentivo constante, pela amizade, pelo apoio, pelo amor e dedicação, pela presença, independentemente dos meus devaneios, pelos momentos de silêncio, pela pessoa que és. O meu muito obrigada!

Às professoras Ana Sani e Cristina Soeiro, pela disponibilidade, pelas orientações, pelos contributos e preocupação, sem vocês este trabalho não seria possível!

Às pessoas anónimas que participaram no estudo e que partilharam as suas vivências, e a todas as entidades/associações que comigo colaboraram na divulgação do estudo, o meu muito obrigada, sem o vosso auxílio este estudo não se concretizaria!

Aos meus amigos pela ajuda e pelo esforço na divulgação do estudo, o meu muito obrigada!

À minha colega de dissertação de mestrado Sara Pires, o meu muito obrigada Sarita!
A todos um enorme agradecimento!

Índice

Introdução Geral.....	1
Referências.....	4
Artigo 1.....	6
Uma revisão sistemática de literatura acerca da violência na intimidade nos relacionamentos homossexuais	
Referências.....	44
Artigo 2.....	48
Violência na intimidade nos relacionamentos homossexuais <i>gays</i> e lésbicos: Um estudo exploratório e descritivo	
Referências.....	100
Conclusão Geral.....	104
Referências.....	108
Anexos.....	110
Anexo A.....	111
Anexo B.....	122
Anexo C.....	124

Índice de Tabelas

Artigo 1: Uma revisão sistemática de literatura acerca da violência na intimidade nos relacionamentos homossexuais	
Tabela 1 <i>Instrumentos utilizados nos estudos</i>	22
Artigo 2: Violência na intimidade nos relacionamentos homossexuais gays e lésbicos: Um estudo exploratório e descritivo	
Tabela 1 <i>Caracterização sociodemográfica da amostra total</i>	57
Tabela 2 <i>Estado atual de relação</i>	61
Tabela 3 <i>Duração da atual relação</i>	62
Tabela 4 <i>Medo do(a) atual parceiro(a)</i>	62
Tabela 5 <i>Violência no seio familiar</i>	63
Tabela 6 <i>Abusos sexuais na infância</i>	63
Tabela 7 <i>Presença de perturbações mentais</i>	64
Tabela 8 <i>Presença de perturbações mentais no passado e no presente</i>	65
Tabela 9 <i>Medo de um(a) parceiro(a) que tenha tido no passado</i>	65
Tabela 10 <i>Número de relações abusivas em que esteve</i>	66
Tabela 11 <i>Tempo de duração da relação abusiva no passado</i>	66
Tabela 12 <i>Término da relação em resultado do(s) abuso(s)</i>	66
Tabela 13 <i>Ferimento(s)/consequência(s) resultante(s) do(s) abuso(s) do(a) seu(a) parceiro(a)</i>	67
Tabela 14 <i>Ferimento(s)/consequência(s) de que foi vítima como resultado do abuso</i> ...67	
Tabela 15 <i>Recorrer a tratamento médico em virtude de algum ferimento físico que tenha sido vítima</i>	68
Tabela 16 <i>Número de vezes a que recorreu a tratamento médico</i>	68
Tabela 17 <i>Informação a profissionais de saúde acerca da causa dos ferimentos</i>	68
Tabela 18 <i>O porquê de não informar os profissionais de saúde acerca da causa dos ferimentos</i>	69
Tabela 19 <i>Envolvimento da polícia como resultado da violência do(a) parceiro(a)</i> ...69	
Tabela 20 <i>O porquê de nunca ter contado a ninguém acerca do abuso que sofreu</i>	70
Tabela 21 <i>Tempo de duração até o relacionamento se tornar abusivo</i>	70
Tabela 22 <i>Frequência de situações de abuso</i>	71
Tabela 23 <i>Perpetração de comportamentos abusivos em retaliação devido ao abuso do(a) parceiro(a)</i>	71

Tabela 24 <i>Comportamentos de agressão para com o(a) parceiro(a)</i>	72
Tabela 25 <i>Frequência de abuso(s) para com o(a) parceiro(a)</i>	72
Tabela 26 <i>Circunstâncias que levam a que seja agressivo/abusivo com o(a) parceiro(a)</i>	73
Tabela 27 <i>Presença de consumos de álcool e/ou drogas antes de ser abusivo</i>	73
Tabela 28 <i>Estado de relacionamento violento</i>	74
Tabela 29 <i>Tipos de violência experienciados em relacionamentos passados</i>	74
Tabela 30 <i>Reação do(a) parceiro(a) após ter sido abusivo(a)</i>	75
Tabela 31 <i>Reportar o abuso</i>	75
Tabela 32 <i>Pessoas/entidades a quem reportou o abuso</i>	76
Tabela 33 <i>O porquê de não reportar o abuso</i>	77
Tabela 34 <i>Abuso após término da relação</i>	77
Tabela 35 <i>Tipo(s) de abuso(s) experienciado(s) após término da relação</i>	78
Tabela 36 <i>Perpetração de abuso e tipo de relacionamento</i>	79
Tabela 37 <i>Tipos de violência perpetrados em relacionamentos</i>	79
Tabela 38 <i>Ferimento(s)/consequência(s) como resultado do comportamento abusivo</i> ..	80
Tabela 39 <i>Ferimento(s)/consequência(s) que o(a) parceiro(a) sofre/sofreu como resultado do comportamento abusivo</i>	80
Tabela 40 <i>Sentimento presente no agressor após a perpetração de comportamentos violentos contra o(a) parceiro(a)</i>	81
Tabela 41 <i>Comportamento(s) experienciado(s) por parte do agressor como resultado do seu comportamento abusivo</i>	81
Tabela 42 <i>Tipos de violência e idade no que diz respeito à vitimação</i>	82
Tabela 43 <i>Tipos de violência e educação/habilitações literárias no que diz respeito à vitimação</i>	83
Tabela 44 <i>Tipos de violência e presença de violência no seio familiar no que diz respeito à vitimação</i>	83
Tabela 45 <i>Tipos de violência e presença de perturbações mentais no passado e presente no que diz respeito à vitimação</i>	84
Tabela 46 <i>Tipos de violência e idade no que diz respeito à perpetração de comportamentos abusivos</i>	85
Tabela 47 <i>Tipos de violência e educação/habilitações literárias no que diz respeito à perpetração de comportamentos abusivos</i>	85

Tabela 48 *Tipos de violência e presença de violência no seio familiar no que diz respeito à perpetração de comportamentos abusivos*.....86

Tabela 49 *Tipos de violência e consumo de álcool e droga(s) no que diz respeito à perpetração de comportamentos abusivos*.....87

Tabela 50 *Tipos de violência e presença de perturbações mentais no passado e presente no que diz respeito à perpetração de comportamentos abusivos*.....87

Anexos

Anexo A

- Protocolo de Investigação

Anexo B

- Solicitação de Autorização às Instituições/Associações

Anexo C

- Declaração de Termo de Aceitação

Introdução Geral

A violência íntima entre parceiros do mesmo sexo é um problema grave e preocupante, bastante extenso e cuja investigação se deve debruçar, uma vez que as repercussões a nível individual e social são diversas. Caracteriza-se como sendo um fenómeno imensamente complexo e constituído por diversos fatores, nomeadamente fatores de índole psicológica, ideológica e sociocultural.

Ainda que se tenha vindo a assistir a um crescimento no que diz respeito à investigação relacionada com a violência íntima entre casais heterossexuais desde a década de 70 (Costa, Machado, & Antunes, 2009), é notável que a investigação no que diz respeito à violência íntima entre casais homossexuais se encontra bastante sub-reportada (Costa et al., 2009), sendo que a investigação acerca da violência entre casais do mesmo sexo apenas ganhou ênfase no final da década de 80, início da década de 90 (Badenes-Ribera, Bonilla-Campos, Frias-Navarro, Pons-Salvador, & Monterde-i-Bort, 2015; Dias, 2016).

Tal como nas relações heterossexuais, a desigualdade de poder entre parceiros e o esforço exercido pelo domínio do controlo da relação estão associados à etiologia da violência íntima entre *gays* e lésbicas (Lockhart, White, Causby, & Isaac, 1994).

No que concerne às tipologias de abuso, estas são idênticas ao abuso perpetrado nas relações heterossexuais, nomeadamente o abuso psicológico, físico, socioeconómico e sexual (Kuehnle & Sullivan, 2003), exceptuando um tipo de abuso característico da população homossexual, o *outing*. O *outing* é caracterizado pela ameaça de revelação da orientação sexual do(a) parceiro(a) a indivíduos do seu círculo pessoal (Kay & Jeffries, 2010; Nunan, 2004; Rohrbaugh, 2006). Este tipo de abuso, deve-se, em grande parte, ao isolamento que a população homossexual experiencia, em muitos casos, pelo facto de ainda não ter assumido, perante a família e a sociedade, a sua orientação sexual, assim como pela falta de proteção no que diz respeito aos direitos civis e à falta de compreensão e auxílio por parte do sistema legislativo (Rohrbaugh, 2006).

No que diz respeito às dinâmicas abusivas, assim como nos relacionamentos heterossexuais, também nas relações homossexuais é identificada a ocorrência de violência algo previsível, cíclica e que se intensifica ao longo do tempo (Ristock, 2003; Walker, 2009).

A literatura estrangeira, precursora do estudo da violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo, iniciou o estudo do fenómeno no final da década de 80 início da década de

90, como anteriormente referido, e um dos primeiros estudos publicados sobre este tema foi realizado por Brand e Kidd (1986, citado por Antunes & Machado, 2005), resultando na constatação de que, no que se refere aos agressores, os homens heterossexuais cometem mais atos violentos do que as mulheres lésbicas. É a partir das conclusões elencadas por estes autores que novos estudos começam a ser realizados e a literatura acerca desta problemática se começa a desenvolver.

No contexto português, é de referir a escassez de investigação no estudo do fenómeno, contudo e, devido ao interesse que este tema tem suscitado, tem-se vindo a assistir a uma evolução da investigação do mesmo, quer numa vertente do estudo da prevalência, das dinâmicas e do impacto que a violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo acarreta (e.g., Antunes & Machado, 2005; Costa et al., 2009; Domingues, 2015; Nunan, 2004; Topa, 2010), como no que diz respeito às atitudes e respostas dos profissionais em torno da problemática (e.g., Monteiro & Sani, 2013; Topa, 2009).

O primeiro esforço de investigação neste sentido, em Portugal, foi realizado por Antunes e Machado (2005). Podendo constatar-se que, e através do seu estudo, 20.6% dos participantes que estavam na altura envolvidos em alguma relação revelaram ter sido vítima de pelo menos um ato abusivo durante o último ano e 15.9% admitiu ter adoptado algum tipo de comportamento violento relativamente ao seu companheiro. No que diz respeito às relações íntimas anteriores, 61.9% dos participantes mencionou comportamentos de vitimação por parte do companheiro e 46% revelou ter assumido algum tipo de comportamento violento contra o companheiro em alguma relação do passado. Tanto na vertente de vítima como na vertente de agressor, predomina a existência de comportamentos agressivos recorrentes (52.4% e 34.9%, respetivamente).

As conclusões elencadas neste estudo demonstraram um novo panorama em torno deste assunto, uma vez que são resultados alarmantes, resultando no início de uma evolução da investigação no que diz respeito à prevalência da violência entre parceiros íntimos (e.g., Costa et al., 2009).

As investigações nesta temática vieram refutar a assunção de que a violência íntima se aplica somente às díades heterossexuais, sugerindo, portanto, que esta pode ocorrer em qualquer tipo de relação íntima, independentemente do género ou orientação sexual (Dias, 2016; Rohrbaugh, 2006).

Uma vez que esta é uma questão recente, no que diz respeito à investigação, torna-se necessário um maior investimento relativamente ao assunto, nomeadamente no que diz respeito às tipologias e dinâmicas de comportamento utilizadas (Badenes-Ribera et al.,

2015), às metodologias utilizadas (Hester, Donovan, & Fahmy, 2010), aos comportamentos de procura de auxílio, às intervenções necessárias no que diz respeito a estas minorias (McClennen, 2005), tanto numa vertente de prevenção (e.g., existência/inação nos programas de prevenção) como de intervenção, à formação dos profissionais, tendo sempre em conta as especificidades da população em questão (Badenes-Ribera et al., 2015; McClennen, 2005; Roberts, 2005), tentando sempre desconstruir as barreiras, ainda existentes, entre a população homossexual e a sociedade.

Em Portugal, para além do que foi referido anteriormente, torna-se necessário a realização de pesquisas de âmbito nacional (Domingues, 2015), assim como uma maior receptividade aos estudos por parte da população visada e das instituições que prestam auxílio à comunidade de lésbicas, *gays*, bissexuais e transgéneros (LGBT), assim como a construção e validação de materiais, portugueses, que avaliem esta problemática.

Neste sentido, a presente dissertação de mestrado tem como objetivo contribuir para a evolução da investigação e, conseqüentemente, para a inovação nacional do estudo da prevalência da violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo, *gays* e lésbicas, no que diz respeito ao estudo das características das relações abusivas, às tipologias de abuso, aos fatores de risco, e aos comportamentos de procura de auxílio, sempre numa vertente de relacionamentos passados e atuais, fazendo uma distinção entre comportamentos de vitimação e comportamentos de perpetração.

Esta dissertação apresenta-se estruturada da seguinte forma, após esta introdução geral acerca da temática a estudar; serão apresentados dois artigos científicos: um primeiro que se caracteriza por uma revisão sistemática da literatura, nacional e internacional, nas línguas inglesa, portuguesa e espanhola, acerca da prevalência da violência na intimidade nos relacionamentos homossexuais, *gays* e lésbicos, e um segundo que se caracteriza por um estudo empírico de índole exploratória e descritiva com recurso a uma metodologia quantitativa com o objetivo de explorar a prevalência da violência na intimidade nos relacionamentos homossexuais *gays* e lésbicos, tendo como população-alvo a comunidade portuguesa, *gay* e lésbica. Por fim, é realizada uma conclusão geral, isto é, uma suma dos dois artigos, onde são apresentados os benefícios, as limitações e as recomendações (para estudos futuros) relacionadas com o estudo do fenómeno.

Referências

- Antunes, R., & Machado, C. (2005). Dupla invisibilidade: A violência nas relações homossexuais. *Psychologica*, 39, 167-187.
- Badenes-Ribera, L., Bonilla-Campos, A., Frias-Navarro, D., Pons-Salvador, G., & Monterde-i-Bort, H. (2015). Intimate partner violence in self-identified lesbians: A systematic review of its prevalence and correlates. *Trauma, Violence, & Abuse*, 1-14.
- Costa, L., Machado, C., & Antunes, R. (2009). Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade. Retirado de <https://www.rea.pt>
- Dias, I. (2016). A violência íntima entre casais do mesmo sexo: Desafios teóricos e metodológicos. In L. Nunes, A. Sani, & S. Caridade (1ª ed.), *Crime, justiça e sociedade: Visões Interdisciplinares* (pp. 25-53). Edições Criap: Porto.
- Domingues, H. (2015). *Prevalência e caracterização da violência em casais de gays, lésbicas e bissexuais* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Fernando Pessoa: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Porto. Retirado do Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa <http://hdl.handle.net/10284/4949>
- Hester, M., Donovan, C., & Fahmy, E. (2010). Feminist epistemology and the politics of method: surveying same-sex domestic violence. *International Journal of Social Research Methodology*, 13(3), 251–263. doi: 10.1080/13645579.2010.482260
- Kay, M., & Jeffries, S. (2010). Homophobia, heteronormativity and hegemonic masculinity: Male same-sex intimate violence from the perspective of brisbane service providers. *Psychiatry, Psychology and Law*, 1-31.
- Kuehnle, K., & Sullivan, A. (2003). Gay and lesbian victimization: Reporting factors in domestic violence and bias incidents. *Criminal Justice and Behavior*, 30, 85-96. doi: 10.1177/0093854802239164
- Lockhart, L., White, W., Causby, V., & Isaac, A. (1994). Letting out the secret: Violence in lesbian relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 9(4), 469-492.
- McClennen, J. (2005). Domestic violence between same-gender partners: Recent findings and future research. *Journal of Interpersonal Violence*, 20(2), 149-154. doi: 10.1177/0886260504268762
- Monteiro, V., & Sani, A. (2013). Violência doméstica entre casais homossexuais - "Quebrando barreiras, formando profissionais". In A. Sani, & S. Caridade (cords),

- Violência, agressão e vitimação: Práticas para a intervenção* (pp.149-170). Edições Almedina: Coimbra.
- Nunan, A. (2004). Violência doméstica entre casais homossexuais: O segundo armário?. *Psico*, 35(1), 69-78.
- Ristock, J. (2003). Exploring dynamics of abusive lesbian relationships: Preliminary analysis of a multisite, qualitative study. *American Journal of Community Psychology*, 31(3/4), 329-341.
- Roberts, J. (2005). An integrative review of intimate partner violence among men who have sex with men: Correlates of victimization and development of a conceptual framework. *Humanity and Society*, 29(2), 126-136.
- Rohrbaugh, B. (2006). Domestic violence in same-gender relationship. *Family Court Review*, 44(2), 287-299.
- Topa, H. (2010). No arco-íris também há roxo: Violência conjugal nas relações lésbicas. *LES Online*, 2(1), 13-21.
- Topa, M. (2009). *Violência doméstica em casais homossexuais: Das representações sociais dos profissionais que trabalham com vítimas à vivência das vítimas* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Retirado do Repositório Aberto da Universidade do Porto <http://hdl.handle.net/10216/54976>
- Walker, A. E. (2009). Descriptions of violence and the cycle of violence. In A. Walker (3ª ed.), *The battered woman syndrome* (pp. 85-105). New York: Springer Publishing Company, LLC.

Artigo 1

Uma revisão sistemática de literatura acerca da violência na intimidade nos relacionamentos homossexuais

Uma revisão sistemática de literatura acerca da violência na intimidade nos relacionamentos homossexuais

Resumo

Tanto no contexto internacional como no contexto nacional, assiste-se a um crescente reconhecimento científico no que concerne à existência de violência nos relacionamentos íntimos entre parceiros do mesmo sexo. Salienta-se também, tal como nos relacionamentos heterossexuais, a existência de fatores preditores, relacionados com a violência nos relacionamentos homossexuais, específicos das dinâmicas de relacionamento desta população. Sendo esta uma problemática em constante evolução, torna-se, por sua vez, cada vez mais urgente a criação de metodologias específicas que avaliem a prevalência deste fenómeno, assim como metodologias que tenham um carácter preventivo e interventivo, o que no contexto português se encontra empobrecido. No presente artigo realiza-se uma revisão sistemática de literatura acerca da prevalência da violência em casais com orientação homossexual, nomeadamente *gay* e *lésbica*, e aborda-se a temática dos fatores de risco presentes nesses relacionamentos, mais concretamente nos indivíduos que constituem o casal.

Palavras-chave: Violência; Prevalência; Fatores de risco; Relacionamentos *gay* e *lésbicos*.

Violência na Intimidade nos Relacionamentos Homossexuais

Introdução

A violência entre parceiros íntimos é um tema que tem conquistado, ao longo dos anos, muito interesse por parte da comunidade científica, notando-se uma crescente evolução na investigação e na literatura acerca deste fenómeno.

A pesquisa sobre a violência doméstica em relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo tem uma história recente (Hester, Donovan, & Fahmy, 2010). O estudo acerca da violência entre casais do mesmo sexo iniciou a sua abordagem no final da década de 80 e no início da década de 90 (Badenes-Ribera, Bonilla-Campos, Frias-Navarro, Pons-Salvador, & Monterde-i-Bort, 2015). Ainda que a literatura e a pesquisa sobre a violência nos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo se tenha iniciado nos Estados Unidos da América (EUA) em 1978, é de referir que os estudos mais antigos se focam principalmente na população lésbica (Hester et al., 2010; Kulkin, Williams, Borne, Bretonne, & Laurendine, 2007; Rohrbaugh, 2006).

Desde então, o número de estudos que exploram esta temática tem aumentado de forma significativa, estendendo-se a diferentes países (Chong, Mak, & Kwong, 2013; Hester et al., 2010). Alguns estudos sugerem que a prevalência da violência doméstica em relacionamentos do mesmo sexo pode ser semelhante à dos relacionamentos heterossexuais, no entanto, o que difere são os comportamentos de procura de auxílio (Hester et al., 2010; McClennen, 2005).

Estudos recentes demonstram taxas de prevalência que variam entre os 17% e os 52%, e entre os 25% e os 50% em relacionamentos *gays* e lésbicos, respetivamente (Carvalho, Lewis, Derlega, Winstead, & Viggiano, 2011; Eaton, Kaufman, Fuhrel, Cain, Cherry, Pope, & Kalichman, 2008). De acordo com Carvalho e colegas (2011), a violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo ocorre a uma taxa comparável ou inferior às taxas de violência entre parceiros íntimos heterossexuais. Segundo Turell (2000), existem estudos que revelam uma maior prevalência de violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo, comparativamente aos relacionamentos heterossexuais.

As estimativas de prevalência de violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo podem variar no que concerne à população de homens e à população de mulheres, como demonstrado anteriormente. Assim, as taxas de prevalência relatadas nos estudos com população lésbica não se podem generalizar no que diz respeito às taxas referentes a homens *gays* e as taxas de prevalência globais podem acarretar diferenças sexuais importantes (Carvalho et al., 2011), devido às diferenças no tipo de amostra, sexo,

constituição, entre outras particularidades que distinguem os tipos de amostra estudada e, por conseguinte, os resultados elencados nos estudos. Acresce ainda o facto de as análises realizadas e, por conseguinte as conclusões enlencadas acerca das taxas de prevalência de violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo, serem dificultadas por vários aspectos: pelos episódios que não são relatados; pelas dificuldades existentes em distinguir os perpetradores das vítimas (ou pela existência da bidirecionalidade do abuso); pela ausência de uma definição concisa de abuso entre parceiros; pela dificuldade na obtenção de amostras representativas da população em questão; e pela inexistência na consideração das diferenças sexuais (Murray, Mobley, Buford, & Seaman-DeJohn, 2007).

No contexto português, apesar da mobilização social exercida pelas instituições que apoiam a comunidade LGBT, pelas instituições de apoio à vítima e pela comunicação social, conclui-se que são ainda escassos os trabalhos publicados, acerca desta temática (e.g., Antunes & Machado, 2005; Costa, Machado, & Antunes, 2009; Domingues, 2015; Monteiro & Sani, 2013; Nunan, 2004; Topa, 2010), não obstante o crescente esforço no percurso da investigação neste sentido.

Em Portugal, na sua maioria, a investigação tem-se centrado no estudo da prevalência, nas dinâmicas e no impacto que a violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo tem (e.g., Antunes & Machado, 2005; Costa et al., 2009; Domingues, 2015; Nunan, 2004; Topa, 2010), contudo têm sido desenvolvidos trabalhos acerca das atitudes e das respostas dos profissionais perante esta problemática (e.g., Monteiro & Sani, 2013; Topa, 2009).

De um modo geral, a existência de estudos que se debruçam sobre esta problemática, faz com que exista um maior conhecimento relativamente a esta área, resultando, por conseguinte, num aumento/melhoria de serviços prestados à comunidade. Neste sentido começaremos por definir conceitos e apresentar os termos implícitos e as noções específicas desta problemática. Segue-se uma caracterização das tipologias e dinâmicas presentes em relacionamentos íntimos do mesmo sexo, para por fim, apresentarmos o estudo de revisão sistemática da literatura relativo à prevalência e aos fatores de risco para a violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo, adultos *gays* e lésbicas.

Pretende-se que este estudo contribua para um maior conhecimento deste tema e, por conseguinte, da literatura relacionada com o mesmo, tanto no que concerne à comunidade científica, como no que concerne aos profissionais, de diversas áreas, que exercem funções nesta área, i.e., que intervém junto de vítimas e perpetradores de violência nas relações de intimidade.

Conceitos e conceptualizações teóricas da violência entre parceiros íntimos.

A violência entre parceiros íntimos caracteriza-se pelo abuso que ocorre entre indivíduos num relacionamento íntimo, nas mais diversas dinâmicas de relacionamento (Oringher & Samuelson, 2011). A violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo pode ser definida como um padrão comportamental através do qual um indivíduo exerce poder utilizando determinadas táticas de modo a coagir, dominar ou isolar o parceiro íntimo resultando no controlo dos seus pensamentos, crenças e/ou condutas (Chong et al., 2013). Esta violência pode ainda ser definida como ocorrendo entre os cônjuges ou noutras dinâmicas de relacionamentos íntimos, abrangendo vários domínios do comportamento violento (Finneran & Stephenson, 2012; Oringher & Samuelson, 2011). A violência entende-se como qualquer tipo de agressão, seja psicológica, física, socioeconómica e/ou sexual, em que um determinado indivíduo tenta manter o controlo e poder relativamente ao seu(a) parceiro(a) (Burke, Jordan, & Owen, 2002; Finneran & Stephenson, 2012; Houston & McKirnan, 2007; Kulkin et al., 2007; Madera & Toro-Alfonso, 2005; Mena, Rodríguez, & Malavé, 2005; Nunan, 2004; Ristock, 2003; Rohrbaugh, 2006; Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2004).

Quando se aborda a temática da violência doméstica entre parceiros do mesmo sexo, fala-se de um problema de tal forma grave como a violência que é experienciada e perpetrada entre casais heterossexuais (Kulkin et al., 2007; Madera & Toro-Alfonso, 2005; Mena et al., 2005). Contudo, devido à discriminação resultante da falta de informação e da cultura existente, da falta de apoio e de serviços que apoiem a comunidade LGBT e devido à homofobia patente na sociedade, a violência doméstica, na maioria das vezes, não é relatada pois, a população homossexual tem receio de se mostrar, não querendo reforçar o estigma e a discriminação que, ainda na sociedade atual, vivencia (Kulkin et al., 2007; Madera & Toro-Alfonso, 2005; Mena et al., 2005).

Tipologias e dinâmicas abusivas em relacionamentos íntimos do mesmo sexo.

Os tipos de abuso experienciados e perpetrados nos relacionamentos íntimos do mesmo sexo são diversos, nomeadamente, o abuso psicológico/emocional que se caracteriza pela “utilização de palavras ou de ações com o intuito de isolar, humilhar, intimidar ou controlar o parceiro íntimo” (Rohrbaugh, 2006, p.291), i.e., comportamentos intimidatórios (Madera & Toro-Alfonso, 2005). Nesta categoria, insere-se ainda um conceito, caracterizado também como um tipo de abuso, específico dos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, o *outing*, i.e., ameaça de revelação da orientação sexual do(a) parceiro(a) a indivíduos do seu círculo pessoal (Kay & Jeffries, 2010; Nunan, 2004; Rohrbaugh, 2006). Pode surgir também o comportamento de assédio.

O abuso físico, que se caracteriza pela utilização, por parte do agressor, de força física (e.g., empurrar) com o intuito de controlar e subjugar o parceiro (Kulkin et al., 2007; Madera & Toro-Alfonso, 2005; Rohrbaugh, 2006), podendo envolver comportamentos que causem danos corporais e/ou destruição de propriedade do visado (Nunan, 2004).

O abuso sexual, este caracteriza-se pela utilização de ameaças, ações ou palavras, com a finalidade de forçar o(a) parceiro(a) a envolver-se em atividades sexuais não consentidas (Madera & Toro-Alfonso, 2005; Rohrbaugh, 2006).

E, por fim, o abuso económico/financeiro, este tipo de abuso acarreta comportamentos de abuso económico, controlo ou roubo de dinheiro ao(à) parceiro(a); promoção, por parte do agressor, da dependência da vítima; concretização de decisões financeiras sem o aval do(a) parceiro(a); controlo das finanças do(a) parceiro(a) (Madera & Toro-Alfonso, 2005; Ristock, 2003).

Quanto às dinâmicas, tal como nos relacionamentos íntimos violentos heterossexuais, também nas relações entre parceiros do mesmo sexo é patente a ocorrência de violência algo previsível, cíclica e que se intensifica ao longo do tempo (Ristock, 2003; Walker, 2009), caracterizada por três fases.

A primeira fase do aumento de tensão é caracterizada por uma escalada gradual da mesma, através de ameaças por parte do agressor, que causam à vítima uma sensação de perigo (Nunan, 2004; Walker, 2009).

Na segunda fase do ataque violento, em resultado da tensão crescente, são perpetrados atos de violência física e/ou psicológica por parte do agressor sobre a vítima. É tipicamente nesta fase que ocorrem injúrias (Walker, 2009).

Por fim, na terceira e última fase denominada de lua-de-mel, o agressor, posteriormente ao episódio de violência, modifica o seu comportamento, tratando a vítima com carinho, delicadeza e atenção, demonstrando arrependimento, desculpando-se pelas agressões, e negando a ocorrência do abuso, enfatizando a mudança no seu comportamento, levando a vítima a acreditar que os episódios de violência são casos isolados que não se voltarão a repetir. Por sua vez, a vítima acredita na possibilidade de mudança (Nunan, 2004; Walker, 2009). Com o tempo, esta fase tende a diminuir e a extinguir-se, tomando a segunda fase maior intensidade e frequência (Walker, 2009).

O presente trabalho tem como objetivo identificar a suma dos trabalhos científicos realizados com a população homossexual (*gays* e lésbicas), adultos, que foquem esta problemática da violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo, nomeadamente relacionados com a prevalência e com os fatores de risco associados ao fenómeno,

sistematizando assim os trabalhos desenvolvidos e aprofundando os principais resultados alcançados até à data.

Metodologia

Procedimentos da Pesquisa

A pesquisa concretizou-se através da exploração nas seguintes bases de dados, *B-On*, *PsycINFO*, *PubMed* e *Sage*, de acordo com o seguinte critério de palavras-chave e operadores booleanos: (*Prevalence of violence AND risk factors*) AND (*same-sex relationships OR same-gender relationships OR gay couples OR lesbian couples*).

De modo a selecionar todos os artigos elegíveis, que, eventualmente, não constassem nas bases de dados pesquisadas, a estratégia de pesquisa utilizada, para além de incluir a procura nas bases de dados eletrónicas, como acima referido, incluiu também o método de investigação “*snowball*”, explorando citações de artigos relevantes, assim como a realização de pesquisas *online*, i.e., repositórios de universidades, entre outros *sites* credíveis que abordam esta temática. A pesquisa foi realizada de fevereiro a abril de 2016.

Critérios de Inclusão e de Exclusão

No que concerne aos critérios de inclusão, foram utilizados os seguintes critérios: (a) estudos em inglês, português e espanhol; b) artigos publicados nos últimos 15 anos (2000 a 2016); c) estudos com uma amostra igual ou superior aos 18 anos de idade; d) estudos qualitativos, quantitativos e mistos; e) trabalhos de revisão de literatura ou de discussão teórica; f) estudos e artigos somente sobre homossexuais.

Relativamente aos critérios de exclusão, foram utilizados os seguintes critérios: a) estudos não escritos em inglês, português e espanhol; b) artigos anteriores ao ano 2000; c) estudos com uma amostra com idades inferiores aos 18 anos de idade; d) estudos e artigos que foquem, somente, a violência em relacionamentos heterossexuais.

É de salientar que na apresentação dos resultados deste trabalho, incluiu-se um estudo anterior ao ano de 2000 pois, trata-se de um estudo de referência.

Seleção dos Artigos

A seleção dos artigos foi realizada através de três etapas. Ao relizar-se a pesquisa nas bases de dados, obteve-se um total de 125 resultados (65 na *B-On*, 2 no *PsycINFO*, 16 na *PubMed* e 42 na *Sage*). Ao considerar-se os critérios de inclusão e de exclusão, referidos anteriormente, o processo de seleção dos artigos ocorreu em três etapas.

Etapa 1.

Realizou-se uma primeira seleção de 125 resultados, com base na leitura dos títulos e dos resumos dos trabalhos, excluíram-se 98 resultados. Assim, na *B-On* retiraram-se 53

resultados, no *PsycINFO* retiraram-se 2 resultados, na *PubMed* retiraram-se 12 resultados e na *Sage* retiraram-se 31 resultados. Desta seleção resultaram assim, 27 artigos.

Etapa 2.

Na segunda etapa procedeu-se à leitura, na íntegra, e à análise pormenorizada dos 27 artigos, que resultaram da primeira etapa. Nesta análise foram excluídos 10 artigos, que não preencheram os critérios de inclusão: um artigo por estar relacionado apenas com a perpetração de violência (no contexto feminino); um artigo que não se enquadrava na temática; três artigos relacionados apenas com a prática dos profissionais/contexto profissional; quatro artigos em que a população não correspondia à população a ser estudada (e.g., amostra apenas de homens com vírus da imunodeficiência humana - HIV; amostra de adolescentes) e um artigo que se encontrava repetido em duas bases de dados. Assim, desta etapa resultaram 17 artigos para análise no presente trabalho.

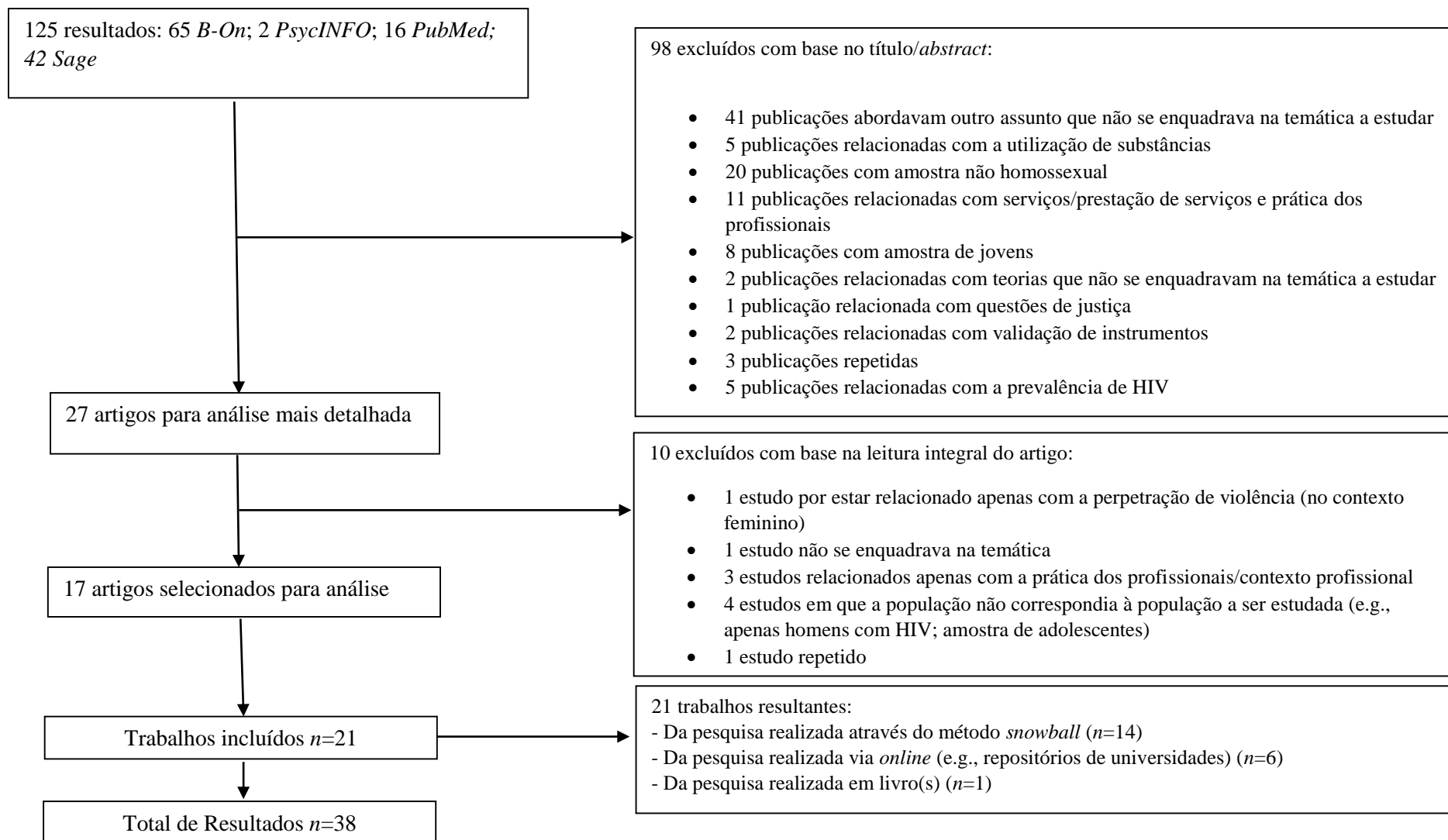
Etapa 3.

Posteriormente à pesquisa realizada nas bases de dados eletrónicas, passou-se à realização da pesquisa através do método “*snowball*”, do qual resultaram 14 trabalhos para análise no presente trabalho, e à pesquisa realizada por meio *online* da qual resultaram seis trabalhos para análise no presente trabalho. Pesquisou-se também em livros, desta pesquisa retirou-se um resultado. Perfazendo um total de 21 resultados.

Assim, para a realização do presente trabalho foram utilizados um total de 38 artigos.

É de salientar que a selecção dos estudos nas três etapas, foi concretizada a partir da leitura e análise de duas investigadoras. Em caso de possíveis dúvidas, recorreu-se a uma terceira investigadora.

Figura 1
Fluxograma



Resultados

Nesta categoria apresentam-se os dados da análise descritiva dos 27 trabalhos selecionados, para a qual se procedeu à extração dos dados mais relevantes, nomeadamente, o tipo de publicação: estudo empírico ($n=22$) ou revisão de literatura sobre os temas ($n=5$).

É de salientar que, relativamente aos estudos de prevalência do fenómeno existem 17 estudos no total, no que concerne aos estudos relacionados com os fatores de risco associados à violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo, denota-se escassa realização de estudos direcionados somente a esta temática, assim sendo, utilizaram-se estudos que se focam na temática da prevalência, mas que ainda assim abordam a questão dos fatores de risco (e.g., Antunes & Machado, 2005; Greenwood, Relf, Bu Huang, Pollack, Canchola, & Catania, 2002), de modo a complementar esta questão. Desta forma, nesta categoria, não se caracterizarão esses estudos duas vezes (i.e., Antunes & Machado, 2005; Greenwood et al., 2002), apenas se irá explanar os resultados obtidos através dos mesmos. Uma vez que são estudos que se debruçam sobre a análise da prevalência do fenómeno, serão caracterizados juntamente com os estudos de prevalência.

Assim sendo e de modo a concluir, no total existem 17 estudos de prevalência e cinco estudos sobre fatores de risco (mais dois estudos de prevalência que abordam também a temática dos fatores de risco, cuja caracterização será realizada juntamente com os estudos de prevalência, mas os resultados serão apresentados também na temática dos fatores de risco).

Relativamente aos estudos empíricos ($n=22$, i.e., 17 estudos de prevalência e cinco estudos acerca dos fatores de risco), selecionaram-se dados relativamente ao(s) autor(es); ano de publicação do estudo; país onde o mesmo foi realizado; *design* do estudo; amostra/participantes; dados de prevalência e principais resultados. No que concerne às cinco revisões de literatura, que abordam os fatores de risco, recolheram-se dados relativamente ao(s) autor(es); ano de publicação e principais conclusões.

Estudos Empíricos acerca da Prevalência e dos Fatores de Risco de Violência entre Parceiros Íntimos do Mesmo Sexo

Dos 17 estudos selecionados sobre a prevalência da violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo, quatro foram desenvolvidos nos Estados Unidos da América, não especificando o local (Greenwood et al., 2002; Lockhart, White, Causby, & Isaac, 1994; McClennen, Summers, & Daley, 2002; Messinger, 2011), um nos Estados Unidos da América e Venezuela (Burke et al., 2002), três em Portugal (Antunes & Machado, 2005; Costa et al., 2009; Domingues, 2015), dois em Porto Rico (Mena et al., 2005; Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera,

2004), dois em Vancouver (Bartholomew, Regan, White, & Oram, 2008a; Stanley, Bartholomew, Taylor, Oram, & Landolt, 2006), um em São Francisco (Oringher & Samuelson, 2011), um em Chicago (Houston & McKirnan, 2007), um no Canadá (Ristock, 2003), um em Atlanta (Eaton et al., 2008), e um em Houston (Turell, 2000).

Relativamente aos cinco estudos selecionados, que abordam a temática dos fatores de risco de violência nos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, um foi realizado nos Estados Unidos da América (Carvalho et al., 2011), um em Vancouver (Bartholomew, Regan, Oram, & White, 2008b), um no Reino Unido (Hester et al., 2010), um em Hong Kong (Chong et al., 2013), e um na Austrália (Kay & Jeffries, 2010).

Design.

Relativamente ao *design* dos estudos, no que concerne estudos sobre a prevalência da violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo, seis estudos têm um carácter exploratório (Antunes & Machado, 2005; Costa et al., 2009; Domingues, 2015; Greenwood et al., 2002; Lockhart et al., 1994; Messinger, 2011), dois estudos têm carácter comparativo (Burke et al., 2002; Mena et al., 2005), dois estudos carácter descritivo (Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2004; Turell, 2000), dois estudos carácter qualitativo (Ristock, 2003; Stanley et al., 2006), um estudo carácter transversal (Eaton et al., 2008), e quatro estudos não fazem referência ao tipo de estudo realizado (Bartholomew et al., 2008a; Houston & McKirnan, 2007; McClennen et al., 2002; Oringher & Samuelson, 2011).

No que concerne ao *design* dos estudos relacionados com a temática dos fatores de risco de violência nos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, um estudo adoptou um *design* exploratório (Chong et al., 2013), um estudo apresenta carácter descritivo (Carvalho et al., 2011) e três estudos não fazem referência ao tipo de estudo realizado (Bartholomew et al., 2008b; Hester et al., 2010; Kay & Jeffries, 2010).

Características das amostras/participantes.

Para melhor se compreender esta secção, torna-se pertinente fazer uma distinção entre os estudos de prevalência de violência nos relacionamentos íntimos entre parceiros do mesmo sexo, que utilizaram amostras mistas (i.e., gays, lésbicas, bissexuais e transgéneros – homens e mulheres), os estudos que utilizaram apenas amostras de homens e os estudos que utilizaram apenas amostras de mulheres.

No que concerne à constituição das amostras no que diz respeito à variável sexo, relativamente aos estudos que utilizaram amostras mistas, quatro estudos utilizaram amostra mista (homens e mulheres) (Antunes & Machado, 2005; Burke et al., 2002; Costa et al., 2009; Messinger, 2011), dois estudos utilizaram amostra que contemplava gays, lésbicas, bissexuais

e transgêneros (Mena et al., 2005; Turell, 2000), e um estudo utilizou uma amostra que contemplava *gays*, lésbicas e bissexuais (Domingues, 2015).

No que diz respeito à dimensão da amostra, relativamente aos estudos que utilizaram amostra mista, é de salientar a existência de uma notável variabilidade em termos de dimensão, nomeadamente um estudo contempla uma amostra de 63 participantes (Antunes & Machado, 2005), dois estudos contemplam uma amostra na casa dos 70 participantes ($n=72$ e $n=74$, respetivamente) (Burke et al., 2002; Domingues, 2015), um estudo obteve uma amostra de 151 participantes (Costa et al., 2009), um estudo contempla uma amostra de 201 participantes (Mena et al., 2005), um estudo obteve uma amostra de 499 participantes (Turell, 2000) e, um estudo obteve uma amostra de 14.182 participantes (Messinger, 2011).

No que diz respeito às faixas etárias apresentadas nos estudos com amostra mista, as faixas etárias variaram entre os 15 (Costa et al., 2009)/16 anos (Turell, 2000) e 18 (Burke et al., 2002; Messinger, 2011)/20 anos (Antunes & Machado, 2005; Mena et al., 2005), até aos 59 (Burke et al., 2002)/60 (Antunes & Machado, 2005; Costa et al., 2009; Mena et al., 2005)/74 anos (Turell, 2000). Apenas um estudo diferenciou as faixas etárias consoante a orientação sexual (*gay*, lésbica, bissexual) (Domingues, 2015).

No que concerne à inclusão de outras variáveis sociodemográficas ou variáveis estáticas, apresentadas nos estudos com amostra mista, as mais referenciadas foram o género (Burke et al., 2002; Mena et al., 2005; Turell, 2000), a raça/etnia (Burke et al., 2002; Messinger, 2011; Turell, 2000), a orientação sexual (Antunes & Machado, 2005; Costa et al., 2009; Mena et al., 2005; Messinger, 2011; Turell, 2000), a educação/habilitações literárias (Antunes & Machado, 2005; Domingues, 2015; Messinger, 2011), os rendimentos (Messinger, 2011), o distrito de residência (Antunes & Machado, 2005; Domingues, 2015), e a nacionalidade, classe social, profissão e tempo de duração do relacionamento amoroso (Domingues, 2015).

No que concerne à constituição das amostras no que diz respeito à variável sexo, relativamente aos estudos que utilizaram amostras de homens, quatro estudos obtiveram uma amostra de *gays* e bissexuais (Bartholomew et al., 2008a; Houston & McKirnan, 2007; Oringher & Samuelson, 2011; Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2004), um estudo obteve uma amostra de homens homossexuais e bissexuais (Stanley et al., 2006), e um estudo contempla uma amostra de homens homossexuais, *gays*, bissexuais e homens heterossexuais (Greenwood et al., 2002).

Relativamente à dimensão da amostra, no que diz respeito aos estudos que utilizaram amostras de homens, um estudo contempla uma amostra de 69 participantes (Stanley et al., 2006), dois estudos contemplam amostras entre os 117 (Oringher & Samuelson, 2011) e os 199

(Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2004) participantes, um estudo obteve uma amostra de 284 participantes (Bartholomew et al., 2008a), um estudo contempla uma amostra de 817 participantes (Houston & McKirnan, 2007), e um estudo apresenta uma amostra de 2881 participantes (Greenwood et al., 2002).

Relativamente às faixas etárias apresentadas nos estudos que utilizaram amostras de homens, um estudo apresenta faixas etárias entre os 18 e os 60 ou mais anos (Greenwood et al., 2002), dois estudos apresentam faixas etárias entre os 20 e os 71 anos (Bartholomew et al., 2008a; Oringher & Samuelson, 2011), um estudo contempla faixas etárias entre os 25 e os 63 anos (Stanley et al., 2006) e dois estudos apresentam as médias de idades de 29 (Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2004) e 33 anos (Houston & McKirnan, 2007).

No que concerne à inclusão de outras variáveis sociodemográficas ou variáveis estáticas, apresentadas nos estudos que utilizaram amostras de homens, as mais referenciadas foram a raça/etnia (Bartholomew et al., 2008a; Greenwood et al., 2002; Houston & McKirnan, 2007; Oringher & Samuelson, 2011; Stanley et al., 2006), a orientação sexual (Bartholomew et al., 2008a; Greenwood et al., 2002; Houston & McKirnan, 2007; Oringher & Samuelson, 2011; Stanley et al., 2006; Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2004), a educação (Greenwood et al., 2002; Houston & McKirnan, 2007), os rendimentos (Greenwood et al., 2002; Houston & McKirnan, 2007), e a ocupação, distrito de residência e condição de HIV positivo (Greenwood et al., 2002).

No que concerne à constituição das amostras no que diz respeito à variável sexo, relativamente aos estudos com amostras de mulheres, dois estudos focaram-se em amostras de mulheres lésbicas (Lockhart et al., 1994; McClennen et al., 2002), um estudo focou-se numa amostra de mulheres que estivessem atualmente num relacionamento ou que tivessem tido um relacionamento anterior com parceiras do mesmo sexo (Eaton et al., 2008), e um estudo focou-se numa amostra de mulheres que se identificassem como *gay*, bissexuais, *queer*, heterossexuais e transgénero (Ristock, 2003).

Referente à dimensão da amostra, relativamente aos estudos com amostras de mulheres, dois estudos contemplam uma amostra entre os 80 (Ristock, 2003) e as 100 participantes (McClennen et al., 2002), um estudo apresenta uma amostra de 226 participantes (Eaton et al., 2008), e um estudo contempla uma amostra de 284 participantes (Lockhart et al., 1994).

No que diz respeito às faixas etárias apresentadas nos estudos com amostras de mulheres, um estudo apresenta faixas etárias entre os 18 e os 66 anos (Ristock, 2003), um estudo entre os 21 e os 60 anos (Lockhart et al., 1994), e dois estudos diferenciam as médias das idades consoante: mulheres abusadas $M=37.33$ e não abusadas $M=39.35$ (McClennen et al., 2002) e

se têm história de violência por parte do parceiro íntimo $M=33.5$ ou se não têm história de violência por parte do parceiro íntimo $M=33.1$ (Eaton et al., 2008).

Relativamente à inclusão de outras variáveis sociodemográficas ou variáveis estáticas, apresentadas nos estudos que contemplam amostras de mulheres, as variáveis com maior ênfase são, a raça/etnia (Eaton et al., 2008; Lockhart et al., 1994; McClennen et al., 2002; Ristock, 2003), a orientação sexual (Eaton et al., 2008; Ristock, 2003), a ocupação (Eaton et al., 2008; Lockhart et al., 1994), os rendimentos (Eaton et al., 2008; Lockhart et al., 1994), a educação/escolaridade (Eaton et al., 2008; Lockhart et al., 1994), a classe social (Ristock, 2003), e o tipo de relacionamento (Eaton et al., 2008).

No que concerne à constituição das amostras no que diz respeito à variável sexo, relativamente aos estudos que abordam a temática dos fatores de risco, um estudo focou-se em amostra de gays e lésbicas (Carvalho et al., 2011), um estudo contemplou amostra de gays e bissexuais (Bartholomew et al., 2008b), um estudo utilizou amostra de quatro representantes de organizações que prestam serviços à comunidade gay (Kay & Jeffries, 2010), um estudo contemplou amostra de mulheres e homens heterossexuais, lésbicas, gays, queer, bissexuais e transgêneros (Hester et al., 2010), e um estudo utilizou amostra de lésbicas, gays e bissexuais (Chong et al., 2013).

No que diz respeito à dimensão da amostra, relativamente aos estudos que abordam a temática dos fatores de risco, um estudo contém uma amostra de 90 participantes (Hester et al., 2010), um estudo contempla uma amostra de 186 participantes (Bartholomew et al., 2008b), um estudo contém uma amostra de 306 participantes (Chong et al., 2013), um estudo utilizou uma amostra de 581 participantes (Carvalho et al., 2011), e um estudo contempla uma amostra de representantes de quatro organizações que prestam serviço de apoio às vítimas de violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo masculino (Kay & Jeffries, 2010).

No que diz respeito às faixas etárias apresentadas nos estudos que abordam a temática dos fatores de risco, um estudo apresenta faixas etárias dos 18 aos 51 anos ou mais (Carvalho et al., 2011), um estudo apresenta faixas etárias dos 20 aos 71 anos (Bartholomew et al., 2008b), um estudo apresenta média de idades de 26.27 anos (Chong et al., 2013), e dois estudos não fazem referência a este critério (Hester et al., 2010; Kay & Jeffries, 2010).

No que concerne à inclusão de outras variáveis sociodemográficas ou variáveis estáticas, relativamente aos estudos que abordam a temática dos fatores de risco, as variáveis com maior ênfase são, a orientação sexual (Bartholomew et al., 2008b; Carvalho et al., 2011; Chong et al., 2013), o tipo e tempo de relacionamento (Bartholomew et al., 2008b; Carvalho et al., 2011; Chong et al., 2013), a educação (Bartholomew et al., 2008b; Carvalho et al., 2011; Chong et

al., 2013), a raça/etnia (Carvalho et al., 2011; Chong et al., 2013), e os rendimentos, as experiências de abuso na infância e a ocupação (Chong et al., 2013). É de salientar que dois estudos (Hester et al., 2010; Kay & Jeffries, 2010), não fazem referência a este critério.

Contexto de recrutamento e processo de amostragem.

Relativamente ao contexto de recrutamento, no que diz respeito aos estudos de prevalência que utilizaram amostra mista, dois estudos recolheram a amostra com o auxílio de associações de defesa dos direitos da população homossexual (Antunes & Machado, 2005; Costa et al., 2009), um estudo recolheu a amostra via *online* (através do método “*snowball*”) (Burke et al., 2002), um estudo recolheu a amostra através da disponibilidade dos participantes (Mena et al., 2005), um estudo recolheu a amostra no âmbito do *National Violence Against Women Survey* (Messinger, 2011), um estudo recolheu a amostra através do envio de *e-mail's* e colaboração de várias entidades que trabalham com a população homossexual e associações/núcleos de estudantes (Domingues, 2015), e um estudo recolheu a amostra através de grupos sociais, políticos, religiosos e comunitários *gay*, lésbico, bissexual e transgénero (GLBT) e através do auxílio de profissionais de saúde médica e mental, livrarias locais, centros comunitários e centros de mulheres (Turell, 2000).

Relativamente ao contexto de recrutamento, no que diz respeito aos estudos de prevalência que utilizaram apenas amostras de homens, um estudo recolheu a amostra em locais frequentados por homens *gay* e bissexuais, eventos “*Black Gay Pride*”, clubes latinos e feira de rua local (Houston & McKirnan, 2007), um estudo recolheu a amostra na comunidade onde se realizou o estudo (Stanley et al., 2006), um estudo recolheu a amostra numa comunidade de homens *gay* e bissexuais (Bartholomew et al., 2008a), um estudo recolheu a amostra através de listas de endereços comerciais de homossexuais e através de dados dos censos (Greenwood et al., 2002), um estudo recolheu a amostra via *online*, através do envio de *e-mail's* para listas LGBT e através de centros comunitários na área de realização do estudo (Oringher & Samuelson, 2011), e um estudo recolheu a amostra através de organizações que prestam serviços a homossexuais, através das redes sociais e através do envio de cartas (Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2004).

Relativamente ao contexto de recrutamento, no que diz respeito aos estudos de prevalência que utilizaram apenas amostras de mulheres, um estudo recolheu a amostra num festival de música destinado a mulheres (Lockhart et al., 1994), um através de um evento de orgulho *gay* (Eaton et al., 2008), um através de agências membros da *National Coalition Of Anti-Violence Programs*, convites pessoais, anúncios colocados em publicações locais e nacionais orientadas para a população lésbica e em dois festivais *Pride* (McClennen et al., 2002), e um através de

avisos colocados em jornais da comunidade *gay* e lésbica, livrarias de mulheres, bares de mulheres e numa variedade de organizações LGBT e organizações feministas (Ristock, 2003).

No que concerne ao processo de amostragem, relativamente a todos os estudos de prevalência de violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo, cinco estudos adotaram um processo de amostragem aleatório (Bartholomew et al., 2008a; Greenwood et al., 2002; Ristock, 2003; Stanley et al., 2006; Turell, 2000), três estudos adotaram um processo de amostragem não aleatório (Lockhart et al., 1994; Mena et al., 2005; Oringher & Samuelson, 2011), um estudo adotou um processo de amostragem *multiframe* (Houston & McKirnan, 2007), seis estudos utilizaram amostras de conveniência (Antunes & Machado, 2005; Burke et al., 2002; Costa et al., 2009; Eaton et al., 2008; McClennen et al., 2002; Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2004), um estudo adotou o método “*snowball*” (Domingues, 2015), e um estudo não refere o processo utilizado (Messinger, 2011).

Relativamente ao contexto de recrutamento, no que diz respeito aos estudos acerca dos fatores de risco, um estudo recolheu a amostra através da divulgação do estudo em jornais *gay/lésbicos*, internet, festivais *gay/lésbicos*, livrarias, organizações e através de contactos pessoais e profissionais (Carvalho et al., 2011), um estudo obteve a amostra através de entrevistas telefónicas inseridas no projeto *West End Relationships Project* (Bartholomew et al., 2008b), um estudo adquiriu a amostra através da divulgação do estudo em organizações lésbicas, *gays* e bissexuais (LGB), plataformas na internet relacionadas com população LGB, *e-mails* e anúncios eletrónicos enviados para assinantes e membros de várias agências LGB locais filiadas, lançamento de *banners* eletrónicos em sites populares LGB de entretenimento e socialização e através da divulgação do estudo no “*Hong Kong Lesbian and Gay Film*”, “*Video Festival*” e “*Gay Pride Parade*” (Chong et al., 2013), um estudo recolheu amostra através da divulgação do estudo a organizações que fornecem suporte à comunidade *gay*, lésbica, bissexual, transgénero e intersexo (GLBTI), centros médicos, serviços de aconselhamento e polícia (Kay & Jeffries, 2010) e, por último, um estudo recolheu amostra da comunidade onde o estudo foi realizado (Hester et al., 2010).

No que concerne ao processo de amostragem, no que diz respeito aos estudos acerca dos fatores de risco, um estudo adotou o processo de amostragem aleatório (Bartholomew et al., 2008b), um estudo utilizou uma técnica de amostragem não-probabilística (Chong et al., 2013), um estudo adotou o método “*snowball*” (Carvalho et al., 2011), e dois estudos não referem o processo utilizado (Hester et al., 2010; Kay & Jeffries, 2010).

Tabela 1

Instrumentos utilizados nos estudos

Autor(es) do Estudo	Instrumento(s)/Metodologia(s) Utilizado(s)
Estudos de Prevalência com Amostra Mista	
Burke, Jordan, & Owen (2002)	<i>Questionário de auto-relato sem especificação*</i> (Burke, Jordan, & Owen, 2002)
Turell (2000)	<i>Questionário de auto-relato sem especificação*</i> (Turell, 2000)
Antunes & Machado (2005)	<i>Inventário de Violência Conjugal</i> (Matos, Machado, & Gonçalves, 2000)
Costa, Machado, & Antunes (2009)	<i>Inventário de Violência Conjugal adaptado para as relações homossexuais</i> (Costa & Machado, 2007)
Mena, Rodríguez, & Malavé (2005)	<i>Escala para medir la Violencia Doméstica y las Destrezas para el Manejo de Conflictos en Parejas Gay Puertorriqueños</i> (Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2000)
Domingues (2015)	<i>Violence and Abuse in Same-Sex Relationships</i> (Noret & Richards, 2003; tradução efetuada por Domingues, Sani, & Soeiro, 2014)
Messinger (2011)	<i>Conflict Tactics Scales</i> (Straus, 1979)
Estudos de Prevalência com Amostra de Homens	
Stanley, Bartholomew, Taylor, Oram, & Landolt (2006)	<i>History of Attachments Interview</i> (Henderson, 1998)
Bartholomew, Regan, White, & Oram (2008a)	- <i>Revised Conflict Tactics Scales</i> (Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996) - Versão modificada do <i>Conflict Tactics Scales</i> (Straus, 1979) - <i>Psychological Maltreatment of Women Inventory</i> (Tolman, 1989)
Greenwood, Relf, Bu Huang, Pollack, Canchola, & Catania (2002)	Versão modificada do <i>Conflict Tactics Scales</i> (Straus, 1979)

- Oringer & Samuelson (2011) - *Conformity Scale of Nabavi* (Nabavi, 2004)
- *Green's Masculinity Attitudes Stress Conformity Scale* (Nabavi & Green, 2002)
- *Conflict Tactic Scale—Second Edition* (Straus, Hamby, BoneyMcCoy, & Sugarman, 1995)
- Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera (2004) *Questionário auto-administrado* (Toro-Alfonso & Nieves-Rosa, 1996)
- Houston & McKirnan (2007) *Questionário de auto-relato sem especificação** (Houston & McKirnan, 2007)
- Estudos de Prevalência com Amostra de Mulheres
- Lockhart, White, Causby, & Isaac (1994) - *Questionário de auto-relato sem especificação** (Lockhart, White, Causby, & Isaac, 1994)
- *Conflict Resolution Tactics Scale* (Straus's, 1979)
- Ristock (2003) - *Entrevista telefônica** (Ristock, 2003)
- *Entrevista semi-estruturada** (Ristock, 2003)
- *Grupos focais** (Ristock, 2003)
- McClennen, Summers, & Daley (2002) *The Lesbian Partner Abuse Scale-Revised* (McClennen, Summers, & Daley, 2002)
- Eaton, Kaufman, Fuhrel, Cain, Cherry, Pope, & Kalichman (2008) - *Questionário de auto-relato sem especificação** (Eaton, Kaufman, Fuhrel, Cain, Cherry, Pope, & Kalichman, 2008)
- *Drug Abuse Screening Test* (Skinner, 1982)
- *Alcohol Use Disorders Identification Test* (Saunders, Aasland, Babor, De La Fuente, & Grant, 1993)
- *Sexual Relationships Power Scale* (Pulerwitz, Gortmaker, & DeJong, 2000)
- Estudos acerca dos Fatores de Risco
- Carvalho, Lewis, Derlega, Winstead, & Viggiano (2011) - *Questionário de auto-relato sem especificação** (Carvalho, Lewis, Derlega, Winstead, & Viggiano, 2011)
- *Outness Inventory* (Mohr & Fassinger, 2000)
- *Internalized Homophobia Scale* (Herek, Cogan, Gillis, & Glunt, 1998)
- *Stigma-Consciousness Questionnaire* (Pinel, 1999)

- Bartholomew, Regan, Oram, & White (2008b)
- *Entrevista telefônica** (Bartholomew, Regan, Oram, & White, 2008)
 - *Questionário de follow-up* e entrevista semi-estruturada** (Bartholomew, Regan, Oram, & White, 2008)
 - Versão modificada de *Conflict Tactics Scales* (Straus, 1979)
 - *Relationship Scales Questionnaire* (Griffin & Bartholomew, 1994)
 - *Internalized Homophobia Scale* (Wagner, Serafini, Rabkin, Remien, & Williams, 1994)
- Kay & Jeffries (2010)
- *Entrevista semi-estruturada** (Kay & Jeffries, 2010)
- Hester, Donovan, & Fahmy (2010)
- *Entrevista semi-estruturada** (Hester, Donovan, & Fahmy, 2010)
- Chong, Mak, & Kwong (2013)
- *Questionário auto-administrado** (Chong, Mak, & Kwong, 2013)
 - *Subscales of the Personal and Relationship Profile* (Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1999).
 - *General Perceived Self-efficacy Scale* (Zhang & Schwarzer, 1995)
 - *Short-form Internalized Homophobia Scale* (Herek, Cogan, & Gillis, 2000)
 - *Subscale of the PRP* (Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1999)
 - *72-item Revised Conflict Tactics Scale* (Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996)

*Nota.** Instrumento(s)/Metodologia(s) elaborada(s) pelo(s) autor(es) com base nas especificidades de cada estudo.

Dados de Estudos de Prevalência de Violência entre Parceiros Íntimos do Mesmo Sexo e Principais Resultados

Principais objetivos.

No que concerne aos estudos de prevalência que utilizaram amostra mista, a análise da prevalência da violência doméstica entre pessoas do mesmo sexo assumiu-se como principal objetivo em seis estudos (Antunes & Machado, 2005; Burke et al., 2002; Costa et al., 2009; Mena et al., 2005; Messinger, 2011; Turell, 2000), seguidamente, assumiu-se como objetivo empírico, o estudo da prevalência da violência e as características associadas ao fenómeno da violência nos casais de *gays*, lésbicas e bissexuais, tanto no que concerne à vitimação como à perpetração, nas relações passadas e presentes (Domingues, 2015).

Relativamente aos estudos de prevalência que utilizaram apenas amostras de homens, assumiram-se como principais objetivos: a exploração da natureza geral da violência íntima entre homens do mesmo sexo (Stanley et al., 2006); o examinar os padrões de abuso entre parceiros do mesmo sexo, quer ao nível da perpetração como ao nível da vitimação (Bartholomew et al., 2008a); o medir a prevalência da vitimação entre homens que fazem sexo com homens e identificar as características dos mesmos (Greenwood et al., 2002); o descrever os padrões de abuso entre parceiros íntimos homens que fazem sexo com homens e testar os fatores psicossociais associados ao abuso (Houston & McKirnan, 2007); o descrever as taxas de prevalência de violência entre parceiros íntimos no que concerne à perpetração e à vitimação, explorar a bidirecionalidade do abuso e examinar as diferenças nas taxas de masculinidade entre homens que perpetram e não perpetram violência nas relações íntimas (Oringher & Samuelson, 2011); e por fim, identificar a prevalência da violência doméstica (em três manifestações, emocional, física e sexual) na vida dos participantes, identificar o nível de violência na família de origem, os comportamentos aditivos dos participantes e a exposição a estes comportamentos na infância e identificar as habilidades de resolução de conflitos dos participantes (Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2004).

No que diz respeito aos estudos de prevalência que utilizaram apenas amostras de mulheres, assumiram-se como principais objetivos: determinar a extensão e a natureza do conflito nas relações lésbicas (Lockhart et al., 1994); compreender a dinâmica das relações lésbicas abusivas e as respostas dos prestadores de serviços sociais relativamente ao abuso (Ristock, 2003); concepção de uma escala de medida de modo a identificar as variáveis relacionadas com o desequilíbrio de poder entre casais de lésbicas, que resultem em abuso entre parceiras (McClennen et al., 2002); e por fim, examinar os fatores que co-existem com a violência

interpessoal nas relações lésbicas e as dinâmicas de poder relacionadas com o relacionamento (Eaton et al., 2008).

Principais resultados dos estudos de prevalência com amostra mista.

Relativamente aos principais resultados elencados nos estudos, no que concerne aos estudos de prevalência que utilizaram amostra mista, Burke e colegas (2002) constataram que cerca de 68.49% da amostra experienciou alguma forma de violência doméstica (72.97% participantes venezuelanos e 62.86% participantes dos EUA), as formas mais comuns de violência doméstica são assédio verbal e proibição de contactos sociais (40.28%), cerca de 27% dos participantes venezuelanos informou que sofre de violência uma ou duas vezes comparativamente a 6% dos participantes norte-americanos, e 23% dos participantes norte-americanos relatou ter sido agredido três vezes ou mais comparativamente a 5% da amostra venezuelana.

No seu estudo, Turell (2000) constatou que 9% dos participantes do estudo era vítima de algum tipo de violência na atual relação e 32% dos participantes foi vítima de violência no passado (comportamentos emocionalmente abusivos e comportamentos fisicamente ameaçadores). Relativamente aos comportamentos sexualmente abusivos, 1% relatou os mesmos na atual relação e 9% nas relações passadas. O autor constatou também que, pelo menos um dos itens relacionados com o abuso monetário foi reportado por 40% da amostra e que pelo menos um item de abuso emocional foi experienciado por 83% dos participantes. Comparando os diferentes sexos, as mulheres relataram diferenças significativamente mais elevadas no abuso físico (55% vs 44%), na coerção (59% vs 42%), na ameaça (57% vs 45%), na humilhação (77% vs 62%) e no utilizar crianças como ferramentas de manipulação (12% vs 5%). Os participantes que se auto-identificaram como bissexuais, relataram menos abuso do que os homens *gays*, mulheres lésbicas ou mulheres homossexuais.

No estudo de Antunes e Machado (2005) constatou-se que 20.6% dos participantes que estavam na altura envolvidos em alguma relação revela ter sido vítima de pelo menos um ato abusivo durante o último ano e 15.9% admite ter adoptado algum tipo de comportamento violento relativamente ao seu companheiro. Relativamente à vitimação, 4.8% refere um comportamento violento ocorrido uma única vez, 1.6 % um comportamento violento sofrido mais do que uma vez e 14.3% mais do que um comportamento violento. Dos que revelam ter sido agressores, 3.2% refere um comportamento violento ocorrido uma única vez e 12.7% mais do que um comportamento violento praticado. No que se refere às atuais relações, a violência psicológica foi referida em 12.7% da amostra relativamente aos participantes que se identificaram como vítimas, a violência psicológica e a violência física foram igualmente

referidas por cerca 9.5% dos participantes que se identificaram como agressores. No que concerne à violência sexual, esta não aparece referenciada, em nenhuma vertente (i.e., vítima ou agressor). No que diz respeito às relações íntimas anteriores, 61.9% mencionou comportamentos de vitimação por parte do companheiro e 46% revelou ter assumido algum tipo de comportamento violento contra o companheiro em alguma relação do passado. Tanto na vertente de vítima como na vertente de agressor, predomina a existência de comportamentos agressivos recorrentes (52.4% e 34.9%, respetivamente). Relativamente aos tipos de violência experienciada no passado, verifica-se que os maus-tratos físicos e psicológicos são os mais referidos pelos participantes, quer na vertente de vítimas quer na de agressores (34.9% e 25.4% respetivamente), seguido-se os maus-tratos psicológicos isolados (19% vítimas e 12.7% agressores). Em 1.6% da amostra verifica-se a existência de vitimação sexual e psicológica conjunta. No caso de comportamentos violentos perpetrados no passado pelos participantes, a violência sexual é referenciada por 1.6%.

Costa e colegas (2009) constataram que 37.7% dos participantes do seu estudo revelara ter sido vítima de pelo menos um ato abusivo perpetrado pelo companheiro no último ano e 39.1% dos participantes admitira ter adoptado algum tipo de comportamento violento em relação aos seus parceiros íntimos. Quanto à vitimação, 35.1% dos participantes admitira ter sido vítima de pelo menos um ato de violência emocional, 24.5% revelara ter sido fisicamente agredido pelo parceiro íntimo e 3.3% admitira ter sido vítima de pelo menos um comportamento sexualmente violento por parte do companheiro. Analisando os comportamentos abusivos perpetrados, verificou-se que a violência psicológica foi referida com maior frequência (30.5%), seguindo-se o maltrato físico (24.5%) e a violência sexual (0.7%).

No seu estudo, Mena e colegas (2005), concluíram que 41.6% dos participantes da amostra consideram que foram vítimas de violência doméstica em alguma das suas relações (20.3% homens homossexuais e 19.3% mulheres lésbicas). O abuso psicológico foi a manifestação de violência doméstica identificada com maior prevalência por parte dos participantes, seguindo-se o abuso físico e o abuso sexual.

Messinger (2011), constatou, no seu estudo, que as médias para a vitimação na violência física e sexual entre parceiros íntimos são mais elevadas relativamente às mulheres, e que as médias para todas as formas de vitimação na violência entre parceiros íntimos são mais elevadas para a população *gay* ou bissexual, comparativamente aos participantes heterossexuais.

No seu estudo, Domingues (2015) constatou que, no que concerne aos comportamentos de vitimação, relativamente aos tipos de violência de que os participantes foram vítimas nas

relações passadas, 32.7% *gays*, 42.9% lésbicas e 27.3% bissexuais refere ter sofrido pelo menos um ato de violência física, quanto às atuais relações 10.8% *gays*, 21.4% lésbicas e 12.5% bissexuais mencionaram este tipo de violência. Cerca de 61.2% *gays*, 71.4% lésbicas e 63.6% bissexuais refere ter sofrido pelo menos um ato de violência psicológica/emocional nas relações passadas e nas atuais relações 35.1% *gays*, 35.7% lésbicas e 75% bissexuais refere este comportamento. Relativamente à violência sexual, no que concerne às relações passadas, pelo menos um ato deste teor é referido por 10.2% *gays*, 14.3% lésbicas e por nenhum bissexual, no que concerne à atual relação, 2.7% *gays*, 7.1% lésbicas e nenhum bissexual, refere pelos menos um comportamento deste teor. No que concerne à violência socioeconómica, nos relacionamentos passados, esta é referida por 18.4% *gays*, 42.9% lésbicas e 18.2% bissexuais, relativamente às atuais relações é mencionado por 10.8% *gays*, 14.3% lésbicas e por nenhum bissexual. Quanto ao comportamento de *outing*, relativamente aos relacionamentos passados, este é referido por 12.2% *gays*, 9.1% bissexuais e nenhuma lésbica, quanto às relações atuais, é apenas referido pelo grupo de *gays* por 2.7%. No que concerne à frequência dos comportamentos violentos recebidos nos três grupos, 16.3% *gays*, 14.3% lésbicas e 27.3% bissexuais refere pelo menos uma vez por mês. Relativamente aos comportamentos de perpetração, os resultados são inferiores. No que diz respeito à violência física, nas relações passadas, 24.5% *gays*, 35.7% lésbicas e 18.2% bissexuais refere ter praticado pelo menos um ato desta natureza, no que concerne à atuais relações, 10.8% *gays*, 21.4% lésbicas e 12.5% bissexuais refere ter praticado pelo menos um ato desta natureza. No que diz respeito à violência psicológica/emocional, esta é referida como tendo sido perpetrada pelo menos uma vez, nas relações passadas, por 44.9% *gays*, 57.1% lésbicas e 54.5% bissexuais, relativamente às atuais relações é referido por 35.1% *gays*, 21.4% lésbicas e 50% bissexuais. No que diz respeito à violência sexual, pelo menos a prática de um ato é referido por 2% *gays*, 7.1% lésbicas e por nenhum bissexual nas relações passadas, relativamente às atuais relações, este tipo de violência é referido apenas por 2.7% *gays*. A violência socioeconómica, é referida, relativamente às relações passadas, por 8.2% *gays*, 21.4% lésbicas e nenhum bissexual, quanto às atuais relações esta é referida por 5.4% *gays*, 7.1% lésbicas e novamente por nenhum bissexual. Relativamente aos comportamentos de *outing*, no que diz respeito às relações passadas, este é referido como tendo sido praticado por 4% *gays*, no que diz respeito às atuais relações este é referido como tendo sido praticado por 2.7% *gays*. No que concerne à frequência dos comportamentos violentos praticados nos três grupos, 25.5% *gays*, 35.7% lésbicas e 27.3% bissexuais refere menos de uma vez por mês.

Principais resultados dos estudos de prevalência com amostra de homens.

Relativamente aos principais resultados enlencados nos estudos, no que concerne aos estudos de prevalência que utilizaram apenas amostras de homens, Stanley e colegas (2006) no seu estudo, concluíram que 39% dos participantes inicialmente inquiridos referenciou pelo menos uma experiência de violência em algum relacionamento homossexual. Constataram que a frequência de incidentes violentos na relação variou de um a cerca de quarenta, com quatro ou menos incidentes violentos em 75% dos relacionamentos e, apenas um incidente violento em 44% dos relacionamentos. Em 44% dos incidentes violentos, os participantes relataram que tantos eles como os companheiros eram fisicamente violentos (violência bidirecional), dos incidentes que envolveram a violência não recíproca (violência unilateral) os participantes foram as únicas vítimas de violência em 29% e os únicos autores de violência em 27%.

No seu estudo, Bartholomew e colegas (2008a) concluíram que 41% dos homens foram vítimas de pelo menos um ato de abuso físico e 35% referiu ter agido com violência em relação a um parceiro íntimo pelo menos uma vez no passado. Cerca de 12% referiu ter sido vítima e perpetrador (violência bidirecional) de abuso físico na relação anterior, e 10% referenciou ter sido vítima e 11% perpetrador na sua atual relação. Cerca de 94% dos homens referiu ter sido vítima de pelo menos um ato psicologicamente abusivo e 96% referiu ter sido psicologicamente abusivo com um parceiro masculino no passado. Menos homens relataram ter experienciado abuso psicológico no ano anterior (64% vítima e perpetrador) ou com o atual parceiro (37% vítima e perpetrador). Cerca de 12% dos homens referiu ter exercido força contra o parceiro ou ter exercido ameaças para obter sexo em algum momento no passado.

No seu estudo, Greenwood e colegas (2002) constataram que 39.2% dos participantes experienciou algum tipo de vitimação em relacionamentos íntimos, em que 18.2% relatou múltiplas vitimações (mais de um tipo de vitimação durante os cinco anos que antecederam o estudo). Trinta e quatro por cento dos participantes experienciou abuso psicológico, 22% abuso físico e 5.1% abuso sexual.

Oringher e Samuelson (2011), através do seu estudo, concluíram que 42.7% da amostra referenciou conflito físico e sexual como bidirecional (vítima e perpetrador), 9.4% referiu o abuso físico e sexual no contexto de vítima e 3.4% referiu o abuso físico e sexual no contexto de perpetrador.

No seu estudo, Toro-Alfonso e Rodríguez-Madera (2004), concluíram que apenas 24% dos participantes da amostra percecionava que se encontrava envolvido numa relação violenta, em que, 48% dos participantes foi vítima de abuso emocional, 26% dos participantes foi vítima de abuso físico e 25% dos participantes foi vítima de abuso sexual. Numa outra vertente, 40%

referiu ter perpetrado abuso emocional, 24% referiu ter perpetrado abuso físico e 14% referiu ter perpetrado abuso sexual.

Por fim, no estudo de Houston e McKirnan (2007), os autores concluíram que, no geral, 32.4% dos participantes da amostra relatou experienciar qualquer forma de abuso no relacionamento em relacionamentos íntimos passados ou atuais. Cerca de 20.6% relatou experienciar uma história de abuso verbal, 19.2% relatou experienciar violência física e 18.5% relatou experienciar atividade sexual indesejada. Cerca de 54% dos participantes que se identificou como sendo vítima reportou a presença de mais do que uma forma de abuso, em que 30.8% referiu dois tipos de abuso e 23.3% referiu todas as três formas (i.e., abuso verbal, físico e sexual).

Principais resultados dos estudos de prevalência com amostra de mulheres.

Relativamente aos principais resultados enlencados nos estudos, no que concerne aos estudos de prevalência que utilizaram apenas amostras de mulheres, Lockhart e colegas (1994), no seu estudo concluíram que 90% das participantes relatara ter sido vítima de um ou mais atos de agressão verbal por parte da sua parceira íntima durante o ano anterior à investigação, cerca de 31% das participantes relatara um ou mais incidentes de abuso físico e 11.6% das participantes reportara ter sido vítima de uma ou mais formas severas de abuso físico, durante o ano anterior à investigação.

Ristock (2003) concluiu, no seu estudo, que do total das participantes ($n=80$) a maioria identificou-se como sendo vítima de abuso, três participantes identificaram-se como perpetradoras e outras identificaram o seu papel como confuso ou mudando ao longo do relacionamento. Diversos tipos de abuso foram experienciados pelas mulheres nesta amostra, incluindo abuso emocional, abuso verbal, abuso físico, abuso financeiro, abuso sexual, perseguição, ser atingida por objetos, destruição de propriedade, dirigir de forma imprudente para assustar. A maioria das participantes experienciou uma combinação de abuso emocional, verbal e físico. Cerca de 49% das participantes descrevera a sua primeira relação como sendo abusiva, 9% das participantes descrevera a agressão mútua com a intenção de ferir a sua parceira e de retaliar, 20% descrevera como própria defesa ao longo do relacionamento e 11% descrevera como que para o término da relação.

No seu estudo, McClennen e colegas (2002) constataram que 57.7% das participantes reconheceu ter experienciado uma relação íntima lésbica abusiva e 3% ainda se encontrava em relacionamentos violentos. Cerca de 91.5% das participantes experienciou abuso emocional, 63.8% das participantes experienciou abuso físico, 46.8% das participantes experienciou abuso financeiro e 14.9% das participantes experienciou outro tipo de abuso. Relativamente à

frequência do abuso, 48.9% das participantes tinham sido abusadas frequentemente e 37.8% diariamente ou quase diariamente.

Por fim, no seu estudo, Eaton e colegas (2008), concluíram que 44% das participantes foi vítima de violência por parte da parceira íntima. Relativamente aos atos mais frequentemente experienciados, 50% experienciou assédio verbal, 39% experienciou violência física, 33% experienciou ameaças de violência física e 17.2% experienciou coação sexual. Cerca de 71% das participantes revelou ter sido vítima de pelo menos dois tipos de violência por parte da companheira e 41% referiu ter sido vítima de pelo menos quatro formas de violência.

Dados acerca dos Fatores de Risco Associados ao Fenómeno da Violência entre Parceiros Íntimos do Mesmo Sexo e Principais Resultados

Principais objetivos.

No que diz respeito aos estudos que abordam a temática dos fatores de risco de violência nos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, assumiram-se como principais objetivos: examinar a relação entre os fatores de *stress* internalizados das minorias sexuais e a violência entre parceiros íntimos em relações do mesmo sexo, relativamente à vitimação e à perpetração, na população *gay* e lésbica (Carvalho et al., 2011); investigar os correlatos do abuso entre parceiros homens com relações do mesmo sexo, relativamente à vitimação e à perpetração, na população *gay* e bissexual (Bartholomew et al., 2008b); verificar se a violência entre parceiros íntimos ocorre em relacionamentos íntimos do mesmo sexo masculino (população *gay*), em caso afirmativo, de que forma essa violência ocorre, quais os desencadeadores contextuais que sustentam esse tipo de violência, quais as barreiras que as vítimas enfrentam com a saída dos relacionamentos abusivos e quando procuram apoio e quais os serviços disponíveis e adequados às necessidades dos homens em relações íntimas violentas com outros homens (Kay & Jeffries, 2010); pesquisar a violência doméstica em relacionamentos do mesmo sexo, numa amostra de mulheres e homens heterossexuais, lésbicas, *gays*, *queer*, bissexuais e transgéneros, permitindo a comparação das experiências dos comportamentos em relações heterossexuais e homossexuais (Hester et al., 2010); avaliar o efeito da associação de um conjunto de fatores de risco e de proteção relativamente à perpetração de violência psicológica e física entre casais do mesmo sexo, numa amostra de lésbicas, homens *gay*, mulheres bissexuais e homens bissexuais (Chong et al., 2013).

Principais resultados.

No que concerne aos principais resultados obtidos nos estudos que abordam a temática dos fatores de risco, Carvalho e colegas (2011) concluíram que os perpetradores de violência entre parceiros íntimos relatam maior consciência do estigma, além disso, os perpetradores *gay*

relatam maior homofobia internalizada (i.e., aceitação por parte dos indivíduos homossexuais das atitudes negativas veiculadas pela sociedade em relação à homossexualidade) e menos abertura relativamente à sua orientação sexual, em comparação com a minoria sexual de perpetradoras femininas. Os participantes que reportam vitimação e perpetração de violência entre parceiros íntimos apresentam uma consciência do estigma maior. Indivíduos com elevada consciência do estigma são mais prováveis de se envolverem em relacionamentos violentos. Nesta amostra, a ausência de abertura (i.e., reserva) relativamente à orientação está associada à violência entre parceiros íntimos. Contrariamente às expectativas, a homofobia internalizada não está associada à violência entre parceiros íntimos.

No seu estudo Bartholomew e colegas (2008b), constataram que baixos níveis de educação e rendimentos foram associados ao grau de abuso físico, no que diz respeito à vitimação, embora estes indicadores demográficos mostrem pouca consistência na associação com o abuso psicológico. A história de violência na família tende a estar associada a todas as formas de abuso entre parceiros, a violência familiar encontra-se associada à vitimação entre parceiros. O uso de substâncias foi fortemente associado ao abuso entre parceiros, relativamente a todas as formas de abuso, embora, após o controlo do abuso bidirecional, apenas tenha sido associado significativamente à vitimação. Homens HIV positivo reportam níveis mais elevados de abuso bidirecional psicológico e, em menor grau abuso físico, do que homens HIV negativos. A situação pública errada (i.e., a forma como vêm a sua situação perante a sociedade) foi positivamente associada à vitimação e à perpetração de abuso (abuso bidirecional). A homofobia internalizada foi positivamente associada a todas as formas de abuso, tendo sido associada à perpetração de abuso físico e psicológico, mas não à vitimação.

No seu estudo, Kay e Jeffries (2010) concluíram que todos os prestadores de serviços entrevistados indicaram que a violência entre parceiros íntimos ocorre em homens do mesmo sexo em relacionamentos íntimos com taxas semelhantes ou maiores do que nas relações sexuais opostas. Em contraste com a violência heterossexual, a violência entre parceiros íntimos do sexo masculino foi considerada bastante sub-reportada. Os prestadores de serviços relataram que a violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo, muitas vezes ocorre em relações afetadas por problemas de saúde psicológica e abuso de substâncias associadas. Os desequilíbrios de poder económico entre parceiros e os ideais relacionados com a masculinidade (masculinidade hegemónica) foram ainda mais destacados como tendo um papel crucial nesta questão. A homofobia social foi descrita como contextualmente única, que cria tensões adicionais nas relações dos homens entre si. A homofobia internalizada por sua vez foi

relacionada com problemas de saúde mental e abuso de substâncias associadas, os quais agem como desencadeadores contextuais para a violência.

De acordo com Hester e colegas (2010), os fatores de risco para o abuso incluem a idade (menores de 35 anos), baixos níveis de rendimentos e baixos níveis de escolaridade. Os resultados do seu estudo indicaram uma forte ligação entre a experiência de violência doméstica e a primeira relação do mesmo sexo, no que concerne aos homens e mulheres homossexuais, que tendeu a estar associado a grupos etários mais jovens. Os dados da pesquisa indicaram que os homens homossexuais são significativamente mais propensos do que as mulheres, a terem os gastos controlados.

Através do seu estudo, Chong e colegas (2013) concluíram que a agressão psicológica e a agressão física estão moderadamente correlacionadas com a violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo. Quanto a outras variáveis, o conflito, o domínio e o controlo da raiva foram todos associados à agressão psicológica e à agressão física. O abuso de substâncias foi positivamente correlacionado com a agressão física, sendo que não foi significativamente relacionado à agressão psicológica. No entanto, a auto-eficácia e a homofobia internalizada mostraram correlações não significativas com qualquer tipo de abuso. Entre as variáveis demográficas, apenas os rendimentos tiveram, ainda que pequena, correlação significativa com a agressão física. Os participantes que tiveram mais conflitos e desentendimentos com o seu parceiro e eram dominantes na relação tiveram 4.32 vezes e 2.94 vezes mais probabilidades de expressar agressão psicológica, enquanto que aqueles que conseguiam controlar melhor a raiva eram 72% menos propensos a abusar psicologicamente do seu parceiro. A idade e a coabitação são significativas, o efeito do controlo da raiva no abuso físico foi o maior, seguido-se o conflito e o abuso de substâncias. Indivíduos que conseguiam gerir bem a sua raiva eram 66% menos propensos a abusar fisicamente do seu parceiro; no entanto, aqueles que tinham mais conflitos com o seu parceiro e abusavam de álcool e/ou drogas mostravam, respetivamente, 2.24 e 1.96 vezes mais probabilidades de expressar agressão física. Devido ao facto de entre todos os correlatos apenas o conflito e a gestão da raiva terem associações significativas com os dois tipos de abuso, análises foram realizadas para testar o papel mediador da perpetração psicológica nos efeitos do conflito e gestão da raiva apenas na agressão física, especificamente, o conflito foi associado à agressão psicológica e a agressão psicológica foi associada à agressão física. A agressão psicológica pode ser um mediador significativo do efeito do conflito sobre a agressão física. Da mesma forma, a gestão da raiva foi associada à agressão psicológica e a presença de agressão psicológica estava relacionada com a presença de agressão física. O domínio, dentro do mesmo paradigma, e o abuso de substâncias do ponto de vista

psicopatológico foram significativamente associados à agressão psicológica e à agressão física, respetivamente. A auto-eficácia e a homofobia internalizada não foram associadas a qualquer tipo de perpetração neste estudo. O domínio foi associado à agressão psicológica e o abuso de substâncias foi significativamente relacionado com o abuso físico. A agressão psicológica é um mediador parcial entre o conflito e a agressão física, e um mediador total entre a gestão da raiva e a agressão física nas relações entre parceiros do mesmo sexo.

Relativamente aos dois estudos acerca da prevalência que fazem referência, também, aos fatores de risco, no estudo de Antunes e Machado (2005), pode constatar-se que existem fatores que podem contribuir para a violência entre casais do mesmo sexo, nomeadamente a dependência da vítima, a desigualdade dentro da relação e a homofobia internalizada. No que concerne ao estudo de Greenwood e colegas (2002), conclui-se que a idade e a escolaridade estão associadas a todas as formas de maus tratos, e o *status* de HIV está associado a todas as formas, excepto à agressão sexual. Homens que fazem sexo com homens com idades entre os 40 anos ou mais jovens foram substancialmente mais propensos, que os homens que fazem sexo com homens com idades entre os 60 anos ou mais a experienciar agressão sexual. Homens que fazem sexo com homens com pós-graduação ou graus profissionais são substancialmente menos propensos a experienciar qualquer forma de abuso por parte do parceiro do que homens que fazem sexo com homens com um grau universitário ou menos. Comparativamente aos homens HIV negativo, homens HIV positivo são mais propensos a ser vítimas de agressão (todos os tipos, excepto sexual), enquanto que os homens que têm sexo com homens que desconhecem a possibilidade de padecerem de HIV são menos prováveis. Comparativamente às probabilidades dos homens que fazem sexo com homens com idades entre 60 anos ou mais, a probabilidade de experienciar qualquer tipo de agressão foi de 3.8 para os homens dos 18 aos 29 anos de idade, de 3.9 dos 30 aos 39 anos e de 2.7 para os homens dos 40 aos 49 anos de idade. Os homens que têm sexo com homens com menos de 40 anos apresentam cerca de seis vezes mais probabilidade de relatar múltiplas formas de violência entre parceiros tal como os homens que fazem sexo com homens com idades entre os 60 anos ou mais, enquanto os homens de 40 a 50 anos de idade, apresentam cerca de quatro vezes mais probabilidades. Os fatores demográficos básicos independentemente associados à vitimação foram, a idade, o estado/estatuto serológico e a educação. A idade mais jovem foi o correlato demográfico mais forte e mais consistente de todas as formas de maus tratos neste estudo.

Trabalhos de Revisão Teórica

Nesta secção serão analisadas cinco revisões de literatura que abordam a temática dos fatores de risco associados ao fenómeno da violência entre casais do mesmo sexo, com o intuito de complementar os estudos anteriormente referenciados sobre esta temática.

Assim e de acordo com a literatura analisada, existem fatores preditores relacionados com a violência nos relacionamentos homossexuais que se equiparam aos homólogos nos relacionamentos íntimos heterossexuais, contudo existem também fatores de risco específicos das dinâmicas de relacionamento da população homossexual.

É de salientar que, quando nos referimos a fatores de risco, referimo-nos a especificidades inerentes a determinada pessoa. Esses fatores, conjuntamente ou não, podem determinar a probabilidade da ocorrência ou continuidade de violência.

Após a análise das revisões de literatura existentes acerca desta temática pode constatar-se que os fatores de risco (preditores) de violência nos relacionamentos íntimos homossexuais podem caracterizar-se, numa vertente mais abrangente, pela dependência do agressor (Balsam, 2001), pela história de violência prévia/violência familiar (Murray et al., 2007; Nunan, 2004; Richards, Noret, & Rivers, 2003), pelo uso/abuso de substâncias, i.e., álcool e/ou drogas (Murray et al., 2007; Nunan, 2004; Ristock & Timbang, 2005), por problemas de saúde mental (Nunan, 2004), pela baixa auto-estima (Nunan, 2004; Richards et al., 2003), por fracas habilidades comunicacionais (Nunan, 2004), pelo baixo controlo dos impulsos agressivos (Nunan, 2004), pelas características de personalidade [i.e., características agressor: baixa auto-estima, depressão, historial de agressão e violência, insegurança, comportamentos manipulativos, baixo auto-controlo, fracas capacidades de comunicação; características vítima: auto-culpabilização, evitar conflitos, depressão] e pela existência de níveis elevados de psicopatologia (e.g., comportamentos agressivos e anti-sociais) dos indivíduos constituintes do casal (Murray et al., 2007), pelos desequilíbrios de poder e *status* na dinâmica do casal (Nunan, 2004), pelas situações de vida stressantes ou frustrantes (Nunan, 2004), pelo isolamento social nas comunidades rurais (Ristock & Timbang, 2005) e pela experiência de “deslocamento” como um imigrante recente (Ristock & Timbang, 2005).

Numa vertente mais específica do contexto dos relacionamentos homossexuais, podem-se caracterizar por fatores de risco os seguintes: a homofobia internalizada (Murray et al., 2007; Nunan, 2004), o heterossexismo (Murray et al., 2007), o diagnóstico positivo de HIV (i.e., existência de um parceiro portador - mais especificamente nos relacionamentos *gay* e bissexual) (Murray et al., 2007; Nunan, 2004; Richards et al., 2003; Ristock & Timbang, 2005), e uma idade precoce (entre os homens *gay*) (Murray et al., 2007).

Discussão

A violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo, tal como a violência entre parceiros heterossexuais, é um problema universal, sério, com diversos contornos e sobre o qual a literatura se deve debruçar.

Após a análise da literatura relacionada com este tema, pode concluir-se que esta problemática tem vindo a ganhar ênfase no que diz respeito à pesquisa e ao reconhecimento/conhecimento. Contudo, é de referir que, apesar de ser notável o investimento nos estudos relativamente a este tema e de se notar uma expansão nas áreas geográficas, nesta revisão apenas se teve acesso a uma ínfima parte da literatura existente, i.e., estudos em inglês, português e espanhol, sendo que não se pode relativizar esta questão nem generalizá-la. Ainda assim, é de salientar o considerável desenvolvimento científico que tem sido realizado nos Estados Unidos da América, no Canadá e na Europa, no geral.

Por forma a concluir, e no que diz respeito aos estudos de prevalência, a que tivemos acesso, que utilizaram amostra mista, as taxas de prevalência das experiências de vitimação de violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo variam entre os 37.7% (Costa et al., 2009) e os 68.49% (Burke et al., 2002). Relativamente às relações, no que diz respeito à prevalência de vitimação de violência, as médias variam entre os 9% (Turell, 2000) e os 20.6% (Antunes & Machado, 2005) para as atuais relações, e entre os 32% (Turell, 2000) e os 61.9% (Antunes & Machado, 2005) para as relações passadas. No que diz respeito aos comportamentos de perpetração, as médias variam entre os 15.9% (Antunes & Machado, 2005) e os 46% (Antunes & Machado, 2005). No que concerne às formas de violência mais comuns, estas são, o abuso psicológico/emocional (Antunes & Machado, 2005; Burke et al., 2002; Costa et al., 2009; Domingues, 2015; Mena et al., 2005; Turell, 2000), o abuso físico/maus tratos físicos (Antunes & Machado, 2005; Costa et al., 2009; Domingues, 2015; Mena et al., 2005), o abuso económico (Domingues, 2015; Turell, 2000), e o abuso sexual (Costa et al., 2009; Domingues, 2015; Mena et al., 2005). Constata-se também que, as médias para a vitimação na violência física e sexual entre parceiros íntimos são mais elevadas no que diz respeito às mulheres, e que as médias para todas as formas de vitimação na violência entre parceiros íntimos são mais elevadas para a população *gay* ou bissexual, comparativamente aos participantes heterossexuais (Messinger, 2011). Relativamente ao número de vezes que os atos são praticados, os números variam entre comportamentos agressivos recorrentes (Antunes & Machado, 2005), uma ou duas vezes (Burke et al., 2002), três ou mais vezes (Burke et al., 2002), pelo menos uma vez (vitimação) (Domingues, 2015) e menos de uma vez por mês (perpetração) (Domingues, 2015).

No que diz respeito à análise dos estudos que utilizaram amostras apenas de homens, constatou-se que as percentagens de prevalência de vitimação variam entre os 24% (Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2004) e os 39.2% (Greenwood et al., 2002). Relativamente às formas mais comuns de violência doméstica, estas são, o abuso psicológico/emocional (Bartholomew et al., 2008a; Greenwood et al., 2002; Houston & McKirnan, 2007; Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2004), o abuso físico (Bartholomew et al., 2008a; Greenwood et al., 2002; Houston & McKirnan, 2007; Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2004) e o abuso sexual (Bartholomew et al., 2008; Greenwood et al., 2002; Houston & McKirnan, 2007; Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2004). Observou-se também a presença de estudos que avaliam o tipo de violência, i.e., unilateral e bidirecional. No estudo de Stanley e colaboradores (2006) constatou-se a existência de violência bidirecional no que tem que ver com os comportamentos fisicamente violentos. No estudo de Oringher e Samuelson (2011), os autores constataram que 42.7% da amostra referenciou conflito físico e sexual como bidirecional (vitimação e perpetração). Relativamente ao número de vezes que os atos são praticados, os números variam entre um incidente violento a quatro ou menos incidentes violentos (Stanley et al., 2006). No que diz respeito às formas de abuso, estas variam entre mais do que uma forma de abuso (dois e três tipos de abuso - abuso verbal, físico e sexual) (Houston & McKirnan, 2007) e vitimações múltiplas (Greenwood et al., 2002).

No que concerne à análise dos estudos que utilizaram amostras apenas de mulheres, observa-se que as percentagens de prevalência de vitimação variam entre os 44% (Eaton et al., 2008) e os 90% (Lockhart et al., 1994). As formas mais comuns de violência doméstica são, o abuso psicológico/emocional (Eaton et al., 2008; Lockhart et al., 1994; McClennen et al., 2002; Ristock, 2003), o abuso físico (Eaton et al., 2008; Lockhart et al., 1994; McClennen et al., 2002; Ristock, 2003), o abuso económico (McClennen et al., 2002; Ristock, 2003) e o abuso sexual (Eaton et al., 2008; Ristock, 2003). É ainda de salientar que, no estudo de Ristock (2003), a maioria das participantes experienciou uma combinação de abuso emocional, verbal e físico. No que diz respeito à frequência da violência, esta varia entre abuso frequente, diário e quase diário (McClennen et al., 2002). Relativamente às formas de violência, estas variam entre duas e quatro formas de violência (Eaton et al., 2008). Na análise dos estudos sobre a população lésbica, constatou-se também que são abordadas as questões da violência bidirecional e unilateral e a intencionalidade do abuso (Ristock, 2003).

Assim, pode concluir-se que os estudos sugerem que se a sua orientação for homossexual, tanto os homens como as mulheres, apresentam mais elevado risco de violência por parte do parceiro íntimo. Contudo, quando comparados os estudos acerca da violência entre parceiros

íntimos heterossexuais e os estudos acerca da violência entre parceiros íntimos GLB, as taxas de prevalência revelam-se semelhantes (Messinger, 2011), assim como existem semelhanças no que diz respeito aos tipos de abuso e a determinadas dinâmicas (McClennen, 2005). Após a análise dos tipos de abuso, quer na vertente de vítima como na vertente de agressor, pode constatar-se que os tipos de abuso habitualmente referidos são, por ordem de maior prevalência, o abuso psicológico/emocional, seguindo-se o abuso físico e, por fim, o abuso sexual.

É de salientar que existe variabilidade nos conceitos e terminologias utilizadas no que diz respeito aos estudos que abordam a temática da prevalência de violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo. Na literatura internacional, quando nos referimos ao tema, são diversos os conceitos existentes, e.g., “*battering*” (no contexto feminino) (Badenes-Ribera et al., 2015), “*mutual battery*”, “*domestic violence*”, “*intimate partner violence*” (Badenes-Ribera et al., 2015; Finneran & Stephenson, 2012), “*men who have sex with men*” (no contexto masculino) (Finneran & Stephenson, 2012). Consequentemente, esta questão torna a tarefa analítica confusa e exaustiva.

No que diz respeito à variabilidade dos métodos e metodologias utilizados nestes estudos, esta é uma questão que está relacionada com os padrões de género (Hester et al., 2010), vigentes na sociedade. Assim, existe uma notável ênfase relativamente à utilização de métodos qualitativos no que concerne ao estudo da violência doméstica em relacionamentos lésbicos, e uma notável ênfase no que diz respeito aos métodos quantitativos quando nos referimos aos estudos com amostras de homens homossexuais (Hester et al., 2010).

É notável também que, o estudo sobre a violência íntima nos relacionamentos homossexuais masculinos surgiu mais recentemente, como resultado das problemáticas existentes acerca da saúde dos homens homossexuais (Roberts, 2005), como se verifica na proliferação de estudos relacionados com a questão do HIV (Greenwood et al., 2002).

Outra questão que carece ser explorada prende-se com o facto de a pesquisa sobre esta problemática acarretar problemas metodológicos, como por exemplo, a dificuldade na recolha de amostras representativas (Hester et al., 2010). Esta questão resulta na complexidade de se realizarem comparações entre estudos (Hester et al., 2010). Outro problema tem que ver com o facto de inúmeros estudos sobre a violência doméstica entre casais do mesmo sexo utilizarem medidas e abordagens específicas das pesquisas relacionadas com a problemática no contexto heterossexual (Hester et al., 2010), o que resulta na ausência de resultados fidedignos e exclusivos da população homossexual.

As disparidades existentes nas taxas de prevalência da violência íntima entre parceiros do mesmo sexo podem ser resultantes de vários fatores. De entre estes estão: as diferenças nos

conceitos e terminologias utilizadas em diferentes estudos (Badenes-Ribera et al., 2015; Finneran & Stephenson, 2012); os períodos de tempo a que corresponde a violência a estudar (Badenes-Ribera et al., 2015); as diferenças nos relacionamentos a estudar (i.e., tipo de relacionamento) (Badenes-Ribera et al., 2015); os participantes que compõem a amostra do estudo (e.g., vítimas, perpetradores, mulheres, homens, etc) (Badenes-Ribera et al., 2015) e os potenciais comportamentos sub-reportados (Oringher & Samuelson, 2011).

Outra limitação de muitos estudos acerca da prevalência da violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo é o foco específico na vitimação. Ao recrutar somente participantes que se auto identifiquem como vítimas, os participantes que não se identifiquem como tal podem ser, erradamente, excluídos (Oringher & Samuelson, 2011). Existe imensa literatura sobre vitimação, sendo que é parca a existência de estudos que englobem vítimas e perpetradores de violência. Torna-se, portanto, importante o desenvolvimento de estudos que englobem tanto vítimas como perpetradores pois, permite uma análise da bidirecionalidade do abuso (Oringher & Samuelson, 2011). A questão do papel do participante no que diz respeito à violência entre casais homossexuais é uma questão que tem que ser, impreterivelmente, estudada, pois o papel do participante engloba elementos de ambas as partes integrantes da relação, i.e., agressor e vítima (Murray et al., 2007).

Uma vez que os estudos existentes utilizam: amostras de pequenas dimensões, não representativas, de conveniência (Roberts, 2005), muitas vezes somente nacionais, e.g., limitadas a uma área geográfica (o que faz com que não exista método de comparação geográfico) (Roberts, 2005), procedimentos de amostragem não aleatórios, diversas definições do conceito e diversos momentos do relacionamento (Costa & Machado, 2005; Finneran & Stephenson, 2012; Greenwood et al., 2002; Kulkin et al., 2007), torna-se difícil conhecer com rigor a extensão deste fenômeno.

Contudo, é de ressaltar a dificuldade de realização de estudos deste cariz, uma vez que não existem dados pertinentes e consistentes sobre o número existente de população homossexual (Nunan, 2004), quer no contexto nacional como internacional, tornando-se a identificação de taxas fidedignas uma tarefa complicada.

Outra questão que se torna pertinente explicar é a seguinte, muitas vezes os estudos acerca da prevalência da violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo incluem ambos os membros do mesmo casal, na mesma amostra, sendo esta uma questão quase impossível de evitar. Por conseguinte, os dados são tratados separadamente (Rohrbaugh, 2006), o que faz com que os resultados sejam enviesados.

Da análise dos estudos relacionados com a temática dos fatores de risco, no que diz respeito aos estudos que englobam amostra de população *gay* e lésbica, relativamente aos fatores que influenciam a perpetração de violência encontram-se a homofobia internalizada e a menor abertura relativamente à orientação sexual (população masculina e feminina). Os indivíduos que reportam vitimação e perpetração de violência entre parceiros íntimos apresentam uma maior consciência de estigma. A ausência de abertura (i.e., reserva) também se encontra associada à violência entre parceiros íntimos (Carvalho et al., 2011). Verifica-se ainda que, a dependência da vítima, a desigualdade dentro da relação e a homofobia internalizada, estão relacionados com a violência entre parceiros íntimos homossexuais (Antunes & Machado, 2005). Relativamente aos estudos que estudam esta problemática no contexto de amostras de população *gay* e bissexual, verifica-se que baixos níveis de educação e rendimentos, estatuto de HIV positivo, situação pública errada (i.e., a forma como vêm a sua situação perante a sociedade) (Bartholomew et al., 2008b), problemas de saúde psicológica, abuso de substâncias, desequilíbrios de poder económico entre parceiros, ideais relacionados à masculinidade (masculinidade hegemónica) e a homofobia social estão associados ao abuso bidirecional entre parceiros (Kay & Jeffries, 2010). A história de violência familiar e o uso de substâncias encontram-se associados à vitimação e a homofobia internalizada encontra-se associada a todas as formas de abuso, sendo associada apenas à perpetração de abuso físico e psicológico (Bartholomew et al., 2008b). Ainda no contexto de amostras de população *gay* e bissexual, pode constatar-se a existência de diferentes resultados, no seu estudo Greenwood e colegas (2002) concluíram que a idade mais jovem e o baixo nível educacional se encontram associados a todas as formas de maus tratos no que diz respeito à vitimação, e que os homens HIV positivo são mais propensos a ser vítimas de agressão (todos os tipos, excepto sexual).

No que concerne aos estudos que analisam a população de mulheres/homens heterossexuais, lésbicas, *gays*, *queer*, bissexuais e transgéneros, verifica-se que idade mais jovem (Chong et al., 2013; Hester et al., 2010), baixos níveis de rendimentos (Chong et al., 2013; Hester et al., 2010) e baixos níveis de escolaridade (Hester et al., 2010), estão associados à violência entre parceiros íntimos, assim como existe uma forte ligação entre a experiência de violência doméstica e a primeira relação do mesmo sexo, no que concerne aos homens e mulheres homossexuais, que tende a estar associado a grupos etários mais jovens (Hester et al., 2010). Pode constatar-se ainda que, o conflito, o domínio e o controlo da raiva estão associados à agressão psicológica e à agressão física (Chong et al., 2013). O abuso de substâncias, do ponto de vista psicopatológico, encontra-se positivamente correlacionado com a agressão física e com a agressão psicológica (Chong et al., 2013).

Conclusão

É certo que a violência íntima é um problema pessoal e social, que acarreta implicações a diversos níveis (Madera & Toro-Alfonso, 2005). Contudo, a visibilidade deste fenómeno permaneceu muito tempo menosprezada. Das diversas razões pelas quais esta problemática permaneceu menosprezada, encontram-se, o estigma e a homofobia presentes na sociedade no que diz respeito a este tema, a discriminação que é realizada relativamente a esta população e a convicção de que o homem tem o papel de agressor e a mulher de vítima (Badenes-Ribera et al., 2015; Greenwood et al., 2002; Madera & Toro-Alfonso, 2005). Estas questões reforçam o papel de negação da existência de situações de agressão, por parte da vítima, resultando na raridade de casos em que as vítimas procuram auxílio (Nunan, 2004; Roberts, 2005) e dão a conhecer a sua realidade.

Torna-se necessário um maior investimento, empírico, relativamente a esta temática, acerca de uma infinidade de questões, nomeadamente as dinâmicas de comportamento, os comportamentos de procura de auxílio e as intervenções necessárias (McClennen, 2005), tanto numa vertente de prevenção como de intervenção.

Estudos futuros devem utilizar o mesmo conceito de violência entre parceiros íntimos (i.e., um conceito *standard*), as mesmas definições das várias tipologias e dinâmicas abusivas, metodologias específicas de intervenção na população e do fenómeno e analisar os dados em grupos separados (i.e., vítimas – perpetradores; masculino – feminino) (Badenes-Ribera et al., 2015).

No contexto português, torna-se necessário a realização de pesquisas de âmbito nacional e com foco exclusivo no estudo da prevalência de violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo (Domingues, 2015), assim como uma maior receptividade aos estudos e acessibilidade/flexibilidade por parte da população visada e das instituições que prestam auxílio à comunidade.

Embora se possam identificar inúmeros aspetos semelhantes nos comportamentos de manifestação de violência doméstica entre casais heterossexuais e homossexuais, existe uma visível diferença no que diz respeito à forma como a sociedade responde às vítimas homossexuais de violência doméstica (Madera & Toro-Alfonso, 2005).

As taxas de prevalência de violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo sugerem que existe uma necessidade de desenvolvimento e implementação de programas de prevenção e intervenção, tendo em conta as características específicas, i.e., especificidades do abuso nesta população (Badenes-Ribera et al., 2015; Roberts, 2005).

Deve apostar-se, também, na formação dos profissionais, nomeadamente, assistentes sociais, psicólogos, pessoal médico (i.e., médicos, enfermeiros, etc) e todos os outros profissionais que trabalham com a população homossexual, e não só, de modo a auxiliar na mudança de mentalidades e políticas, fomentando a realização de programas de prevenção e intervenção adequados a esta população (McClennen, 2005; Roberts, 2005).

É necessária uma maior sensibilização no que diz respeito à intervenção nas minorias sexuais que estejam envolvidas nestes padrões comportamentais. Tornando-se, imperativo que os prestadores de serviços sejam consciencializados sobre o papel que o *stress* das minorias desempenha nos relacionamentos das vítimas e dos perpetradores de violência e, conseqüentemente, nas suas vidas (Carvalho et al., 2011; Roberts, 2005). Mostra-se também necessário o desenvolvimento de programas de formação e campanhas direcionadas à própria comunidade LGBT, de modo a aumentar o conhecimento sobre a temática (Badenes-Ribera et al., 2015), e desconstruir as barreiras existentes entre a população LGBT, as instituições de apoio LGBT, e a sociedade no geral.

Na vertente dos estudos relacionados com os fatores de risco, é notável a, quase, inexistente literatura publicada, tendo em conta a limitação no que diz respeito à nacionalidade dos estudos pesquisados, focada somente nesta questão.

Assim, mostra-se pertinente e uma mais valia a realização de pesquisas futuras que se centrem somente nesta temática; que construam e utilizem metodologias adequadas e específicas ao estudo desta questão (Chong et al., 2013); que utilizem os mesmos conceitos e definições (Chong et al., 2013); que estudem os fatores de risco no que diz respeito aos fatores associados às vítimas como no que diz respeito aos fatores associados aos agressores, fazendo, portanto, uma distinção; que especifiquem as diferenças entre a população (i.e., homem, mulher); que explorem de que modo as características de ambos os parceiros se conjugam resultando no aumento do risco de abuso entre parceiros do mesmo sexo (Bartholomew et al., 2008b) e que examinem as relações existentes entre a homofobia social, a homofobia internalizada, e a violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo (Chong et al., 2013).

Mostra-se ainda interessante e, conseqüentemente, pertinente que os estudos futuros se debrussem em confirmar se existem diferenças entre os sexos, como anteriormente referido, e identifiquem correlações específicas para cada uma das populações (i.e., gay, lésbica; vítima-perpetrador) (Chong et al., 2013).

Após a análise da literatura referente aos fatores de risco de violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo, ressaltou uma questão importante, a necessidade da inovação no que

diz respeito a programas que esclareçam, acerca desta temática, os profissionais das instituições competentes nesta problemática (Chong et al., 2013).

Referências

- Antunes, R., & Machado, C. (2005). Dupla invisibilidade: A violência nas relações homossexuais. *Psychologica*, 39, 167-187.
- Badenes-Ribera, L., Bonilla-Campos, A., Frias-Navarro, D., Pons-Salvador, G., & Monterde-i-Bort, H. (2015). Intimate partner violence in self-identified lesbians: A systematic review of its prevalence and correlates. *Trauma, Violence, & Abuse*, 1-14.
- Balsam, F. (2001). Nowhere to hide: Lesbian battering, homophobia, and minority stress. *Women and Therapy*, 23(3), 25-37. doi: 10.1300/J015v23n03_03
- Bartholomew, K., Regan, K., White, M., & Oram, D. (2008a). Patterns of abuse in male same-sex relationships. *Violence and Victims*, 23(5), 617-636. doi: 10.1891/0886-6708.23.5.617
- Bartholomew, K., Regan, K., Oram, D., & White, M. (2008b). Correlates of partner abuse in male same-sex relationships. *Violence and Victims*, 23, 344-360.
- Burke, W., Jordan, L., & Owen, S. (2002). A cross-national comparison of gay and lesbian domestic violence. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, 18(3), 231-257. doi: 10.1177/1043986202018003003
- Carvalho, A., Lewis, R., Derlega, V., Winstead, B., & Viggiano, C. (2011). Internalized sexual minority stressors and same-sex intimate partner violence. *Journal of Family Violence*, 26, 501-509. doi: 10.1007/s10896-011-9384-2
- Chong, E., Mak, W., & Kwong, M. (2013). Risk and protective factors of same-sex intimate partner violence in hong kong. *Journal of Interpersonal Violence*, XX(X), 1 -22. doi: 10.1177/0886260512468229
- Costa, L., Machado, C., & Antunes, R. (2009). Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade. Retirado de <https://www.rea.pt>
- Domingues, H. (2015). *Prevalência e caracterização da violência em casais de gays, lésbicas e bissexuais* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Fernando Pessoa: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Porto. Retirado do Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa <http://hdl.handle.net/10284/4949>
- Eaton, L., Kaufman, M., Fuhrel, A., Cain, D., Cherry, C., Pope, H., & Kalichman, C. (2008). Examining factors co-existing with interpersonal violence in lesbian relationships. *Journal of Family Violence*, 23, 697-705. doi:10.1007/s10896-008-9194-3
- Finneran, C., & Stephenson, R. (2012). Intimate partner violence among men who have sex with men: A systematic review. *Trauma, Violence, & Abuse*, 14(2), 168-185. doi: 10.1177/1524838012470034

- Greenwood, L., Relf, V., Bu Huang, B., Pollack, M., Canchola, A., & Catania, A. (2002). Battering victimization among a probability-based sample of men who have sex with men. *American Journal of Public Health, 92*(12), 1964-1969. Retirado de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1447360/>
- Hester, M., Donovan, C., & Fahmy, E. (2010). Feminist epistemology and the politics of method: surveying same-sex domestic violence. *International Journal of Social Research Methodology, 13*(3), 251–263. doi: 10.1080/13645579.2010.482260
- Houston, E., & McKirnan, D. (2007). Intimate partner abuse among gay and bisexual men: Risk correlates and health outcomes. *Journal of Urban Health: Bulletin of the New York Academy of Medicine, 84*(5). doi:10.1007/s11524-007-9188-0
- Kay, M., & Jeffries, S. (2010). Homophobia, heteronormativity and hegemonic masculinity: Male same-sex intimate violence from the perspective of brisbane service providers. *Psychiatry, Psychology and Law, 1*-31.
- Kulkin, H., Williams, J., Borne, H., Bretonne, D., & Laurendine, J. (2007). A review of research on violence in same-gender couples: A resource for clinicians. *Journal of Homosexuality, 53*(4), 71-87. doi: 10.1080/00918360802101385
- Lockhart, L., White, W., Causby, V., & Isaac, A. (1994). Letting out the secret: Violence in lesbian relationships. *Journal of Interpersonal Violence, 9*(4), 469-492.
- Madera, S., & Toro-Alfonso, J. (2005). Description of a domestic violence measure for puertorican gay males. *Journal of Homosexuality, 50*(1), 155-173. doi: 10.1300/J082v50n01_08
- McClennen, J. (2005). Domestic violence between same-gender partners: Recent findings and future research. *Journal of Interpersonal Violence, 20*(2), 149-154. doi: 10.1177/0886260504268762
- McClennen, J., Summers, A., & Daley, J. (2002). The lesbian partner abuse scale. *Research on Social Work Practice, 12*(2), 277-292.
- Mena, F., Rodríguez, J., & Malavé, S. (2005). Manifestaciones de la violencia doméstica en una muestra de hombres homosexuales y mujeres lesbianas puertorriqueñas. *Interamerican Journal of Psychology, 39*(3), 449-456.
- Messinger, A. (2011). Invisible victims: Same-sex ipv in the national violence against women survey. *Journal of Interpersonal Violence, 26*(11), 2228–2243. doi: 10.1177/0886260510383023
- Monteiro, V., & Sani, A. I. (2013). Violência doméstica entre casais homossexuais - "Quebrando barreiras, formando profissionais". In A. Sani, & S. Caridade (cords),

Violência, agressão e vitimação: Práticas para a intervenção (pp.149-170). Edições Almedina: Coimbra.

- Murray, E., Mobley, K., Buford, P., & Seaman-DeJohn, M. (2007). Same-sex intimate partner violence: Dynamics, social context, and counseling implications. *Journal of LGBT Issues in Counseling, 1*(4), 7–30.
- Nunan, A. (2004). Violência doméstica entre casais homossexuais: O segundo armário?. *Psico, 35*(1), 69-78.
- Oringher, J., & Samuelson, K. (2011). Intimate partner violence and the role of masculinity in male same-sex relationships. *Traumatology, 17*(2), 68–74. doi: 10.1177/1534765610395620
- Richards, A., Noret, N., & Rivers, I. (2003). Violence and abuse in same-sex relationships: A review of literature. *Social Inclusion & Diversity, 5*, 3-33. Leeds: University of Leeds.
- Ristock, J. (2003). Exploring dynamics of abusive lesbian relationships: Preliminary analysis of a multisite, qualitative study. *American Journal of Community Psychology, 31*(3/4), 329-341.
- Ristock, J., & Timbang, N. (2005). Relationships violence in lesbian/gay/bisexual/transgender/queer [lgbt] communities: Moving beyond a gender-based framework. *Violence Against Women Online Resources*. Retirado de <http://www.mincava.umn.edu>
- Roberts, J. (2005). An integrative review of intimate partner violence among men who have sex with men: Correlates of victimization and development of a conceptual framework. *Humanity and Society, 29*(2), 126-136.
- Rohrbaugh, B. (2006). Domestic violence in same-gender relationship. *Family Court Review, 44*(2), 287–299.
- Stanley, J., Bartholomew, K., Taylor, T., Oram, D., & Landolt, M. (2006). Intimate violence in male same-sex relationships. *Journal of Family Violence, 21*(1), 31-41. doi: 10.1007/s10896-005-9008-9
- Topa, H. (2010). No arco-íris também há roxo: Violência conjugal nas relações lésbicas. *LES Online, 2*(1), 13-21.
- Topa, M. (2009). *Violência doméstica em casais homossexuais: Das representações sociais dos profissionais que trabalham com vítimas à vivência das vítimas* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade do Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Retirado do Repositório Aberto da Universidade do Porto <http://hdl.handle.net/10216/54976>

- Toro-Alfonso, J., & Rodríguez-Madera, S. (2004). Domestic violence in puerto rican gay male couples: Perceived prevalence, intergenerational violence, addictive behaviors, and conflict resolution skills. *Journal of Interpersonal Violence, 19*(6), 639-654. doi: 10.1177/0886260504263873
- Turell, S. (2000). A descriptive analysis of same-sex relationship violence for a diverse sample. *Journal of Family Violence, 15*(3), 281–293.
- Walker, A. E. (2009). Descriptions of violence and the cycle of violence. In A. Walker (3^a ed.), *The battered woman syndrome* (pp. 85-105). New York: Springer Publishing Company, LLC.

Artigo 2

Violência na intimidade nos relacionamentos homossexuais *gays* e lésbicos: Um estudo exploratório e descritivo

Violência na intimidade nos relacionamentos homossexuais gays e lésbicos: Um estudo exploratório e descritivo

Resumo

O presente estudo teve como objetivo estudar a prevalência da violência na intimidade nos relacionamentos homossexuais, gays e lésbicos, assim como explorar determinados fatores de risco associados a esta problemática, através da construção da Escala de Relações Abusivas em Casais Gay e Lésbica (Osório, Soeiro, Sani, & Domingues, 2016, adaptado de Violence and Abuse in Same-Sex Relationships de Noret & Richards, 2003). A amostra do presente estudo é constituída por 48 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 55 anos ($M=26.50$; $DP=8.011$), sendo que 72.9% ($n=35$) da amostra se identifica como lésbica (sexo feminino) e 27.1% ($n=13$) se identifica como gay (sexo masculino). As tipologias de violência identificadas com maior prevalência pelas vítimas foram, a violência psicológica, seguindo-se a violência física, a violência socioeconómica e a violência sexual. No contexto de perpetração de abuso, as tipologias de violência identificadas com maior prevalência foram a violência psicológica, seguindo-se a violência física e, por fim, com a mesma prevalência, a violência sexual e a violência socioeconómica. Dado as taxas de prevalência de violência serem tão alarmantes, torna-se necessário um maior investimento na investigação nesta área, resultando numa rigorosa produção de conhecimento científico sobre as razões, as especificidades, a prevalência e as consequências dos abusos, assim como um maior investimento no que diz respeito a programas de prevenção e intervenção, e a programas de formação direcionados aos serviços de apoio à comunidade.

Palavras-chave: Prevalência; Violência; Fatores de risco; Gays; Lésbicas.

Introdução

A violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo, *gays* e lésbicas, é um problema inevitavelmente preocupante, tal como a violência que é vivenciada e perpetrada no seio dos relacionamentos heterossexuais (Kulkin, Williams, Borne, Bretonne, & Laurendine, 2007; Madera & Toro-Alfonso, 2005; Mena, Rodríguez, & Malavé, 2005). Trata-se, portanto, de um problema, individual e social, sobre o qual a investigação, quer internacional como nacional, se deve debruçar, uma vez que este é um fenómeno que acarreta consequências nefastas tanto a nível físico como a nível psicológico (Carvalho, Lewis, Derlega, Winstead, & Viggiano, 2011).

A violência íntima entre parceiros homossexuais é uma área, ainda que não em termos de existência, recente em termos de investigação (Dias, 2016), contudo tem-se assistido a um interesse e investimento no que diz respeito ao reconhecimento, conhecimento e ao estudo da mesma, tanto por parte da comunidade científica, como por parte da comunicação social (*media*) e das instituições de apoio LGBT, através da crescente evolução na investigação e no conhecimento acerca do fenómeno.

Apesar de se tratar de um problema universal e com uma conotação bastante importante e, por conseguinte, alarmante, a investigação acerca da violência entre casais do mesmo sexo, iniciou-se somente no final da década de 80, início da década de 90 (Badenes-Ribera, Bonilla-Campos, Frias-Navarro, Pons-Salvador, & Monterde-i-Bort, 2015; Dias, 2016), questão esta, potencialmente, relacionada com a “saída do armário dos *gays* e lésbicas” (Costa, Machado, & Antunes, 2009; Dias, 2016). De acordo com Costa, Machado e Antunes (2009) apenas por essa altura é que os *gays* e as lésbicas começaram a relatar as suas experiências no que diz respeito à violência no seio do casal (Dias, 2016). Esta questão encontra-se também interligada com o movimento de emancipação da mulher (Kulkin et al., 2007), que resultou no relato, por parte das vítimas, das situações de vitimação que experienciavam.

No que diz respeito às estimativas das taxas de prevalência de violência entre pessoas do mesmo sexo, no contexto internacional, estas são variáveis entre sexos, resultando na não generalização entre estudos com população lésbica, com população de homens *gays* e estudos de prevalência que englobam toda a população (Carvalho et al., 2011).

Burke, Jordan e Owen (2002) com o objetivo de analisar a prevalência da violência doméstica entre pessoas do mesmo sexo, com uma amostra de 72 participantes, homens (*gays*) e mulheres (lésbicas) da Venezuela e dos Estados Unidos da América, constataram que cerca de 68.49% da amostra experienciou alguma forma de violência doméstica. De acordo com este mesmo estudo as formas mais comuns de violência doméstica estão relacionadas com a

violência psicológica (40.28%), cerca de 27% dos participantes venezuelanos informou que sofre de violência uma ou duas vezes comparativamente a 6% dos participantes norte-americanos, e cerca de 23% dos participantes norte-americanos relatou ter sido agredido três vezes ou mais comparativamente a 5% da amostra venezuelana.

No estudo de Turell (2000) realizado em Houston, cujo objetivo era analisar a prevalência da violência doméstica entre pessoas do mesmo sexo, com uma amostra de 499 participantes, *gays*, lésbicas, bissexuais e transgêneros, constatou que 9% dos participantes era vítima de algum tipo de violência na atual relação e 32% dos participantes foi vítima de violência no passado, nomeadamente violência emocional e física. Relativamente aos comportamentos sexualmente abusivos, 1% relatou os mesmos na atual relação e 9% nas relações passadas. O autor constatou também que, pelo menos um dos itens relacionados com o abuso monetário (violência socioeconómica) foi reportado por 40% da amostra e que pelo menos um item de abuso emocional foi experienciado por 83% dos participantes.

No estudo de Mena, Rodríguez e Malavé (2005), realizado em Porto Rico, que tinha como objetivo a análise da prevalência da violência doméstica entre pessoas do mesmo sexo, *gays*, lésbicas, bissexuais e transgêneros, com uma amostra de 201 participantes, concluiu-se que 41.6% dos participantes da amostra consideraram que foram vítimas de violência doméstica em alguma das suas relações (20.3% homens homossexuais e 19.3% mulheres lésbicas). O abuso psicológico foi a manifestação de violência doméstica com maior prevalência de identificação por parte dos participantes, seguindo-se o abuso físico e o abuso sexual.

Com o objetivo de analisar a prevalência da violência doméstica entre pessoas do mesmo sexo, homens (*gays*) e mulheres (lésbicas), numa amostra de 14.182 participantes, Messinger (2011) constatou, no seu estudo, realizado nos Estados Unidos da América, que as médias para a vitimação na violência física e sexual entre parceiros íntimos são mais elevadas relativamente às mulheres, e que as médias para todas as formas de vitimação na violência entre parceiros íntimos são mais elevadas para a população *gay* ou bissexual, comparativamente aos participantes heterossexuais.

No que diz respeito ao estudo da violência íntima entre parceiros homossexuais *gays*, alguns estudos indicam que entre 42% a 79% da população *gay* é vítima de violência (Burke et al., 2002; Carvalho et al., 2011). Outros resultados sugerem que a violência ocorre em cerca de 21 a 50% dos homens parceiros do mesmo sexo (Stanley, Bartholomew, Taylor, Oram, & Landolt, 2006).

No que concerne às pesquisas realizadas em torno da temática lésbica, as taxas de prevalência de violência sugerem que entre 25% a 50% da população lésbica é vítima de

violência nos seus relacionamentos (Eaton, Kaufman, Fuhrel, Cain, Cherry, Pope, & Kalichman, 2008; Lockhart, White, Causby, & Issac, 1994), sugerindo também que a violência doméstica nas relações lésbicas ocorre frequentemente comparativamente às relações heterossexuais (Mena et al., 2005; Turell, 2000).

No contexto português, denota-se uma escassez de investigação neste sentido, ainda assim existem estudos que abordam este tema, nas mais diversas formas (e.g., Antunes & Machado, 2005; Costa et al., 2009; Domingues, 2015; Monteiro & Sani, 2013; Nunan, 2004; Topa, 2009; Topa, 2010).

No estudo de Antunes e Machado (2005), que tinha como objetivo analisar a prevalência da violência doméstica entre pessoas do mesmo sexo, numa amostra de 63 participantes, homens (*gays*) e mulheres (lésbicas), constatou-se que 20.6% dos participantes que estavam na altura envolvidos numa relação revela ter sido vítima de pelo menos um ato abusivo durante o último ano e 15.9% admite ter adoptado algum tipo de comportamento violento relativamente ao seu companheiro. Relativamente à vitimação, 4.8% refere um comportamento violento ocorrido uma única vez, 1.6 % um comportamento violento sofrido mais do que uma vez e 14.3% mais do que um comportamento violento. Dos que revelam ter sido agressores, 3.2% refere um comportamento violento ocorrido uma única vez e 12.7% mais do que um comportamento violento praticado. No que se refere às atuais relações, a violência psicológica foi referida em 12.7% da amostra relativamente aos participantes que se identificaram como vítimas, a violência psicológica e a violência física foram igualmente referidas por cerca 9.5% dos participantes que se identificaram como agressores. No que concerne à violência sexual, esta não aparece referenciada, em nenhuma vertente (i.e., vítima ou agressor). No que diz respeito às relações íntimas anteriores, 61.9% mencionou comportamentos de vitimação por parte do companheiro e 46% revelou ter assumido algum tipo de comportamento violento contra o companheiro em alguma relação do passado. Tanto na vertente de vítima como na vertente de agressor, predomina a existência de comportamentos agressivos recorrentes (52.4% e 34.9%, respetivamente). Relativamente aos tipos de violência experienciada no passado, verifica-se que os maus-tratos físicos e psicológicos são os mais referidos pelos participantes, quer na vertente de vítimas quer na de agressores (34.9% e 25.4% respetivamente), seguido-se os maus-tratos psicológicos isolados (19% vítimas e 12.7% agressores). Em 1.6% da amostra verifica-se a existência de vitimação sexual e psicológica conjunta. No caso de comportamentos violentos perpetrados no passado pelos participantes, a violência sexual é referenciada por 1.6%.

Costa, Machado e Antunes (2009) no seu estudo, cujo objetivo era analisar a prevalência da violência doméstica entre pessoas do mesmo sexo, com uma amostra de 151 participantes, homens (*gays*) e mulheres (lésbicas), constataram que 37.7% dos participantes revelara ter sido vítima de pelos menos um ato abusivo perpetrado pelo companheiro no último ano e 39.1% dos participantes admitira ter adoptado algum tipo de comportamento violento em relação aos seus parceiros íntimos. Quanto à vitimação, 35.1% dos participantes admitira ter sido vítima de pelo menos um ato de violência emocional, 24.5% revelara ter sido fisicamente agredido pelo parceiro íntimo e 3.3% admitira ter sido vítima de pelo menos um comportamento sexualmente violento por parte do companheiro. Analisando os comportamentos abusivos perpetrados, verificou-se que a violência psicológica foi referida com maior frequência (30.5%), seguindo-se o maltrato físico (24.5%) e a violência sexual (0.7%).

No seu estudo, cujo objetivo era estudar a prevalência da violência e as características associadas ao fenómeno da violência nos casais de *gays*, lésbicas e bissexuais, tanto no que concerne à vitimação como à perpetração, nas relações passadas e presentes, numa amostra de 74 participantes, Domingues (2015) constatou que, no que concerne aos comportamentos de vitimação, relativamente aos tipo de violência de que os participantes foram vítimas nas relações passadas, 32.7% *gays* e 42.9% lésbicas refere ter sofrido pelo menos um ato de violência física, quanto às atuais relações 10.8% *gays* e 21.4% lésbicas mencionaram este tipo de violência. Cerca de 61.2% *gays* e 71.4% lésbicas refere ter sofrido pelo menos um ato de violência psicológica/emocional nas relações passadas e nas atuais relações 35.1% *gays* e 35.7% lésbicas refere este comportamento. Relativamente à violência sexual, no que concerne às relações passadas, pelo menos um ato deste teor é referido por 10.2% *gays* e 14.3% lésbicas, no que concerne à atual relação, 2.7% *gays* e 7.1% lésbicas, refere pelos menos um comportamento deste teor. No que concerne à violência socioeconómica, nos relacionamentos passados, esta é referida por 18.4% *gays* e 42.9% lésbicas, relativamente às atuais relações é mencionado por 10.8% *gays* e 14.3% lésbicas. No que concerne à frequência dos comportamentos violentos recebidos nos dois grupos, 16.3% *gays* e 14.3% lésbicas refere pelo menos uma vez por mês. Relativamente aos comportamentos de perpetração, os resultados são inferiores. No que diz respeito à violência física, nas relações passadas, 24.5% *gays* e 35.7% lésbicas refere ter praticado pelo menos um ato desta natureza, no que concerne à atuais relações, 10.8% *gays* e 21.4% lésbicas refere ter praticado pelo menos um ato desta natureza. No que diz respeito à violência psicológica/emocional, esta é referida como tendo sido perpetrada pelo menos uma vez, nas relações passadas, por 44.9% *gays* e 57.1% lésbicas, relativamente às atuais relações é referido por 35.1% *gays* e 21.4% lésbicas. No que diz respeito

à violência sexual, pelo menos a prática de um ato é referido por 2% *gays* e 7.1% lésbicas nas relações passadas, relativamente às atuais relações, este tipo de violência é referido apenas por 2.7% *gays*. A violência socioeconômica, é referida, relativamente às relações passadas, por 8.2% *gays* e 21.4% lésbicas, quanto às atuais relações esta é referida por 5.4% *gays* e 7.1% lésbicas. No que concerne à frequência dos comportamentos violentos praticados nos dois grupos, 25.5% *gays* e 35.7% lésbicas refere menos de uma vez por mês.

No que diz respeito às razões pelas quais este fenômeno da violência íntima entre parceiros íntimos do mesmo sexo tem sido ignorado, além da homofobia internalizada que faz parte da comunidade LGBT, a existência de mitos relacionados com os papéis de gênero (i.e., convicção de que os homens cometem agressões e as mulheres são vítimas) (Dias, 2016) e com as dinâmicas de relacionamento dos casais homossexuais (e.g., papéis igualitários na díade), assim como o estigma, a homofobia social e a discriminação, vigentes na sociedade, no que diz respeito ao ser homossexual e, conseqüentemente, à existência de violência no seio de um casal homossexual (Badenes-Ribera et al., 2015; Greenwood, Relf, Bu Huang, Pollack, Canchola, & Catania, 2002; Madera & Toro-Alfonso, 2005), contribuem para esta questão.

Assim, e para melhor se entender o conceito, a violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo entende-se como qualquer tipo de comportamento de agressão (Finneran & Stephenson, 2012; Oringher & Samuelson, 2011), seja psicológica, física, sexual e/ou socioeconômica, na qual um determinado indivíduo tenta manter o controle e o poder relativamente ao(à) seu(a) parceiro(a) (Madera & Toro-Alfonso, 2005; Nunan, 2004), podendo ser definida como ocorrendo numa diversidade de dinâmicas de relacionamentos íntimos (Oringher & Samuelson, 2011), não dependendo portanto da orientação sexual e/ou gênero do(s) indivíduo(s) implicado(s) no comportamento de violência (Dias, 2016).

No que diz respeito ao estudo dos fatores de risco de violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo, constata-se que a literatura, publicada, focada somente nos fatores de risco é escassa, tendo em conta os estudos publicados nas línguas em que se pesquisou.

Ainda assim, e com base na literatura existente, podem caracterizar-se como fatores de risco/preditores de violência nos relacionamentos íntimos homossexuais, a história de violência prévia/violência familiar (Murray, Mobley, Buford, & Seaman-DeJohn, 2007; Nunan, 2004; Richards, Noret, & Rivers, 2003); o uso e/ou abuso de substâncias (Murray et al., 2007; Nunan, 2004; Ristock & Timbang, 2005); os problemas de saúde mental (Nunan, 2004); determinadas características de personalidade, como por exemplo, características dos agressores que predis põem à violência como baixa auto-estima, insegurança, baixo auto-controle, fracas capacidades de comunicação, assim como características das vítimas que predis põem à

vitimação como auto-culpabilização, evitar conflitos, depressão; a existência de historial psicopatológico (e.g., comportamentos agressivos e anti-sociais) no que diz respeito aos indivíduos constituintes do casal (Murray et al., 2007); a homofobia internalizada (Murray et al., 2007; Nunan, 2004); o heterossexismo (Murray et al., 2007); o diagnóstico positivo de HIV, principalmente em relacionamentos *gay* e bissexual (Murray et al., 2007; Nunan, 2004; Richards et al., 2003; Ristock & Timbang, 2005), e uma idade precoce (entre os homens *gay*) (Murray et al., 2007).

Em suma, e sendo esta uma problemática que tem vindo a ser estudada e aprofundada no contexto português e, por conseguinte, que não pode, de todo, ser negligenciada, o presente estudo, uma vez que se foca na problemática da violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo, tem como principal objetivo, avaliar as taxas de prevalência da violência nos relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo, *gays* e lésbicas, no contexto português, nomeadamente na vertente física, psicológica, sexual e socioeconómica, na vertente de vítima e na vertente de perpetrador, e analisar quais os fatores de risco associados a este fenómeno.

Num vertente mais específica da investigação, o presente estudo pretende determinar as características sociodemográficas da população a estudar de acordo com a orientação sexual, assim como perceber a distribuição do fenómeno em termos de localização geográfica no país; explorar quais os fatores de risco associados ao fenómeno; quais os tipos/formas de violência mais sofridos e perpetrados, assim como as estratégias utilizadas pelos participantes de modo a fazer face à violência. Importa ainda, identificar as diferenças entre a população *gay* e lésbica, no que diz respeito ao estudo da prevalência.

Método

O presente estudo é de carácter exploratório e descritivo, de natureza quantitativa, com recurso a medida de autorrelato.

Participantes

A amostra do presente estudo é uma amostra por conveniência, constituída por população *gay* e lésbica. De modo a melhor definir os critérios de inclusão da amostra, o estudo dirigiu-se a indivíduos homossexuais assumidos, *gays* e lésbicas, maiores de 18 anos de idade, que estivessem, na altura da recolha dos dados, ou que tenham estado, no passado, numa relação do tipo homossexual, pertencentes à comunidade portuguesa, residentes em Portugal Continental ou nas Regiões Autónomas dos Açores ou da Madeira.

A amostra total é constituída por 48 participantes, sendo que 72.9% ($n=35$) são do sexo feminino e 27.1% ($n=13$) do sexo masculino. A idade dos participantes varia entre os 18 e os

55 anos ($M=26.50$; $DP=8.011$), sendo que as idades com maior destaque são os 23/24 anos (14.6%, $n=7$) e os 22 anos (12.5%, $n=6$) (cf. Tabela 1).

No que diz respeito à orientação sexual dos participantes, 72.9% ($n=35$) identifica-se como lésbica e 27.1% ($n=13$) identifica-se como *gay* (cf. Tabela 1).

Quando questionados se se encontram atualmente numa relação 56.3% ($n=27$) dos participantes refere que sim e 43.8% ($n=21$) dos participantes refere que não (cf. Tabela 1).

No que concerne à nacionalidade dos participantes, verifica-se que 100% ($n=48$) da amostra tem nacionalidade portuguesa (cf. Tabela 1).

Relativamente às habilitações literárias dos participantes, verifica-se que 64.6% ($n=31$) possui o grau de ensino universitário, cerca de 31.3% ($n=15$) possui o grau de ensino secundário, 2.1% ($n=1$) o grau de ensino básico e, 2.1% ($n=1$) não responde à questão (cf. Tabela 1).

No que diz respeito à situação profissional dos participantes, 52.1% ($n=25$) encontra-se atualmente no ativo, 39.6% ($n=19$) é estudante e, 8.3% ($n=4$) encontra-se desempregado(a) (cf. Tabela 1). No que diz respeito ao distrito de residência dos participantes, verifica-se que a maioria dos participantes reside no centro do país (60.4%, $n=29$), seguindo-se o norte do país com 22.9% ($n=11$) da amostra, o sul do país com 12.5% ($n=6$) da amostra, e por fim, as regiões autónomas dos açores e madeira com 4.2% ($n=2$) da amostra (cf. Tabela 1).

No que diz respeito à classe social dos participantes, 58.3% ($n=28$) pertence à classe média, 37.5% ($n=18$) pertence à classe média-baixa e, 4.2% ($n=2$) pertence à classe baixa (cf. Tabela 1).

Tabela 1
 Caracterização sociodemográfica da amostra total (n=48)

		%	n
Sexo	Masculino	27.1	13
	Feminino	72.9	35
Grupos etários	18-20 anos	16.7	8
	21-30 anos	66.7	32
	31-40 anos	10.4	5
	41-60 anos	6.3	3
Orientação sexual	Gay	27.1	13
	Lésbica	72.9	35
Estado relacional atual	Sim	56.3	27
	Não	43.8	21
Nacionalidade	Portuguesa	100	48
Habilitações literárias	Ensino Básico	2.1	1
	Ensino Secundário	31.3	15
	Ensino Universitário	64.6	31
	Não responde	2.1	1
Situação profissional	No ativo	52.1	25
	Estudante	39.6	19
	Desempregado/a	8.3	4
Distrito de residência	Norte	22.9	11
	Centro	60.4	29
	Sul	12.5	6
	Regiões Autónomas dos Açores e Madeira	4.2	2
Classe social	Classe Baixa	4.2	2
	Classe Média-Baixa	37.5	18
	Classe Média	58.3	28

Instrumento

No presente estudo, recorreu-se ao método do inquérito, sendo que se utilizou a técnica do questionário. O instrumento utilizado foi a Escala de Relações Abusivas em Casais Gay e Lésbica (Osório, Soeiro, Sani, & Domingues, 2016, adaptado de *Violence and Abuse in Same-Sex Relationships* de Noret & Richards, 2003), que pretende avaliar a prevalência da violência nas relações, presentes e passadas, entre pessoas do mesmo sexo e analisar quais os fatores de risco associados ao fenómeno.

Em termos específicos, esta escala determina as características sociodemográficas da população a estudar (i.e., vítimas e perpetradores de violência), assim como a distribuição do fenómeno em termos de localização geográfica no país; quais os tipos/formas de violência mais sofridos e perpetrados; quais os fatores de risco associados ao fenómeno; assim como as estratégias utilizadas para fazer face à violência.

A escala é constituída por 42 itens, agrupados em seis secções. É composta pela informação sociodemográfica, que contém oito itens, com o intuito de fazer um levantamento dos dados sociodemográficos dos participantes, obtendo assim uma informação mais detalhada da população a ser estudada. Pela caracterização das relações abusivas, que contém 17 itens, de modo a caracterizar as relações abusivas e, pela história familiar, que contém cinco itens, de modo a explorar se existe e/ou existiu historial de violência no seio familiar do participante.

Posteriormente divide-se em três partes, em que as respostas são cotadas consoante uma escala tipo-*Likert* de cinco pontos (1 – *nunca*; 5 – *sempre*), nomeadamente a parte I referente à prevalência da violência nas relações passadas, que contém quatro questões, a parte II referente à prevalência da violência nas relações atuais, que contém quatro questões, e a parte III referente ao abuso cometido contra o(a) parceiro(a) nas relações passadas e/ou na atual relação, que contém quatro questões.

Caso o participante tenha sofrido violência num ou em vários relacionamentos passados, tem que preencher a Parte I da escala [Parte I: Prevalência da Violência nas Relações Passadas]. Caso experiencie violência somente na atual relação, tem que preencher apenas a Parte II da escala [Parte II: Prevalência da Violência nas Relações Atuais]. Caso o participante tenha perpetrado abuso(s) contra o(a) seu(a) parceiro(a) quer em relacionamentos passados ou no seu atual relacionamento, tem que preencher a parte III da presente escala [Parte III: Abuso cometido contra o(a) seu(a) parceiro(a)].

É de salientar, e de modo a existir coesão nos resultados, que se optou por incluir os comportamentos experienciados e os comportamentos perpetrados em categorias de violência, nomeadamente:

Violência Psicológica: “Ameaçar com violência física; Dizer que não terá nada caso a relação termine; Ameaçar que o(a) mata caso termine a relação; Ameaçar que comete suicídio; Criticar; Intimidar; Humilhar; Rebaixar; Dizer palavrões direcionados a si; Injuriar; Insultar; Acusar de infidelidade; Culpá-lo(a) da relação abusiva; Vigia-lo(a) constantemente; Culpá-lo(a) pelo seu próprio comportamento abusivo; Dizer que mais ninguém o(a) quererá; Trancá-lo(a) no quarto ou em casa; Trancá-lo(a) fora de casa; Forçá-lo(a)/Tentar que deixe de ver ou falar com amigos e/ou familiares; Fazer com que se torne dependente de álcool; Fazer com que se torne dependente de drogas; Ameaçar expor a sua sexualidade à família/amigos/colegas de trabalho (*outing*); Danificar a sua propriedade; Estragar coisas em casa; Partir as suas coisas; Criticar/ridicularizar a sua performance sexual”.

Violência Física: “Bater; Dar murros; Atirar objetos; Dar pontapés; Empurrar; Dar uma chapada; Sufocar; Atingir com objetos; Cortar com um objeto afiado”.

Violência Sexual: “Forçar a ter relações sexuais contra a sua vontade; Forçar a ter relações sexuais sem proteção; Ameaçar contagiar com o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV)”.

Violência Socioeconómica: “Forçá-lo(a) a desistir do seu emprego; Forçá-lo(a) a desistir da sua habitação; Restringir o acesso às contas/finanças; Roubar o seu dinheiro; Contrair-lhe dívidas”.

Procedimentos

No que diz respeito ao procedimento realizado no presente estudo, numa fase inicial optou-se por realizar a construção do instrumento, i.e., realizar a sua adaptação com as alterações necessárias, de modo a colocar-se o instrumento em formato de escala.

Posteriormente, após a realização do protocolo de investigação (cf. Anexo A) que continha o enquadramento teórico do tema, a metodologia de investigação, i.e., a descrição dos objetivos gerais e específicos do estudo, o método (participantes, instrumento, procedimentos), bem como o cronograma de atividades, os pedidos de autorização às instituições (cf. Anexo B), e a declaração de consentimento informado, submeteu-se o estudo à Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa.

Após a aprovação da Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa, a escala juntamente com as instruções acerca da forma mais acessível e correta de preenchimento da mesma, o objetivo e descrição do estudo, a importância da participação e a confidencialidade, i.e., termo de aceitação (cf. Anexo C), em conformidade com todos os procedimentos éticos e deontológicos, foi disponibilizada, em formato digital, numa plataforma *online* - *Google Docs* – para que pudesse ser preenchida pelos participantes do estudo. Aos participantes foi disponibilizado também um endereço de correio eletrónico através do qual pudessem solicitar esclarecimentos, informações e expor dúvidas que pudessem surgir no decurso do estudo, ou quaisquer outras questões que se afigurassem pertinentes.

Posteriormente, à colocação do estudo *online*, foi solicitada a colaboração de várias entidades e associações Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgéneros (LGBT), assim como a associações de apoio à vítima, nomeadamente, e de acordo com as associações que responderam às solicitações de auxílio, “*Associação ILGA* - associação de defesa dos direitos LGBT em Portugal”; “*PortugalGay.pt* - site em português destinado a todos os gays, lésbicas, bis, transgéneros, transexuais, intersexo e heteros descomplexados”; “*Rede Ex Aequo* - associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, trans, intersexo e apoiantes com idades compreendidas entre os 16 e os 30 anos em Portugal”; “*Dezanove* - um portal de notícias e eventos que reflecte o dia-a-dia da temática LGBT em Portugal e no mundo”; *Rumos Novos – Homossexuais Católicos* – realiza a sua ação de modo a garantir o respeito e a justiça para

todos os homossexuais, dentro da Igreja Católica, em particular, e da sociedade, em geral, através da informação, conselho e desenvolvimento de competências”; “*Casa Qui* - associação de solidariedade social”, e numa vertente das associações de apoio à vítima, *Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV)*, com o intuito de divulgar o estudo através dos seus contactos e de sensibilizar a população-alvo na participação do presente estudo.

Para além da solicitação de colaboração por parte das associações LGBT e associações de apoio à vítima, procedeu-se também à divulgação do estudo em associações/núcleos de estudantes, nas redes sociais e através do envio de *e-mails*, através de contactos pessoais (método *snowball*), de modo a possibilitar uma maior adesão ao estudo, i.e., a participação de um maior número de participantes.

A recolha de dados realizou-se entre janeiro e julho de 2016, sendo que a Escala de Relações Abusivas em Casais *Gay* e *Lésbica* esteve disponível *online* durante esse período.

Uma vez que o objetivo do presente estudo é estudar a prevalência da violência em relacionamentos íntimos, tanto nas relações passadas como nas atuais relações, no que diz respeito à vitimação e à agressão, e após a análise realizada, sendo que uma vez que nem todos os inquiridos apresentaram prevalência de relações abusivas, o total da amostra ficou em $n=42$, excluindo-se assim seis participantes (lésbicas, $n=6$), por não cumprirem os pressupostos i.e., já terem vivenciado uma relação abusiva.

Após o término da recolha de dados, e de modo a analisar as respostas, as respetivas respostas foram introduzidas numa grelha de *Excel* e apenas aquelas que permitiram responder aos objetivos previamente definidos e que preencheram os critérios de inclusão da amostra, foram transportadas para a base de dados do software informático *IBM Statistical Package for Social Sciences (SPSS)* versão 22.0, de modo a proceder-se à análise estatística dos dados e, posterior, análise dos resultados.

É pertinente referir que só foram consideradas, neste estudo, as respostas que cumpriram os critérios de inclusão de participação.

Numa primeira fase, relativamente à análise estatística, procedeu-se à análise exploratória da informação sociodemográfica da amostra, e numa segunda fase procedeu-se à análise exploratória das respostas e, por conseguinte, dos resultados obtidos através do instrumento.

É de salientar que os resultados do presente estudo se encontram divididos em seis partes. Num primeira parte são apresentados os resultados da caracterização das relações abusivas, nas relações atuais, assim como os resultados do historial familiar dos participantes e os resultados da vertente de saúde mental; numa segunda parte é apresentada a caracterização dos comportamentos de vitimação; numa terceira parte são apresentados os resultados da

caracterização dos comportamentos de perpetração; na quarta parte são apresentados os resultados da prevalência da vitimação nas relações passadas; na quinta parte são apresentados os resultados da prevalência do abuso cometido contra o(a) parceiro(a), nas relações atuais e passadas, e por fim, na sexta parte são apresentados os resultados dos fatores de risco estudados (i.e., idade, educação, violência no seio familiar, existência de perturbações mentais e consumos), tanto no que diz respeito aos fatores associados à vitimação (excepto os consumos) como no que diz respeito aos fatores associados à perpetração. No que diz respeito à categoria da prevalência de violência (vitimação) nas relações atuais, optou-se por não avaliar a mesma, uma vez que somente duas participantes do sexo feminino responderam às questões e apenas a algumas das questões colocadas, não se tratando, portanto, de um resultado representativo.

Resultados

Caracterização das Relações Abusivas

Caracterização das relações atuais.

No que diz respeito ao estado atual de relação, cerca de 52.4% ($n=22$) dos participantes encontra-se atualmente numa relação, cerca de 62.1% lésbicas ($n=18$) e 30.8% *gays* ($n=4$) (cf. Tabela 2).

Tabela 2

Estado atual de relação

			Orientação Sexual		
			Lésbica	Gay	Total
Encontra-se atualmente numa relação?	Sim	<i>n</i>	18	4	22
		%	62.1	30.8	52.4
	Não	<i>n</i>	11	9	20
		%	37.9	69.2	47.6

Relativamente à duração dessa mesma relação, e com uma maior percentagem, o tempo de duração da relação situa-se entre um a doze meses com 47.6% ($n=10$) do total dos participantes. Com cerca de 47.1% lésbicas ($n=8$) e 50% *gays* ($n=2$) (cf. Tabela 3).

Tabela 3
Duração da atual relação

			Orientação Sexual		
			Lésbica	Gay	Total
Se se encontra atualmente numa relação. Há quanto tempo?	1-12 meses	<i>n</i>	8	2	10
		%	47.1	50.0	47.6
	12 meses - 3 anos	<i>n</i>	4	0	4
		%	23.5	0.0	19.0
	3 anos - 6 anos	<i>n</i>	5	2	7
		%	29.4	50.0	33.3

No que diz respeito à situação atual, e quando questionados se têm medo do(a) atual parceiro(a), 92.9% ($n=39$) dos participantes refere que não. Com cerca de 89.7% lésbicas ($n=26$) e 100% gays ($n=13$) (cf. Tabela 4).

Tabela 4
Medo do(a) atual parceiro(a)

			Orientação Sexual		
			Lésbica	Gay	Total
Tem medo do(a) seu(a) atual parceiro(a)?	Sim	<i>n</i>	3	0	3
		%	10.3	0.0	7.1
	Não	<i>n</i>	26	13	39
		%	89.7	100.0	92.9

Historial familiar.

No que diz respeito à história familiar, quando questionados se presenciaram violência no seio familiar, 59.5% ($n=25$) dos participantes refere que não, com 62.1% lésbicas ($n=18$) e 53.8% gays ($n=7$). Contudo é de referir a elevada percentagem do “sim”, no que diz respeito a essa temática com 40.5% ($n=17$) da amostra a referir que sim, cerca de 37.9% lésbicas ($n=11$) e 46.2% gays ($n=6$) (cf. Tabela 5).

Quando questionados se alguma vez sofreram de violência no seio familiar 52.4% ($n=22$) dos participantes refere que não, com 58.6% lésbicas ($n=17$) e 38.5% gays ($n=5$), ainda assim, é de salientar a elevada percentagem do “sim”, com 47.6% ($n=20$) da amostra. Sendo de referir que no que diz respeito à orientação sexual gay, a percentagem é mais elevada para o “sim” (cf. Tabela 5).

Tabela 5
Violência no seio familiar

			Orientação Sexual		
			Lésbica	Gay	Total
Alguma vez presenciou violência no seu seio familiar?	Sim	<i>n</i>	11	6	17
		%	37.9	46.2	40.5
	Não	<i>n</i>	18	7	25
		%	62.1	53.8	59.5
Alguma vez sofreu violência no seu seio familiar?	Sim	<i>n</i>	12	8	20
		%	41.4	61.5	47.6
	Não	<i>n</i>	17	5	22
		%	58.6	38.5	52.4

No que diz respeito à questão se sofreu abusos sexuais na infância, 73.8% ($n=31$) dos participantes refere que não, com cerca de 65.5% lésbicas ($n=19$) e 92.3% gays ($n=12$). Torna-se, contudo, importante referir a elevada percentagem do “*sim*”, no que diz respeito a esta problemática, i.e., 26.2% ($n=11$) da amostra (cf. Tabela 6).

Tabela 6
Abusos sexuais na infância

			Orientação Sexual		
			Lésbica	Gay	Total
Foi abusado sexualmente na infância?	Sim	<i>n</i>	10	1	11
		%	34.5	7.7	26.2
	Não	<i>n</i>	19	12	31
		%	65.5	92.3	73.8

Saúde mental.

Relativamente à presença de perturbações mentais, quando questionados se já haviam sofrido de alguma perturbação mental 71.4% ($n=30$) dos participantes refere que não, com 69% lésbicas ($n=20$) e 76.9% gays ($n=10$) (cf. Tabela 7). Dos participantes que referiram que sim, que já haviam sofrido de alguma perturbação mental (28.6%, $n=12$) (cf. Tabela 7), as mais referenciadas, por ordem da mais referenciada para a menos referenciada, foram: depressão ($n=5$; lésbicas, $n=3$; gays, $n=2$); ansiedade/ataques de ansiedade (gays, $n=2$); perturbação estado-limite da personalidade (lésbicas, $n=1$); síndrome de pânico (lésbicas, $n=1$); surto psicótico (lésbicas, $n=1$); transtorno de personalidade borderline (lésbicas, $n=1$); esgotamento nervoso (lésbicas, $n=1$); sociopatia (lésbicas, $n=1$); stress pós-traumático (gays, $n=1$);

tendências depressivas/suicidas (*gays*, $n=1$), e por fim, perturbação obsessivo-compulsiva (*gays*, $n=1$), sendo de salientar a existência de participantes que referiram a existência de mais do que uma perturbação (cf. Tabela 8).

Quando questionados se atualmente sofrem de alguma perturbação mental, 81% ($n=34$) dos participantes refere que não, com cerca de 82.8% lésbicas ($n= 24$) e 76.9% *gays* ($n=10$). Dos participantes que referem que atualmente sofrem de alguma perturbação mental, i.e., 19% ($n=8$) da amostra (cf. Tabela 7), as mais referenciadas, por ordem da mais referenciada para a menos referenciada, são: depressão ($n=5$; lésbicas, $n=2$; *gays*, $n=3$); perturbação obsessivo-compulsiva ($n=2$; lésbicas, $n=1$; *gays*, $n=1$); perturbação estado-limite da personalidade (lésbicas, $n=1$); sociopatia (lésbicas, $n=1$); síndrome de pânico (lésbicas, $n=1$); ansiedade (*gays*, $n=1$); transtorno de personalidade borderline (*gays*, $n=1$), e por fim, stress pós-traumático (*gays*, $n=1$) sendo, também, de referir a existência de participantes que referiram a existência de mais do que uma perturbação (cf. Tabela 8).

Tabela 7

Presença de perturbações mentais

			Orientação Sexual		
			Lésbica	Gay	Total
Alguma vez sofreu alguma perturbação mental?	Sim	<i>n</i>	9	3	12
		%	31.0	23.1	28.6
	Não	<i>n</i>	20	10	30
		%	69.0	76.9	71.4
Atualmente sofre alguma perturbação mental?	Sim	<i>n</i>	5	3	8
		%	17.2	23.1	19.0
	Não	<i>n</i>	24	10	34
		%	82.8	76.9	81.0

Tabela 8

Presença de perturbações mentais no passado e no presente

Perturbações mentais	<i>n</i>	Presença no Passado			Presença no Presente		
		Lésbica	Gay	Total	Lésbica	Gay	Total
Depressão	<i>n</i>	3	2	5	2	3	5
Ansiedade/Ataques de ansiedade	<i>n</i>	0	2	2	0	1	1
Perturbação Estado Limite da Personalidade	<i>n</i>	1	0	1	1	0	1
Síndrome de Pânico	<i>n</i>	1	0	1	1	0	1
Surto Psicótico	<i>n</i>	1	0	1	-	-	-
Transtorno de Personalidade Borderline	<i>n</i>	1	0	1	0	1	1
Esgotamento nervoso	<i>n</i>	1	0	1	-	-	-
Sociopatia	<i>n</i>	1	0	1	1	0	1
Stress Pós-Traumático	<i>n</i>	0	1	1	0	1	1
Tendências depressivas/suicidas	<i>n</i>	0	1	1	-	-	-
Perturbação Obsessivo-Compulsiva	<i>n</i>	0	1	1	1	1	2

Caracterização dos Comportamentos de Vitimação

No que diz respeito à caracterização dos comportamentos de vitimação, e quando questionados se alguma vez tiveram medo de um(a) parceiro(a) que tenham tido no passado, a percentagem mais elevada demonstra que sim com 78.6% ($n=33$), com cerca de 75.9% lésbicas ($n=22$) e 84.6% gays ($n=11$) (cf. Tabela 9).

Tabela 9

Medo de um(a) parceiro(a) que tenha tido no passado

		<i>n</i>	Orientação Sexual		
			Lésbica	Gay	Total
Já alguma vez teve medo de um parceiro(a) que tenha tido no passado?	Sim	<i>n</i>	22	11	33
		%	75.9	84.6	78.6
	Não	<i>n</i>	7	2	9
		%	24.1	15.4	21.4

No que concerne ao número de relações abusivas em que os participantes já se encontraram, a opção com maior número de respostas é “*uma relação*” com cerca de 82.9% ($n=34$), com 82.1% lésbicas ($n=23$) e 84.6% gays ($n=11$) (cf. Tabela 10).

Tabela 10

Número de relações abusivas em que esteve

			Orientação Sexual		
			Lésbica	Gay	Total
Se já esteve numa relação abusiva, em quantas?	Uma relação	<i>n</i>	23	11	34
		%	82.1	84.6	82.9
	Duas relações	<i>n</i>	2	2	4
		%	7.1	15.4	9.8
	Três relações	<i>n</i>	3	0	3
		%	10.7	0.0	7.3

Relativamente ao tempo de duração da relação abusiva, denota-se uma maior ênfase no tempo de duração “*mais de um ano*” com 51.2% ($n=21$), referido por 57.1% lésbicas ($n=16$) e 38.5% gays ($n=5$) (cf. Tabela 11).

Tabela 11

Tempo de duração da relação abusiva no passado

			Orientação Sexual		
			Lésbica	Gay	Total
Se já foi vítima de uma relação abusiva no passado, quanto tempo durou essa relação?	Menos de um mês	<i>n</i>	2	1	3
		%	7.1	7.7	7.3
	Mais de um mês, menos de 6 meses	<i>n</i>	6	3	9
		%	21.4	23.1	22.0
	Mais de 6 meses, menos de um ano	<i>n</i>	4	4	8
		%	14.3	30.8	19.5
Mais de um ano	<i>n</i>	16	5	21	
	%	57.1	38.5	51.2	

Quando questionados se a relação terminara em resultado do abuso, a resposta dos participantes com maior percentagem foi “*sim*” com 57.1% ($n=24$) da amostra e 51.7% lésbicas ($n=15$) e 69.2% gays ($n=9$) (cf. Tabela 12).

Tabela 12

Término da relação em resultado do(s) abuso(s)

			Orientação Sexual		
			Lésbica	Gay	Total
A relação terminou em resultado dos abusos?	Sim	<i>n</i>	15	9	24
		%	51.7	69.2	57.1
	Não	<i>n</i>	14	4	18
		%	48.3	30.8	42.9

No que diz respeito à existência de ferimentos/consequências como resultado do abuso sofrido, 52.4% ($n=22$) dos participantes respondeu que não sofreu ferimentos/consequências como resultado do abuso, referido por 58.6% lésbicas ($n=17$) e 38.5% gays ($n=5$). Contudo, e de acordo com a orientação sexual, existe uma maior percentagem de gays a reportar que sofreram ferimentos/consequências como resultado do abuso, i.e., 61.5% ($n=8$) (cf. Tabela 13).

Tabela 13

Ferimento(s)/consequência(s) resultante(s) do(s) abuso(s) do(a) seu(a) parceiro(a)

			Orientação Sexual		Total
			Lésbica	Gay	
Alguma vez sofreu algum ferimento/consequência como resultado do abuso do(a) seu(a) parceiro(a)?	Sim	n	12	8	20
		%	41.4	61.5	47.6
	Não	n	17	5	22
		%	58.6	38.5	52.4

Relativamente aos tipos de ferimentos, é notável uma maior ênfase no que concerne aos “hematomas” com 70% ($n=14$), referido por cerca de 66.7% lésbicas ($n=8$) e 75% gays ($n=6$) (cf. Tabela 14).

Tabela 14

Ferimento(s)/consequência(s) de que foi vítima como resultado do abuso

			Orientação Sexual		Total
			Lésbica	Gay	
Que ferimento(s)/consequência(s) foi vítima como resultado do abuso?	Arranhões	n	8	2	10
		%	66.7	25.0	50.0
	Dificuldade em respirar/desmaios	n	4	2	6
		%	33.3	25.0	30.0
	Hematomas	n	8	6	14
		%	66.7	75.0	70.0
	Nariz/lábios a sangrar	n	2	1	3
		%	16.7	12.5	15.0
	Ferimentos na cabeça	n	2	0	2
		%	16.7	0.0	10.0
	Olhos negros/outros hematomas faciais	n	1	1	2
		%	8.3	12.5	10.0
	Sérios cortes ou feridas	n	1	2	3
		%	8.3	25.0	15.0
	Cicatrizes	n	1	1	2
		%	8.3	12.5	10.0
	Infetar com DST's	n	1	1	2
		%	8.3	12.5	10.0

No que diz respeito ao facto de alguma vez terem recebido tratamento médico como resultado de algum ferimento físico que tenham sido vítimas 90.5% ($n=38$) refere que não, cerca de 89.7% lésbicas ($n=26$) e 92.3% gays ($n=12$) (cf. Tabela 15).

Tabela 15

Recorrer a tratamento médico em virtude de algum ferimento físico que tenha sido vítima

			Orientação Sexual		Total
			Lésbica	Gay	
Alguma vez recebeu tratamento médico em virtude de algum ferimento físico que tenha sido vítima?	Sim	n	3	1	4
		%	10.3	7.7	9.5
	Não	n	26	12	38
		%	89.7	92.3	90.5

Relativamente ao número de vezes que receberam tratamento, o número de vezes com mais respostas foi “*uma vez*”, com apenas uma lésbica e um gay a referir o comportamento (cf. Tabela 16).

Tabela 16

Número de vezes a que recorreu a tratamento médico

			Orientação Sexual		Total
			Lésbica	Gay	
Se sim, quantas vezes?	Uma vez	n	1	1	2
		%	50.0	100.0	66.7
	Duas vezes	n	1	0	1
		%	50.0	0.0	33.3

No que concerne a informar os profissionais de saúde acerca da causa dos ferimentos, o resultado mostra-se mais dividido com uma lésbica e um gay a responderem que sim e duas lésbicas a responderem que não (cf. Tabela 17).

Tabela 17

Informação a profissionais de saúde acerca da causa dos ferimentos

			Orientação Sexual		Total
			Lésbica	Gay	
Informou os profissionais de saúde acerca da causa dos ferimentos?	Sim	n	1	1	2
		%	33.3	100.0	50.0
	Não	n	2	0	2
		%	66.7	0.0	50.0

Relativamente ao porquê de não informar os profissionais de saúde acerca da causa dos ferimentos sofridos, a resposta com maior frequência é “*não acho que iria ajudar*” com 37.5% ($n=9$), com cerca de 35.3% lésbicas ($n=6$) e 42.9% gays ($n=3$), seguindo-se “*medo da reação do(a) parceiro(a)*” e “*medo de uma reação homofóbica*” exatamente com as mesmas percentagens, i.e., 33.3% ($n=8$) da amostra, cerca de 35.3% lésbicas ($n=6$) e 28.6% gays ($n=2$) (cf. Tabela 18).

Tabela 18

O porquê de não informar os profissionais de saúde acerca da causa dos ferimentos

			Orientação Sexual		Total
			Lésbica	Gay	
Caso não tenha informado os profissionais de saúde acerca da causa dos ferimentos porque não o fez?	Sentir vergonha/embaraçado(a)	n %	3 17.6	3 42.9	6 25.0
	Medo da reação do(a) parceiro(a)	n %	6 35.3	2 28.6	8 33.3
	Não acho que entenderiam	n %	5 29.4	1 14.3	6 25.0
	Não acho que iria ajudar	n %	6 35.3	3 42.9	9 37.5
	Medo de uma reação homofóbica	n %	6 35.3	2 28.6	8 33.3

Relativamente ao envolvimento da polícia em resultado da violência sofrida, cerca de 97.6% ($n=40$) respondeu que não houve envolvimento por parte da polícia, referido por 100% lésbicas ($n=28$) e 92.3% gays ($n=12$) (cf. Tabela 19).

Tabela 19

Envolvimento da polícia como resultado da violência do(a) parceiro(a)

			Orientação Sexual		Total
			Lésbica	Gay	
A polícia alguma vez se envolveu como resultado da violência do(a) parceiro(a)?	Sim	n %	0 0.0	1 7.7	1 2.4
	Não	n %	28 100.0	12 92.3	40 97.6

Quando questionados acerca do porquê de não contar a ninguém acerca do abuso que sofre/sofreu, o maior número de participantes, dos participantes que responderam ($n=11$),

respondeu “*vergonha/medo/tristeza/falta de compreensão*”, cerca de seis lésbicas e cinco *gays* (cf. Tabela 20).

Tabela 20

O porquê de nunca ter contado a ninguém acerca do abuso que sofre/sofreu

			Orientação Sexual		Total
			Lésbica	Gay	
Caso nunca tenha contado a ninguém acerca do abuso que sofre/sofreu, pode explicar porque não o fez?	Vergonha/medo/tristeza/falta de compreensão	<i>n</i>	6	5	11
		%	54.5	45.5	100.0
	Não necessitei de procurar ajuda	<i>n</i>	6	-	6
		%	100.0		100.0
	Achei que resolvia sozinho(a)/achei que não iria resolver	<i>n</i>	2	2	4
		%	50.0	50.0	100.0

Relativamente ao tempo de duração até o relacionamento se tornar abusivo, a resposta com maior ênfase foi três a seis meses com 42.9% ($n=18$), referido por 34.5% lésbicas ($n=10$) e 61.5% *gays* ($n=8$) (cf. Tabela 21).

Tabela 21

Tempo de duração até o relacionamento se tornar abusivo

			Orientação Sexual		
			Lésbica	Gay	Total
Caso se encontre numa relação abusiva, ou caso já se tenha encontrado no passado, quanto tempo passou até o relacionamento se tornar abusivo?	0 - 1 mês	<i>n</i>	5	2	7
		%	17.2	15.4	16.7
	3 - 6 meses	<i>n</i>	10	8	18
		%	34.5	61.5	42.9
	6 meses - 1 ano	<i>n</i>	7	2	9
		%	24.1	15.4	21.4
	Após 1 ano	<i>n</i>	7	1	8
		%	24.1	7.7	19

No que concerne à frequência com que o(a) parceiro(a) é/era abusivo, a percentagem mais elevada situa-se no mais de duas vezes por semana com 33.3% ($n=14$), cerca de 31% lésbicas ($n=9$) e 38.5% *gays* ($n=5$) (cf. Tabela 22).

Tabela 22
Frequência de situações de abuso

			Orientação Sexual		
			Lésbica	Gay	Total
Com que frequência o(a) seu(a) parceiro(a) é/foi abusivo para consigo?	Diariamente	<i>n</i>	8	1	9
		%	27.6	7.7	21.4
	Uma vez por semana	<i>n</i>	2	3	5
		%	6.9	23.1	11.9
	Mais de duas vezes por semana	<i>n</i>	9	5	14
		%	31.0	38.5	33.3
	Menos de uma vez por mês	<i>n</i>	6	1	7
		%	20.7	7.7	16.7
	Uma vez por mês	<i>n</i>	1	2	3
		%	3.4	15.4	7.1
	Mais de duas vezes por mês	<i>n</i>	3	1	4
		%	10.3	7.7	9.5

Caracterização dos Comportamentos de Perpetração

No que diz respeito aos comportamentos de perpetração de abuso, quando questionados se alguma vez se tornaram ou tornam abusivos em retaliação no que diz respeito ao abuso por parte do(a) seu(a) parceiro(a), cerca de 61.9% ($n=26$) dos participantes respondeu que não, nomeadamente 58.6% lésbicas ($n=17$) e 69.2% gays ($n=9$) (cf. Tabela 23).

Tabela 23
Perpetração de comportamentos abusivos em retaliação devido ao abuso do(a) parceiro(a)

			Orientação Sexual		
			Lésbica	Gay	Total
Alguma vez se tornou/torna abusivo em retaliação devido ao abuso do(a) seu(a) parceiro(a)?	Sim	<i>n</i>	12	4	16
		%	41.4	30.8	38.1
	Não	<i>n</i>	17	9	26
		%	58.6	69.2	61.9

Quando questionados se alguma vez foram agressivos para com o(a) seu(a) parceiro(a) 61.9% ($n=26$) dos participantes respondeu que não, com cerca de 55.2% lésbicas ($n=16$) e 76.9% gays ($n=10$) (cf. Tabela 24).

Tabela 24
Comportamentos de agressão para com o(a) parceiro(a)

			Orientação Sexual		
			Lésbica	Gay	Total
Alguma vez foi agressivo para o(a) seu(a) parceiro(a)?	Sim	<i>n</i>	13	3	16
		%	44.8	23.1	38.1
	Não	<i>n</i>	16	10	26
		%	55.2	76.9	61.9

No que diz respeito à frequência com que são/eram abusivos para com o(a) parceiro(a) 80% ($n=20$) dos participantes respondeu menos de uma vez por mês, nomeadamente 76.5% lésbicas ($n=13$) e 87.5% gays ($n=7$) (cf. Tabela 25).

Tabela 25
Frequência de abuso(s) para com o(a) parceiro(a)

			Orientação Sexual		
			Lésbica	Gay	Total
Com que frequência é/era abusivo para com o(a) seu(a) parceiro(a)?	Duas vezes por semana	<i>n</i>	1	0	1
		%	5.9	0.0	4.0
	Menos de uma vez por mês	<i>n</i>	13	7	20
		%	76.5	87.5	80.0
	Uma vez por mês	<i>n</i>	1	1	2
		%	5.9	12.5	8.0
	Duas vezes por mês	<i>n</i>	2	0	2
		%	11.8	0.0	8.0

No que diz respeito às circunstâncias que levam a que os participantes sejam agressivos/abusivos com o(a) seu(a) parceiro(a), dos participantes que responderam, o maior número respondeu “agressão como defesa/resposta à agressão do(a) parceiro(a)” ($n=13$), cerca de 10 lésbicas e três gays (cf. Tabela 26).

Tabela 26

Circunstâncias que levam a que seja agressivo/abusivo com o(a) parceiro(a)

			Orientação Sexual		
			Lésbica	Gay	Total
Consegue descrever as circunstâncias que levam a que seja agressivo/abusivo com o(a) seu(a) parceiro(a)?	Agressão como defesa/resposta à agressão do(a) parceiro(a)	<i>n</i>	10	3	13
		%	100.0	100.0	100.0
	Incapacidade de controlo de impulsos	<i>n</i>	3	1	4
		%	100.0	100.0	100.0

No que diz respeito aos consumos, 87.9% ($n=29$) refere que não consumiu nem consome álcool antes de ser abusivo, nomeadamente 86.4% lésbicas ($n=19$) e 90.9% gays ($n=10$). Referente ao consumo de drogas, 93.9% ($n=31$) dos participantes refere que não consumiu nem consome drogas antes de ser abusivo, com cerca de 95.5% lésbicas ($n=21$) e 90.9% gays ($n=10$) (cf. Tabela 27).

Tabela 27

Presença de consumos de álcool e/ou drogas antes de ser abusivo

			Orientação Sexual		
			Lésbica	Gay	Total
Consome/consumiu álcool antes de ser abusivo?	Sim	<i>n</i>	3	1	4
		%	13.6	9.1	12.1
	Não	<i>n</i>	19	10	29
		%	86.4	90.9	87.9
Consome/consumiu drogas antes de ser abusivo?	Sim	<i>n</i>	1	1	2
		%	4.5	9.1	6.1
	Não	<i>n</i>	21	10	31
		%	95.5	90.9	93.9

Prevalência da Vitimação nas Relações Passadas

Após questionar acerca do tipo de relação abusiva no que diz respeito à vitimação, cerca de 95.2% dos participantes ($n=40$) optou por “*sofri apenas violência em relações passadas*”, nomeadamente 93.1% lésbicas ($n=27$) e 100% gays ($n=13$), e apenas 4.8% dos participantes ($n=2$) optou por “*além de ter sofrido violência em relações passadas, atualmente souro violência na minha atual relação*”, i.e., 6.9% lésbicas ($n=2$) (cf. Tabela 28).

Tabela 28

Estado de relacionamento violento

		Orientação Sexual		
		Lésbica	Gay	Total
Escolha a opção que melhor se adequa a si:	Sofri apenas violência em relações passadas	<i>n</i> 27	13	40
	%	93.1	100.0	95.2
	Além de ter sofrido violência em relações passadas, atualmente sofro violência na minha atual relação	<i>n</i> 2	0	2
	%	6.9	0.0	4.8

No que diz respeito à prevalência da violência nas relações passadas, os tipos de violência mais identificados pelas vítimas foram, a violência psicológica com 97.6% da amostra ($n=41$), seguindo-se a violência física com 88.1% da amostra ($n=37$), a violência socioeconômica com 47.6% da amostra ($n=20$) e, por fim, a violência sexual com cerca de 33.3% da amostra ($n=14$) (cf. Tabela 29).

No que diz respeito à prevalência desses tipos de violência, de acordo com a orientação sexual, os tipos de violência mais identificados foram, a violência psicológica por 100% da amostra *gay* ($n=13$) e 96.6% da amostra lésbica ($n=28$), seguindo-se a violência física por 89.7% da amostra lésbica ($n=26$) e 84.6% da amostra *gay* ($n=11$), posteriormente a violência socioeconômica por 48.3% da amostra lésbica ($n=14$) e 46.2% da amostra *gay* ($n=6$) e, por fim, a violência sexual por 34.5% da amostra lésbica ($n=10$) e 30.8% da amostra *gay* ($n=4$) (cf. Tabela 29).

Tabela 29

Tipos de violência experienciados em relacionamentos passados

		Tipos de violência experienciados em relacionamentos passados		
		Lésbica	Gay	Total
Psicológica	<i>n</i>	28	13	41
	%	96.6	100.0	97.6
Física	<i>n</i>	26	11	37
	%	89.7	84.6	88.1
Sexual	<i>n</i>	10	4	14
	%	34.5	30.8	33.3
Socioeconômica	<i>n</i>	14	6	20
	%	48.3	42.6	47.6

No que diz respeito à reação do(a) parceiro(a) após ter sido abusivo(a), e de acordo com a orientação sexual, conclui-se que os comportamentos com maior percentagem de resposta são,

“*Prometia que mudava*” com 46.2% da população *gay* em “*poucas vezes*” e 34.5% da população lésbica em “*sempre*”; “*Prometia que não tornaria a acontecer*” com 38.5% da população *gay* em “*poucas vezes*” e 27.6% da população lésbica em “*sempre*” e, “*Desculpava-se*” com 34.5% da população lésbica em “*algumas vezes*” e 30.8% da população *gay* em “*poucas vezes*” (cf. Tabela 30).

Tabela 30

Reação do(a) parceiro(a) após ter sido abusivo(a)

	Poucas vezes		Algumas vezes		Muitas vezes		Sempre	
	%		%		%		%	
	Lésbica	Gay	Lésbica	Gay	Lésbica	Gay	Lésbica	Gay
Desculpava-se	27.6	30.8	34.5	23.1	6.9	7.7	20.7	15.4
Tornava-se muito carinhoso e atencioso	24.1	23.1	20.7	23.1	17.2	7.7	20.7	23.1
Prometia que não tornaria a acontecer	13.8	38.5	20.7	15.4	6.9	0.0	27.6	15.4
Expressava culpa/vergonha/desculpa	31.0	0.0	17.2	23.1	10.3	0.0	17.2	30.8
Prometia que mudava	17.2	46.2	13.8	15.4	6.9	7.7	34.5	15.4
Culpava-o(a) do abuso	34.5	7.7	10.3	38.5	24.1	0.0	10.3	23.1
Outro(s), especifique por favor:	3.4	0.0	-	-	3.4	7.7	-	-

No que diz respeito a se alguma vez reportaram a alguém acerca do abuso, 61.9% dos participantes ($n=26$) reportou que sim, nomeadamente 62.1% lésbicas ($n=18$) e 61.5% *gays* ($n=8$) (cf. Tabela 31).

Tabela 31

Reportar o abuso

			Orientação Sexual		Total
			Lésbica	Gay	
Alguma vez contou/reportou a alguém acerca do abuso que experienciou?	Sim	n	18	8	26
		%	62.1	61.5	61.9
	Não	n	11	5	16
		%	37.9	38.5	38.1

No que diz respeito, e de acordo com os participantes que responderam que sim, às pessoas entidades a quem reportaram o abuso sofrido, a opção mais referida pelos participantes foi “*Amigo(s)*” com 62.5% da população *gay* em “*sempre*” e 33.3% da população lésbica em “*algumas vezes*” (cf. Tabela 32).

Tabela 32

Pessoas/entidades a quem reportou o abuso

	Poucas vezes		Algumas vezes		Muitas vezes		Sempre	
	%		%		%		%	
	Lésbica	Gay	Lésbica	Gay	Lésbica	Gay	Lésbica	Gay
Amigo(s)	27.8	12.5	33.3	25.0	5.6	0.0	22.2	62.5
Membro(s) da Família	22.2	12.5	5.6	25.0	-	-	16.7	0.0
Colega(s) de Trabalho	5.6	12.5	11.1	12.5	-	-	-	-
Linha de Apoio à Violência Doméstica	5.6	0.0	-	-	-	-	-	-
Conselheiro/Terapeuta	11.1	0.0	11.1	0.0	-	-	5.6	12.5
Serviços de aconselhamento e acompanhamento psicológico	0.0	12.5	5.6	0.0	0.0	12.5	5.6	12.5
Médico de Família	-	-	-	-	-	-	5.6	0.0
Outro Profissional de Saúde	-	-	0.0	12.5	-	-	-	-
Outro(s), especifique por favor:	-	-	-	-	-	-	11.1	0.0

No que diz respeito ao porquê de não reportar o abuso e de acordo com a orientação sexual, pode concluir-se que a opção mais referenciada foi “*Não acreditei que a minha situação seria grave*” por 33.3% da população gay em “*muitas vezes*” e 33.3% da população lésbica em “*sempre*” (cf. Tabela 33).

Tabela 33
O porquê de não reportar o abuso

	Poucas vezes		Algumas vezes		Muitas vezes		Sempre	
	%		%		%		%	
	Lésbica	Gay	Lésbica	Gay	Lésbica	Gay	Lésbica	Gay
Não acreditei que a minha situação seria grave	14.8	0.0	7.4	16.7	22.2	33.3	33.3	16.7
Não tenho conhecimento que tais serviços existem	7.7	8.3	7.7	0.0	0.0	8.3	3.8	0.0
Não sei onde se encontram estes serviços	12.0	8.3	4.0	0.0	4.0	8.3	8.0	8.3
Não acredito que eles compreendam os meus problemas	7.7	8.3	11.5	25.0	7.7	25.0	3.8	0.0
Medo que o(a) parceiro(a) descubra	4.0	16.7	8.0	8.3	0.0	8.3	16.0	16.7
Medo de uma reação preconceituosa	8.0	25.0	12.0	16.7	12.0	8.3	12.0	16.7
Outro(s), especifique por favor:	-	-	-	-	-	-	9.1	18.2

No que concerne à questão se sofreu algum tipo de abuso após o término da relação, 50% ($n=21$) dos participantes refere que sim, cerca de 58.6% lésbicas ($n=17$) e 30.8% gays ($n=4$) e 50% ($n=21$) refere que não, nomeadamente 41.4% lésbicas ($n=12$) e 69.2% gays ($n=9$), sendo que a percentagem é mais elevada para o “sim” no que diz respeito à população lésbica e mais elevada, no que diz respeito à população gay, relativamente ao “não” (cf. Tabela 34).

Tabela 34
Abuso após término da relação

		<i>n</i>	Orientação Sexual		Total
			Lésbica	Gay	
Alguma vez sofreu algum tipo de abuso após a relação terminar?	Sim	<i>n</i>	17	4	21
		%	58.6	30.8	50.0
	Não	<i>n</i>	12	9	21
		%	41.4	69.2	50.0

No que diz respeito ao(s) tipo(s) de abuso(s) experienciado(s) após o término da relação, de acordo com a orientação sexual, o tipo de abuso mais referido pelos participantes foi “*Tentou entrar em contacto comigo, enviando cartas, bilhetes, e-mails ou telefonando sem que lhe fosse pedido*”, por cerca de 30.8% da população gay em “*poucas vezes*” e 24.1% da população lésbica em “*sempre*” (cf. Tabela 35).

Tabela 35

Tipo(s) de abuso(s) experienciado(s) após término da relação

	Poucas vezes		Algumas vezes		Muitas vezes		Sempre	
	%		%		%		%	
	Lésbica	Gay	Lésbica	Gay	Lésbica	Gay	Lésbica	Gay
Perseguiu-me (ex. a pé, de carro, de mota)	6.9	7.7	6.9	0.0	6.9	7.7	13.8	0.0
Tentou entrar em contacto comigo, enviando cartas, bilhetes, e-mails ou telefonando sem que lhe fosse pedido	6.9	30.8	20.7	15.4	6.9	7.7	24.1	15.4
Ameaçou-me e/ou ameaçou pessoas próximas	6.9	15.4	3.4	0.0	3.4	0.0	13.8	7.7
Filmou-me ou tirou-me fotografias sem autorização	3.4	0.0	-	-	0.0	7.7	-	-
Vasculhou, roubou ou apoderou-se de objetos pessoais (ex. correio, lixo)	3.4	0.0	-	-	3.4	7.7	-	-
Invadiu a minha propriedade ou forçou a entrada na minha casa	3.4	7.7	3.4	0.0	-	-	3.4	0.0
Apareceu em locais que costumou frequentar (ex. café, supermercado)	-	-	17.2	0.0	3.4	15.4	17.2	7.7
Ameaçou fazer mal a si próprio(a) (ex. suicidar-se)	13.8	23.1	3.4	7.7	6.9	0.0	13.8	7.7
Vigiu-me ou pediu a alguém para me vigiar	6.9	7.7	13.8	7.7	3.4	0.0	6.9	7.7
Agrediu-me. De que forma?	13.8	0.0	3.4	0.0	3.4	7.7	-	-
Agrediu ou prejudicou pessoas próximas	3.4	0.0	3.4	0.0	3.4	0.0	3.4	7.7
Outro(s), especifique por favor:	-	-	3.4	0.0	-	-	3.4	7.7

Prevalência do Abuso Cometido Contra o(a) Parceiro(a) nas atuais e nas relações passadas

No que diz respeito ao abuso cometido contra o(a) parceiro(a), 85.7% ($n=36$) dos participantes refere que cometeu o abuso apenas em relacionamentos passados, nomeadamente 82.8% lésbicas ($n=24$) e 92.3% gays ($n=12$). Cerca de 14.3% ($n=6$) dos participantes refere que cometeu o abuso em relacionamentos passados e no atual relacionamento, i.e., 17.2% lésbicas ($n=5$) e 7.7% gays ($n=1$) (cf. Tabela 36).

Tabela 36
Perpetração de abuso e tipo de relacionamento

			Orientação Sexual		
			Lésbica	Gay	Total
Parte III: Abuso cometido contra o(a) seu(a) parceiro(a)	Em relacionamentos passados	<i>n</i>	24	12	36
		%	82.8	92.3	85.7
	Ambos	<i>n</i>	5	1	6
		%	17.2	7.7	14.3

No que diz respeito ao(s) abuso(s) cometido(s), os tipos de violência mais identificados pelos perpetradores foram, a violência psicológica com 66.7% ($n=28$) da amostra, seguindo-se a violência física com 45.2% ($n=19$) da amostra e, por fim, a violência sexual e a violência socioeconômica, ambas com apenas uma participante a relatar ter cometido esse tipo de abuso (cf. Tabela 37).

No que diz respeito à prevalência desses tipos de violência, de acordo com a orientação sexual, os tipos de violência mais identificados foram, a violência psicológica com 69.2% ($n=9$) da amostra *gay* e 65.5% ($n=19$) da amostra lésbica, seguindo-se a violência física com 48.3% ($n=14$) da amostra lésbica e 38.5% ($n=5$) da amostra *gay*, por fim, a violência sexual foi identificada como tendo sido perpetrada por 7.7% ($n=1$) da amostra *gay*, e a violência socioeconômica também por 7.7% ($n=1$) da amostra *gay* (cf. Tabela 37).

Tabela 37
Tipos de violência perpetrados em relacionamentos

		Tipos de violência perpetrados		
		Lésbica	Gay	Total
Psicológica	<i>n</i>	19	9	28
	%	65.5	69.2	66.7
Física	<i>n</i>	14	5	19
	%	48.3	38.5	45.2
Sexual	<i>n</i>	0	1	1
	%	0.0	7.7	2.4
Socioeconômica	<i>n</i>	0	1	1
	%	0.0	7.7	2.4

No que diz respeito a se o(s) parceiro(a) sofre/sofreu ferimento(s)/consequência(s) como resultado do comportamento abusivo, 83.3% ($n=35$) dos participantes refere que não, nomeadamente 86.2% lésbicas ($n=25$) e 76.9% *gays* ($n=10$) (cf. Tabela 38).

Tabela 38

Ferimento(s)/consequência(s) como resultado do comportamento abusivo

			Orientação Sexual		Total
			Lésbica	Gay	
O(a) seu(a) parceiro(a) sofre/sofreu ferimentos/consequências como resultado do seu comportamento abusivo?	Sim	<i>n</i>	4	3	7
		%	13.8	23.1	16.7
	Não	<i>n</i>	25	10	35
		%	86.2	76.9	83.3

No que concerne ao(s) ferimento(s)/consequência(s) que o(a) parceiro(a) sofre/sofreu como resultado do comportamento abusivo, o comportamento mais referido foi “arranhões” por 14.3% da população lésbica em “algumas vezes” e 9.1% da população gay em “poucas vezes” (cf. Tabela 39).

Tabela 39

Ferimento(s)/consequência(s) que o(a) parceiro(a) sofre/sofreu como resultado do comportamento abusivo

	Poucas vezes		Algumas vezes		Muitas vezes		Sempre	
	%		%		%		%	
	Lésbica	Gay	Lésbica	Gay	Lésbica	Gay	Lésbica	Gay
Arranhões	4.8	9.1	14.3	0.0	-	-	-	-
Dificuldade em respirar/desmaios	0.0	9.1	-	-	-	-	-	-
Hematomas	0.0	9.1	-	-	-	-	-	-
Ferimentos na cabeça	4.8	9.1	-	-	-	-	-	-
Cicatrizes	9.5	9.1	-	-	-	-	4.8	0.0
Nariz/mandíbula/maxilar partido	0.0	9.1	-	-	-	-	-	-
Outros ferimentos físicos, especifique por favor:	0.0	9.1	-	-	-	-	-	-

No que diz respeito ao sentimento presente no agressor após a perpetração de comportamentos violentos contra o(a) parceiro(a), nas atuais e nas relações passadas, os mais referidos foram “Sinto-me mal” por 34.5% lésbicas e 23.1% gays em “sempre”; “Arrependo-me” por 27.6% lésbicas e 23.1% gays em “sempre” e “Sinto-me bem” por 15.4% gays e 6.9% lésbicas em “poucas vezes” (cf. Tabela 40).

Tabela 40

Sentimento presente no agressor após a perpetração de comportamentos violentos contra o(a) parceiro(a)

	Poucas vezes		Algumas vezes		Muitas vezes		Sempre	
	%		%		%		%	
	Lésbica	Gay	Lésbica	Gay	Lésbica	Gay	Lésbica	Gay
Sinto-me bem	6.9	15.4	-	-	-	-	3.4	0.0
Sinto que faço o que está correto	0.0	7.7	6.9	7.7	-	-	-	-
Sinto-me mal	-	-	6.9	23.1	13.8	15.4	34.5	23.1
Arrependo-me	6.9	0.0	0.0	15.4	17.2	7.7	27.6	23.1
Outro(s), especifique por favor:	-	-	3.4	0.0	0.0	7.7	6.9	7.7

No que concerne ao comportamento(s) experienciado(s) por parte do agressor como resultado do seu comportamento abusivo, o comportamento com maior percentagem foi “Perder contacto com amigos” por 10.3% da população lésbica e 7.7% da população gay em “algumas vezes” (cf. Tabela 41).

Tabela 41

Comportamento(s) experienciado(s) por parte do agressor como resultado do seu comportamento abusivo

	Poucas vezes		Algumas vezes		Muitas vezes		Sempre	
	%		%		%		%	
	Lésbica	Gay	Lésbica	Gay	Lésbica	Gay	Lésbica	Gay
Forçado a desistir do emprego	0.0	7.7	-	-	3.4	0.0	-	-
Forçado a desistir da habitação	3.4	0.0	-	-	-	-	-	-
Perder contacto com amigos	6.9	0.0	10.3	7.7	6.9	0.0	3.4	0.0
Perder contacto com a família	3.4	0.0	10.3	0.0	3.4	0.0	-	-
Tornar-se dependente de álcool	-	-	6.9	0.0	-	-	-	-
Tornar-se dependente de drogas	0.0	7.7	-	-	6.9	0.0	-	-
Ser detido	-	-	3.4	0.0	-	-	-	-
Outro(s), especifique por favor:	3.4	0.0	-	-	0.0	7.7	0.0	7.7

Fatores de Risco de Vitimação e Perpetração de Violência

Uma vez que um dos objetivos do presente estudo é explorar a questão dos fatores de risco presentes nas relações de violência entre parceiros íntimos homossexuais, gays e lésbicas, foi

possível, através da análise dos resultados, explorar os seguintes fatores: a idade, as habilitações literárias (i.e., educação), a história de violência familiar, a presença de perturbações mentais e os consumos (e.g., álcool e droga), quer numa vertente de vitimação (excepto os consumos), como numa vertente de perpetração de violência. Optou-se pela análise dos fatores anteriormente indagados, pois estes são referidos na literatura como fatores de risco de violência entre parceiros íntimos homossexuais, gays e lésbicas.

Fatores de risco no que diz respeito à vitimação.

No que diz respeito à interligação entre os tipos de violência e a idade, pode constatar-se que o grupo etário que apresenta percentagens mais elevadas de qualquer tipo de vitimação, é o grupo etário dos 21 aos 30 anos de idade. Em que 70.3% ($n=26$) apresenta maior percentagem de prevalência de vitimação física, 68.3% ($n=28$) apresenta maior prevalência de vitimação de violência psicológica, 65% ($n=13$) apresenta maior percentagem de prevalência de vitimação socioeconómica e, por fim, 64.3% ($n=9$) apresenta maior percentagem de prevalência de vitimação sexual (cf. Tabela 42).

Tabela 42

Tipos de violência e idade no que diz respeito à vitimação

		Grupo Etário				Total
		"18-20 anos"	"21-30 anos"	"31-40 anos"	"41-60 anos"	
Psicológica	<i>n</i>	6	28	4	3	41
	%	14.6	68.3	9.8	7.3	100.0
Física	<i>n</i>	5	26	3	3	37
	%	13.5	70.3	8.1	8.1	100.0
Sexual	<i>n</i>	4	9	0	1	14
	%	28.6	64.3	0.0	7.1	100.0
Socioeconómica	<i>n</i>	2	13	3	2	20
	%	10.0	65.0	15.0	10.0	100.0

No que diz respeito à interligação entre os tipos de violência e a educação, constata-se que a faixa mais representativa no que diz respeito à vitimação de todos os tipos de violência explorados é a faixa do ensino universitário, nomeadamente com 67.6% ($n=25$) no que diz respeito à vitimação física, 65.9% ($n=27$) no que diz respeito à vitimação psicológica, 65% ($n=13$) no que diz respeito à vitimação socioeconómica e 57.1% ($n=8$) no que diz respeito à vitimação sexual (cf. Tabela 43).

Tabela 43

Tipos de violência e educação/habilitações literárias no que diz respeito à vitimação

		Habilitações Literárias			Total
		Ensino Básico	Ensino Secundário	Ensino Universitário	
Psicológica	<i>n</i>	1	13	27	41
	%	2.4	31.7	65.9	100.0
Física	<i>n</i>	1	11	25	37
	%	2.7	29.7	67.6	100.0
Sexual	<i>n</i>	0	6	8	14
	%	0.0	42.9	57.1	100.0
Socioeconómica	<i>n</i>	1	6	13	20
	%	5.0	30.0	65.0	100.0

No que diz respeito à interligação entre os tipos de violência e a presença de violência no seio familiar, pode constatar-se que não existe interligação entre os tipos de vitimação psicológica (61%, $n=25$), física (59.5%, $n=22$) e socioeconómica (60%, $n=12$) e a presença de violência no seio familiar. Contudo existe uma associação entre a vitimação sexual e a presença de violência no seio familiar, com 57.1% ($n=8$) da amostra a responder que presenciou violência no seio familiar (cf. Tabela 44).

No que diz respeito à interligação entre os tipos de violência e a vitimação no seio familiar, pode concluir-se que não existe interligação entre os tipos de vitimação psicológica (51.2%, $n=21$), física (51.4%, $n=19$) e socioeconómica (60%, $n=12$) e vitimação no seio familiar. Contudo existe uma associação entre a vitimação sexual e a vitimação no seio familiar, com 57.1% ($n=8$) da amostra a responder que sofreu violência no seio familiar (cf. Tabela 44).

Tabela 44

Tipos de violência e presença de violência no seio familiar no que diz respeito à vitimação

Violência no seio familiar		Presença no Passado			Sofreu no Passado		
		Sim	Não	Total	Sim	Não	Total
Psicológica	<i>n</i>	16	25	41	20	21	41
	%	39.0	61.0	100.0	48.8	51.2	100.0
Física	<i>n</i>	15	22	37	18	19	37
	%	40.5	59.5	100.0	48.6	51.4	100.0
Sexual	<i>n</i>	8	6	14	8	6	14
	%	57.1	42.9	100.0	57.1	42.9	100.0
Socioeconómica	<i>n</i>	8	12	20	8	12	20
	%	40.0	60.0	100.0	40.0	60.0	100.0

Relativamente aos consumos, no que diz respeito à prevalência de vitimação, este fator não pôde ser avaliado uma vez que não foi questionado na escala. Apenas foi questionado no que diz respeito ao abuso cometido contra o(a) parceiro(a).

No que diz respeito à interligação entre os tipos de violência e a presença de perturbações mentais no passado, pode concluir-se que não existe nenhuma interligação em todos os tipos de vitimação, nomeadamente, psicológica (73.2%, $n=30$), física (70.3%, $n=26$), sexual (64.3%, $n=9$) e socioeconómica (80%, $n=16$) (cf. Tabela 45).

No que diz respeito à interligação entre os tipos de violência e a presença de perturbações mentais atualmente, pode concluir-se que não existe nenhuma interligação relativamente a todos os tipos de vitimação, nomeadamente, psicológica (80.5%, $n=33$), física (81.1%, $n=30$), sexual (71.4%, $n=10$) e socioeconómica (85%, $n=17$) (cf. Tabela 45).

Tabela 45

Tipos de violência e presença de perturbações mentais no passado e presente no que diz respeito à vitimação

Presença de perturbações mentais		Presença no Passado			Presença no Presente		
		Sim	Não	Total	Sim	Não	Total
Psicológica	<i>n</i>	11	30	41	8	33	41
	%	26.8	73.2	100.0	19.5	80.5	100.0
Física	<i>n</i>	11	26	37	7	30	37
	%	29.7	70.3	100.0	18.9	81.1	100.0
Sexual	<i>n</i>	5	9	14	4	10	14
	%	35.7	64.3	100.0	28.6	71.4	100.0
Socioeconómica	<i>n</i>	4	16	20	3	17	20
	%	20.0	80.0	100.0	15.0	85.0	100.0

Fatores de risco no que diz respeito à perpetração de comportamentos abusivos.

No que diz respeito à interligação entre os tipos de violência perpetrados e a idade, pode constatar-se que o grupo etário que apresenta percentagens mais elevadas de perpetração de violência física (68.4%, $n=13$) e violência psicológica (67.9%, $n=19$), é o grupo etário dos 21 aos 30 anos de idade. Existindo assim uma associação entre a violência psicológica e física e o grupo etário dos 21 aos 30 anos. No que diz respeito aos tipos de violência sexual e socioeconómica, apenas um participante dos grupo etário dos 41 aos 60 anos mencionou esses comportamentos, sendo que não é possível avaliar estas duas categorias (cf. Tabela 46).

Tabela 46

Tipos de violência e idade no que diz respeito à perpetração de comportamentos abusivos

		Grupo Etário				Total
		"18-20 anos"	"21-30 anos"	"31-40 anos"	"41-60 anos"	
Psicológica	<i>n</i>	4	19	3	2	28
	%	14.3	67.9	10.7	7.1	100.0
Física	<i>n</i>	2	13	2	2	19
	%	10.5	68.4	10.5	10.5	100.0
Sexual	<i>n</i>	-	-	-	1	1
	%				100.0	100.0
Socioeconómica	<i>n</i>	-	-	-	1	1
	%				100.0	100.0

No que diz respeito à interligação entre os tipos de violência perpetrados e a educação, pode constatar-se que o grupo que apresenta percentagens mais elevadas de perpetração de violência psicológica (64.3%, $n=18$) e violência física (73.7%, $n=14$), é o grupo do ensino universitário, existindo assim uma associação entre a perpetração de violência psicológica e física e os participantes com educação de nível superior. No que diz respeito aos tipos de violência sexual e socioeconómica, apenas um participante do grupo do ensino universitário mencionou esses comportamentos, não sendo possível avaliar estas duas categorias (cf. Tabela 47).

Tabela 47

Tipos de violência e educação/habilitações literárias no que diz respeito à perpetração de comportamentos abusivos

		Habilitações Literárias			Total
		Ensino Básico	Ensino Secundário	Ensino Universitário	
Psicológica	<i>n</i>	1	9	18	28
	%	3.6	32.1	64.3	100.0
Física	<i>n</i>	1	4	14	19
	%	5.3	21.1	73.7	100.0
Sexual	<i>n</i>	0	0	1	1
	%	0.0	0.0	100.0	100.0
Socioeconómica	<i>n</i>	0	0	1	1
	%	0.0	0.0	100.0	100.0

No que diz respeito à interligação entre os tipos de violência perpetrados e a presença de violência no seio familiar, pode constatar-se que não existe interligação entre os tipos de violência física (68.4%, $n=13$) e violência psicológica (64.3%, $n=18$), concluindo-se assim que não existe associação entre os tipos de violência perpetrados e a presença de violência no seio familiar. No que diz respeito aos tipos de violência sexual e socioeconómica, apenas um

participante do grupo mencionou esses comportamentos, não sendo possível avaliar estas duas categorias (cf. Tabela 48).

No que diz respeito à interligação entre os tipos de violência perpetrados e a experiência de vitimação no seio familiar, pode constatar-se que existe associação entre os tipos de violência física (52.6%, $n=10$) e violência psicológica (50%, $n=14$) e a vitimação no seio familiar. No que diz respeito aos tipos de violência sexual e socioeconômica, apenas um participante do grupo mencionou esses comportamentos, não sendo possível avaliar estas duas categorias (cf. Tabela 48).

Tabela 48

Tipos de violência e presença de violência no seio familiar no que diz respeito à perpetração de comportamentos abusivos

Violência no seio familiar		Presença no Passado			Sofreu no Passado		
		Sim	Não	Total	Sim	Não	Total
Psicológica	<i>n</i>	10	18	28	14	14	28
	%	35.7	64.3	100.0	50.0	50.0	100.0
Física	<i>n</i>	6	13	19	10	9	19
	%	31.6	68.4	100.0	52.6	47.4	100.0
Sexual	<i>n</i>	0	1	1	0	1	1
	%	0.0	100.0	100.0	0.0	100.0	100.0
Socioeconômica	<i>n</i>	0	1	1	0	1	1
	%	0.0	100.0	100.0	0.0	100.0	100.0

No que diz respeito à interligação entre os tipos de violência perpetrados e o consumo de álcool, pode concluir-se que não existe nenhuma associação relativamente à violência física (89.5%, $n=17$) e psicológica (87.5%, $n=21$). No que concerne aos tipos de violência sexual e socioeconômica, apenas um participante do grupo mencionou esses comportamentos, não sendo possível avaliar estas duas categorias (cf. Tabela 49).

No que diz respeito à interligação entre os tipos de violência perpetrados e o consumo de droga, pode constatar-se que não existe nenhuma associação relativamente à violência psicológica (91.7%, $n=22$) e física (89.5%, $n=17$). Novamente, no que concerne aos tipos de violência sexual e socioeconômica, apenas um participante do grupo mencionou esses comportamentos, não sendo possível avaliar estas duas categorias (cf. Tabela 49).

Tabela 49

Tipos de violência e consumo de álcool e droga(s) no que diz respeito à perpetração de comportamentos abusivos

Consumos antes da perpetração de agressão		Álcool			Droga(s)		
		Sim	Não	Total	Sim	Não	Total
Psicológica	<i>n</i>	3	21	24	2	22	24
	%	12.5	87.5	100.0	8.3	91.7	100.0
Física	<i>n</i>	2	17	19	2	17	19
	%	10.5	89.5	100.0	10.5	89.5	100.0
Sexual	<i>n</i>	0	1	1	0	1	1
	%	0.0	100.0	100.0	0.0	100.0	100.0
Socioeconómica	<i>n</i>	0	1	1	0	1	1
	%	0.0	100.0	100.0	0.0	100.0	100.0

No que diz respeito à interligação entre os tipos de violência perpetrados e a presença de perturbações mentais no passado, pode concluir-se que não existe nenhuma associação no que concerne à violência física (73.7%, $n=14$) e psicológica (67.9%, $n=19$). Mais uma vez, relativamente aos tipos de violência sexual e socioeconómica, apenas um participante do grupo mencionou esses comportamentos, não sendo possível avaliar estas duas categorias (cf. Tabela 50).

No que diz respeito à interligação entre os tipos de violência perpetrados e a presença de perturbações mentais atualmente, pode concluir-se que não existe nenhuma associação no que concerne à violência física (78.9%, $n=15$) e psicológica (78.6%, $n=22$). Relativamente aos tipos de violência sexual e socioeconómica, apenas um participante do grupo mencionou esses comportamentos, sendo que não é possível avaliar estas duas categorias (cf. Tabela 50).

Tabela 50

Tipos de violência e presença de perturbações mentais no passado e presente no que diz respeito à perpetração de comportamentos abusivos

Presença de perturbações mentais		Presença no Passado			Presença no Presente		
		Sim	Não	Total	Sim	Não	Total
Psicológica	<i>n</i>	9	19	28	6	22	28
	%	32.1	67.9	100.0	21.4	78.6	100.0
Física	<i>n</i>	5	14	19	4	15	19
	%	26.3	73.7	100.0	21.1	78.9	100.0
Sexual	<i>n</i>	0	1	1	0	1	1
	%	0.0	100.0	100.0	0.0	100.0	100.0
Socioeconómica	<i>n</i>	0	1	1	0	1	1
	%	0.0	100.0	100.0	0.0	100.0	100.0

Discussão

A violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo trata-se de um problema, individual e social, presente e real, sobre o qual a investigação, quer internacional como nacional, se deve debruçar, cada vez mais, uma vez que é uma questão universal, cujas consequências se repercutem a nível físico e a nível psicológico (Carvalho et al., 2011), tanto no que diz respeito aos constituintes da relação, como no que diz respeito aos que os rodeiam (e.g., familiares, amigos).

Assim, e de forma a colmatar a escassa existência de literatura nacional no que diz respeito a esta problemática, o presente estudo teve como principal objetivo contribuir para a evolução da investigação e, conseqüentemente, para a inovação do panorama nacional relativamente ao estudo da prevalência da violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo, *gays* e lésbicas, no que diz respeito ao estudo das características das relações abusivas, às tipologias de abuso, aos fatores de risco, e aos comportamentos de procura de auxílio, fazendo uma distinção entre comportamentos de vitimação e comportamentos de perpetração. Contudo, e por razões alheias aos esforço depositado neste estudo, determinadas variáveis não puderam ser estudadas devido à amostra de pequena dimensão que se conseguiu reunir, às diferenças existentes no que diz respeito à orientação sexual, impossibilitando, em grande escala, uma comparação legítima, assim como devido aos *missings* existentes no que diz respeito ao conteúdo das respostas.

Num primeiro momento, torna-se pertinente referir as diferenças na orientação sexual dos participantes, sendo que 72.9% ($n=35$) tem uma orientação sexual lésbica e 27.1% ($n=13$) uma orientação sexual *gay*, assim sendo, tem que se ter em conta estas diferenças na análise realizada.

Relativamente à caracterização das relações atuais, cerca de 52.4% ($n=22$) dos participantes da amostra encontra-se atualmente numa relação. O tempo de duração da relação situa-se entre um a doze meses com 47.6% ($n=10$) da amostra. Quando questionados se têm medo do(a) atual parceiro(a), a maior percentagem de participantes 92.9% ($n=39$), refere que não.

No que diz respeito à história familiar, relativamente à presença de violência no seio familiar, a maioria dos participantes 59.5% ($n=25$) refere que nunca presenciou tal situação. Ainda assim, é de salientar a elevada percentagem dos participantes que refere que presenciou violência no seio familiar, i.e., 40.5% ($n=17$) da amostra total, cerca de 37.9% lésbicas ($n=11$) e 46.2% *gays* ($n=6$), mostrando-se esta uma percentagem elevada, tendo em conta a amostra estudada, sendo que a orientação sexual *gay* apresenta valores mais elevados no que diz respeito a esta questão.

Quando questionados se alguma vez sofreram violência no seio familiar 52.4% ($n=22$) dos participantes refere que não, sendo também de salientar a elevada percentagem do “*sim*”, com 47.6% ($n=20$) da amostra total. No que diz respeito à orientação sexual *gay*, a percentagem é mais elevada para o “*sim*”.

Relativamente aos abusos sexuais sofridos na infância, 73.8% ($n=31$) dos participantes refere que tal situação não aconteceu, com cerca de 65.5% lésbicas ($n=19$) e 92.3% *gays* ($n=12$). Torna-se, contudo, importante referir a elevada percentagem do “*sim*”, no que diz respeito a esta problemática, i.e., 26.2% ($n=11$) da amostra total.

Relativamente à presença de perturbações mentais, quando questionados se já haviam sofrido de alguma perturbação mental 71.4% ($n=30$) dos participantes refere que não. Contudo, 28.6% ($n=12$) da amostra refere que sofreu de alguma perturbação mental no passado, sendo esta uma percentagem elevada tendo em conta a amostra estudada.

Quando questionados se atualmente sofrem de alguma perturbação mental, 81% ($n=34$) refere que não sofre. Ainda assim, 19% ($n=8$) dos participantes refere que atualmente sofre de alguma perturbação mental, sendo esta uma percentagem elevada para a amostra em questão.

Assim, os dados acima indicados vão de encontro ao que a literatura referencia sobre os fatores de risco, i.e., podem caracterizar-se como fatores de risco de violência nos relacionamentos íntimos homossexuais, a história de violência familiar (Bartholomew, Regan, Oram, & White, 2008b; Murray et al., 2007; Nunan, 2004; Richards et al., 2003), assim como os problemas de saúde mental (Nunan, 2004). De facto existe uma percentagem elevada de casos cuja existência das especificidades acima indicadas, pode propiciar situações de violência, quer no papel de vítima, como no de agressor.

No que concerne à caracterização dos comportamentos de vitimação, nas relações passadas e nas atuais relações, os participantes quando questionados se alguma vez tiveram medo de um(a) parceiro(a) que tenham tido no passado, 78.6% ($n=33$) participantes refere que sim, sendo que este comportamento tem uma maior ênfase no que diz respeito à orientação sexual *gay* com 84.6% ($n=11$).

Quando questionados sobre o número de relações abusivas em que já se encontraram, a resposta mais prevalente é uma relação, com cerca de 82.9% ($n=34$) dos participantes da amostra, com um tempo de duração de mais de um ano com 51.2% ($n=21$). Relativamente ao tempo de duração até o relacionamento se tornar abusivo, a resposta com maior ênfase foi três a seis meses com 42.9% ($n=18$), referido por 34.5% lésbicas ($n=10$) e 61.5% *gays* ($n=8$).

No que concerne à frequência com que o(a) parceiro(a) é/era abusivo, a percentagem mais elevada tende para mais de duas vezes por semana com 33.3% ($n=14$), cerca de 31% lésbicas

($n=9$) e 38.5% *gays* ($n=5$), congruente com os resultados referidos na literatura (Antunes & Machado, 2005; Burke et al., 2002; McClennen, Summers, & Daley, 2002).

No que concerne ao término da relação em resultado do abuso, a resposta com maior ênfase foi que a relação terminara em razão dos abusos, com 57.1% ($n=24$), nomeadamente 51.7% lésbicas ($n=15$) e 69.2% *gays* ($n=9$), o que demonstra uma possível consciencialização acerca do fenómeno, por parte das vítimas.

No que diz respeito à existência de ferimentos/consequências como resultado do abuso sofrido, 52.4% ($n=22$) dos participantes refere que não sofreu ferimentos/consequências como resultado do abuso. Contudo, e de acordo com a orientação sexual, existe uma maior percentagem de *gays* a reportar que sofreu ferimentos/consequências como resultado do abuso, i.e., 61.5% ($n=8$), o que talvez possa ser explicado pelo facto das relações abusivas entre parceiros *gays* envolverem um maior número de violência física, comparativamente aos relacionamentos abusivos lésbicos, resultanto portanto, num maior número de ferimentos físicos nas relações *gay*.

Relativamente ao tratamento médico como resultado de algum ferimento físico que tenham sido vítimas, 90.5% ($n=38$) dos participantes refere que não recebeu/recorreu a tratamento médico, cerca de 89.7% lésbicas ($n=26$) e 92.3% *gays* ($n=12$), denotando-se uma maior percentagem no que diz respeito à orientação sexual *gay*. O que vem refutar alguns resultados de estudos que avaliaram essa temática, como por exemplo, Stanley e colegas (2006), cujas percentagens de procura de auxílio são representativas.

Quando questionados acerca do porquê de não informar os profissionais de saúde acerca da causa dos ferimentos sofridos, as respostas mais invocadas são “*não acho que iria ajudar*”, seguindo-se “*medo da reação do(a) parceiro(a)*” e o “*medo de uma reação homofóbica*”, demonstrando assim, por parte das vítimas, o sentimento de ineficácia dos serviços prestados à comunidade e a homofobia que ainda hoje existe no seio da sociedade.

No que diz respeito ao envolvimento da polícia em resultado da violência sofrida, cerca de 97.6% ($n=40$) responde que não houve envolvimento por parte da polícia.

Estas questões de procura de auxílio, muitas vezes são dificultadas, como se pode constatar, pois ainda na sociedade atual existe uma visível diferença no que diz respeito à forma como a sociedade responde às vítimas homossexuais de violência doméstica (Madera & Toro-Alfonso, 2005), o que resulta, por parte das vítimas homossexuais, numa não predisposição para a procura de auxílio (Nunan, 2004). Pode estar também relacionado com o facto da pessoa em questão ainda não ter assumido, perante a família e/ou perante a sociedade, a sua orientação sexual, assim como pela falta de proteção no que diz respeito aos direitos civis e à falta de

compreensão e auxílio por parte do sistema legislativo, no que diz respeito à população homossexual (Rohrbaugh, 2006).

No que concerne à prevalência da violência nas relações passadas, os tipos de violência mais identificados pelas vítimas foram, a violência psicológica com 97.6% da amostra, seguindo-se a violência física com 88.1% da amostra, a violência socioeconômica com 47.6% da amostra e, por fim, a violência sexual com cerca de 33.3% da amostra, o que vem corroborar os resultados dos estudos realizados acerca desta temática, que nos demonstram esta sequência de tipos de violência (e.g., Burke et al., 2002; Eaton et al., 2008; Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2004; Turell, 2000).

No que diz respeito à prevalência desses tipos de violência, de acordo com a orientação sexual, os tipos de violência mais identificados foram, a violência psicológica por 100% da amostra *gay* e 96.6% da amostra lésbica (demonstrando uma maior predisposição da população *gay* para a vitimação psicológica), seguindo-se a violência física por 89.7% da amostra lésbica e 84.6% da amostra *gay* (demonstrando uma maior predisposição da população lésbica para a vitimação física), posteriormente a violência socioeconômica por 48.3% da amostra lésbica e 46.2% da amostra *gay* (demonstrando uma maior predisposição da população lésbica para a vitimação socioeconômica) e por fim, a violência sexual por 34.5% da amostra lésbica e 30.8% da amostra *gay* (demonstrando uma maior predisposição da população lésbica para a vitimação sexual). Estas taxas de prevalência de violência, ultrapassam os resultados apresentados em estudos recentes que demonstram taxas de prevalência que variam entre os 17% e os 52%, e entre os 25% e os 50% em relacionamentos *gays* e lésbicos, respetivamente (Carvalho et al., 2011; Eaton et al., 2008). Contudo, estes resultados não podem ser generalizáveis, devido às diferenças de sexos na amostra estudada.

Contudo, é de constatar que o tipo de violência mais referido é a violência psicológica, o que vai de encontro aos resultados da maioria dos estudos nacionais e internacionais (Antunes & Machado, 2005; Bartholomew, Regan, White, & Oram, 2008a; Burke et al., 2002; Costa et al., 2009; Domingues, 2015; Eaton et al., 2008; Greenwood et al., 2002; Houston & McKirnan, 2007; Lockhart et al., 1994; McClennen et al., 2002; Mena et al., 2005; Ristock, 2003; Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2004; Turell, 2000). Estes resultados, vão de encontro também, ao que Messinger (2011), afirmou no seu estudo, i.e., as médias para a vitimação na violência física e sexual entre parceiros íntimos são mais elevadas no que diz respeito às mulheres.

No que diz respeito à reação do(a) parceiro(a) após ter sido abusivo(a), e de acordo com a orientação sexual, conclui-se que os comportamentos com maior percentagem de resposta são, “*prometia que mudava*”, “*prometia que não tornaria a acontecer*” e “*desculpava-se*”, o que

vai de encontro ao que é expectável, de acordo com a terceira fase do ciclo de violência, em que o agressor, posteriormente ao episódio de violência, modifica o seu comportamento, tratando a vítima com carinho, delicadeza e atenção, demonstrando arrependimento, desculpando-se pelas agressões, enfatizando a mudança no seu comportamento, levando a vítima a acreditar que os episódios de violência são casos isolados que não se voltarão a repetir (Nunan, 2004; Walker, 2009). Podendo resultar, na diminuição ou na extinção desta fase (lua-de-mel), tomando a segunda fase (ataque violento: na qual são perpetrados atos de violência física e/ou psicológica por parte do agressor sobre a vítima) maior intensidade e frequência (Walker, 2009).

No que concerne a se alguma vez reportaram a alguém o abuso, 61.9% ($n=26$) dos participantes, a maioria, refere que sim. No que diz respeito, e de acordo com os participantes que responderam que sim, às pessoas/entidades a quem reportaram o abuso sofrido, a opção mais referida pelos participantes foi aos amigos com 62.5% da população gay e 33.3% da população lésbica. Esta opção pode ser explicada pelo facto de, muitas vezes, estas relações se tratarem de relações fechadas, em que os indivíduos constituintes das mesmas podem apenas ter contado sobre a sua orientação sexual aos amigos, ou pode dever-se também ao facto de as vítimas terem uma perceção errada sobre a sua relação, ou quererem proteger o agressor (Nunan, 2004).

No que diz respeito ao porquê de não reportar o abuso e de acordo com a orientação sexual, pode concluir-se que a opção mais referenciada foi “*não acreditei que a minha situação seria grave*” por 33.3% da população gay e 33.3% da população lésbica, esta questão pode estar interligada com facto de a vítima não se auto-percecionar como tal, podendo assim, minimizar os comportamentos de violência, ou ter uma ideia errada da sua situação relacional (Turell, 2000), assim como, e o que é passível de acontecer, a vítima ter um papel ambíguo, i.e., vítima-agressor (Murray et al., 2007; Stanley et al., 2006)

Relativamente à questão se sofreu algum tipo de abuso após o término da relação, 50% ($n=21$) dos participantes refere que sim, cerca de 58.6% lésbicas ($n=17$) e 30.8% gays ($n=4$) e 50% ($n=21$) refere que não, nomeadamente 41.4% lésbicas ($n=12$) e 69.2% gays ($n=9$), sendo que a percentagem é mais elevada para o “*sim*” no que diz respeito à população lésbica e mais elevada para o “*não*”, no que diz respeito à população gay.

No que diz respeito ao(s) tipo(s) de abuso(s) experienciado(s) após o término da relação, o tipo de abuso mais referido pelos participantes é “*tentou entrar em contacto comigo, enviando cartas, bilhetes, e-mails ou telefonando sem que lhe fosse pedido*”, i.e., comportamentos de perseguição-assédio, por cerca de 30.8% da população gay e 24.1% da população lésbica, esta

questão reforça o que foi demonstrado no estudo de Hester, Donovan e Fahmy (2010), no qual se constatou que a violência permanecia após o término da relação.

No que concerne à caracterização dos comportamentos de perpetração, nas relações passadas e nas atuais relações, quando questionados se alguma vez se tornaram ou tornam abusivos em retaliação no que diz respeito ao abuso por parte do(a) seu(a) parceiro(a), cerca de 61.9% ($n=26$) dos participantes responde que não, o que vem refutar os resultados encontrados na literatura no que diz respeito ao abuso bidirecional (e.g., Oringher & Samuelson, 2011; Ristock, 2003; Stanley et al., 2006).

Quando questionados se alguma vez foram agressivos para com o(a) seu(a) parceiro(a) 61.9% ($n=26$) dos participantes refere que não. Contudo, 38.1% ($n=16$) dos participantes da amostra refere que é agressivo(a) para com o(a) seu(a) parceiro(a), o que vai de encontro às percentagens encontradas nos estudos nacionais (e.g., Antunes & Machado, 2005; Costa et al., 2009), sendo de se notar uma maior ênfase no que diz respeito à orientação sexual lésbica (44.8%) comparativamente à orientação sexual gay (23.1%). No que diz respeito à frequência com que são/eram abusivos para com o(a) parceiro(a) 80% ($n=20$) dos participantes refere menos de uma vez por mês, nomeadamente 76.5% lésbicas ($n=13$) e 87.5% gays ($n=7$), resultado congruente com os resultados de investigações realizadas no âmbito nacional (e.g., Antunes & Machado, 2005; Domingues, 2015).

No que concerne às circunstâncias que levam a que os participantes sejam agressivos/abusivos com o(a) parceiro(a), o maior número de participantes responde “*agressão como defesa/resposta à agressão do(a) parceiro(a)*” ($n=13$), nomeadamente 10 participantes com orientação sexual lésbica e três participantes com orientação sexual gay, o que vai de encontro ao que Ristock (2003) refere no seu estudo, em que 9% das participantes descrevera a agressão mútua com a intenção de ferir a sua parceira e de retaliar e 20% descrevera a agressão como própria defesa ao longo do relacionamento.

No que diz respeito à presença de consumos, antes da perpetração do ato abusivo, 87.9% ($n=29$) refere que não consumiu nem consome álcool antes de ser abusivo, nomeadamente 86.4% lésbicas ($n=19$) e 90.9% gays ($n=10$). Referente ao consumo de drogas, 93.9% ($n=31$) dos participantes refere que não consumiu nem consome drogas antes de ser abusivo, com cerca de 95.5% lésbicas ($n=21$) e 90.9% gays ($n=10$), o que vem refutar o que é referenciado na literatura, por exemplo, por Chong, Mak e Kwong (2013), que através do seu estudo, constataram que o abuso de substâncias se encontra positivamente correlacionado com a agressão física e com a agressão psicológica.

No que diz respeito à prevalência do abuso cometido contra o(a) parceiro(a), 85.7% ($n=36$) dos participantes da amostra refere que cometeu o abuso apenas em relacionamentos passados, nomeadamente 82.8% lésbicas ($n=24$) e 92.3% *gays* ($n=12$). Esta incidência, pode estar, por um lado, relacionada com a desejabilidade social, o que resulta no facto de a população não querer passar a imagem de que os relacionamentos homossexuais também têm uma conotação violenta, e por outro, e não podendo descurar essa realidade, pelo simples facto que terem aprendido com os seus erros e terem assumido uma mudança de comportamento. Cerca de 14.3% ($n=6$) dos participantes refere que cometeu o abuso em relacionamentos passados e no atual relacionamento, i.e., 17.2% lésbicas ($n=5$) e 7.7% *gays* ($n=1$).

Os tipos de violência mais identificados pelos perpetradores de agressão são, a violência psicológica com 66.7% ($n=28$) da amostra, seguindo-se a violência física com 45.2% ($n=19$) da amostra e, por fim, a violência sexual e a violência socioeconómica, ambas com apenas um participante a relatar ter cometido esse tipo de abuso. Estes resultados vão de encontro aos resultados referidos na literatura, cujos resultados apresentam os tipos de violência pela mesma ordem de prevalência (e.g., Antunes & Machado, 2005; Costa et al., 2009; Domingues, 2015; Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2004).

No que diz respeito à prevalência desses tipos de violência, de acordo com a orientação sexual, os tipos de violência mais identificados são, a violência psicológica com 69.2% ($n=9$) da amostra *gay* e 65.5% ($n=19$) da amostra lésbica (existindo uma maior predisposição da amostra *gay* para a perpetração de violência psicológica), seguindo-se a violência física com 48.3% ($n=14$) da amostra lésbica e 38.5% ($n=5$) da amostra *gay* (verificando-se uma maior predisposição da amostra lésbica para a perpetração de violência física), por fim, a violência sexual identificada como tendo sido perpetrada por 7.7% ($n=1$) da amostra *gay*, e a violência socioeconómica também por 7.7% ($n=1$) da amostra *gay*. Estes resultados vão de encontro aos resultados apresentados na literatura, que referem que, no que diz respeito aos comportamentos violentos perpetrados, os que assumem maior prevalência são o abuso psicológico, seguindo-se o físico e posteriormente, o sexual e socioeconómico (Antunes & Machado, 2005; Bartholomew et al., 2008a; Costa et al., 2009; Domingues, 2015; Oringher & Samuelson, 2011; Stanley et al., 2006; Toro-Alfonso & Rodríguez-Madera, 2004). É de salientar, a inexistência de resultados no que concerne à perpetração de violência sexual e socioeconómica na população lésbica.

No que diz respeito a se o(a) parceiro(a) sofre/sofreu ferimento(s)/consequência(s) como resultado do comportamento abusivo, 83.3% ($n=35$) dos participantes refere que não, nomeadamente 86.2% lésbicas ($n=25$) e 76.9% *gays* ($n=10$).

No que concerne ao(s) ferimento(s)/consequência(s) que o(a) parceiro(a) sofre/sofreu como resultado do comportamento abusivo, o comportamento mais referido foi de violência física (e.g., arranhões) por 14.3% da população lésbica e 9.1% da população *gay*, demonstrando percentagens baixas.

Relativamente ao(s) sentimento(s) presente(s) no agressor após a perpetração de comportamentos violentos contra o(a) parceiro(a), nas atuais e nas relações passadas, os mais referidos foram “*sinto-me mal*” e “*arrependo-me*”. Comportamentos estes, típicos das dinâmicas da fase de lua-de-mel apresentadas no ciclo de violência doméstica (Walker, 2009), em que o agressor demonstra arrependimento e enfatiza uma mudança de comportamento.

No que concerne ao(s) comportamento(s) experienciado(s) por parte do agressor como resultado do seu próprio comportamento abusivo, o comportamento com maior percentagem é, ainda que em pequena percentagem, “*perder contacto com amigos*” por 10.3% da população lésbica e 7.7% da população *gay*.

No que diz respeito aos fatores de risco associados à vitimação entre parceiros íntimos homossexuais, *gays* e lésbicas, pode constatar-se que, e através dos resultados obtidos no presente estudo, existe uma associação entre a vitimação no que diz respeito aos tipos de violência estudados (i.e., psicológica, física, sexual e socioeconómica) e a idade, nomeadamente o grupo etário dos 21 aos 30 anos de idade, o que vem corroborar o que a literatura refere sobre esta variável sociodemográfica, nomeadamente que a idade no que diz respeito a grupos etários mais jovens encontra-se relacionada com a experiência de vitimação nos relacionamentos íntimos homossexuais (Hester et al., 2010).

A educação, nomeadamente no que diz respeito a um nível superior de habilitações (i.e., ensino universitário) encontra-se associada a todos os tipos de violência estudados, este resultado vem refutar o que é referido na literatura que associa os baixos níveis de escolaridade à vitimação nos relacionamentos íntimos homossexuais (Hester et al., 2010).

Não existe associação entre os tipos de violência psicológica, física e socioeconómica e a presença e vitimação de violência no seio familiar, o que vem refutar o que é referido na literatura que associa a história de violência familiar à vitimação nos relacionamentos íntimos homossexuais (Murray et al., 2007; Nunan, 2004; Richards et al., 2003). Contudo, constata-se uma associação entre a vitimação sexual e a presença e vitimação de violência no seio familiar.

Não existe associação entre os tipos de violência estudados (i.e., psicológica, física, sexual e socioeconómica) e a presença de perturbações mentais no passado e no presente momento (momento em que foi realizado o estudo), o que vem refutar o que é referido na literatura, isto

é, que existe uma associação entre a vitimação de violência nos relacionamentos homossexuais e problemas de saúde mental (Nunan, 2004).

No que diz respeito aos fatores de risco associados à perpetração de violência entre parceiros íntimos homossexuais, gays e lésbicas, pode constatar-se que, existe uma associação entre a perpetração de violência psicológica e física e a idade, nomeadamente no grupo etário dos 21 aos 30 anos. Assim como existe, também, uma associação entre a perpetração de violência psicológica e física e a educação, nomeadamente no que diz respeito à educação de nível superior.

Existe associação entre a perpetração dos tipos de violência física e violência psicológica e a vitimação no seio familiar, o que vem corroborar o que é referido na literatura que associa a história de violência familiar à violência nos relacionamentos íntimos homossexuais (Murray et al., 2007; Nunan, 2004; Richards et al., 2003). Ainda assim, não existe associação entre os tipos de violência perpetrados (físicos e psicológicos) e a presença de violência no seio familiar, refutando, por conseguinte, essa hipótese (Murray et al., 2007; Nunan, 2004; Richards et al., 2003).

Não se constatou a existência de associação entre todos os tipos de violência perpetrados, estudados, e o consumo de álcool e droga, o que vem refutar o que é referido na literatura que refere que o abuso de substâncias (i.e., álcool e/ou droga) encontra-se positivamente correlacionado com a agressão física (Chong et al., 2013), ou com a perpetração de agressão no geral (Murray et al., 2007; Nunan, 2004; Ristock & Timbang, 2005). Contudo, corrobora os resultados encontrados no estudo de Chong e colegas (2013), que concluíram que o abuso de substâncias (i.e., álcool e/ou droga) não foi significativamente relacionado à agressão psicológica.

Não existe associação entre todos os tipos de violência perpetrados, estudados, e a presença de perturbações mentais no passado e no presente, o que vem refutar o que é referido na literatura, no que diz respeito à associação entre a agressão e os problemas de saúde mental (Murray et al., 2007; Nunan, 2004).

Conclusão

A violência entre parceiros íntimos homossexuais, é um problema imensas vezes minimizado, contudo a violência trata-se de um fenómeno que não se encontra inerente ao género ou à orientação sexual. Esta é uma problemática que apresenta taxas de prevalência elevadas, e sobre as quais se deve agir. Apesar de se assistir a um crescente reconhecimento científico relativamente à existência de violência nos relacionamentos íntimos entre parceiros

do mesmo sexo, é patente a necessidade de se desenvolverem pesquisas que abordem esta problemática (Burke et al., 2002; McClennen, 2005).

No que diz respeito ao estudo do fenómeno, é conhecida a existência de diversos problemas metodológicos, nomeadamente, diferentes conceitos e terminologias (Badenes-Ribera et al., 2015; Finneran & Stephenson, 2012); disparidades nos períodos de tempo a que corresponde a violência a estudar (Badenes-Ribera et al., 2015); disparidades nos tipos de relacionamentos estudados (Badenes-Ribera et al., 2015); existência de comportamentos sub-relatados (Oringher & Samuelson, 2011); utilização de medidas e abordagens não específicas do contexto homossexual (Hester et al., 2010); foco limitativo na vitimação (Oringher & Samuelson, 2011); dificuldades na recolha das amostras, nomeadamente amostras de pequenas dimensões, não representativas (Hester et al., 2010), de conveniência (Roberts, 2005); procedimentos de amostragem não aleatórios (Costa & Machado, 2005; Finneran & Stephenson, 2012; Greenwood et al., 2002; Kulkin et al., 2007). Todas estas questões resultam na complexidade de se realizarem comparações entre sexos e entre estudos (Hester et al., 2010), tornando difícil conhecer com rigor a extensão deste fenómeno.

No contexto português, é visível a necessidade de se realizarem pesquisas de âmbito nacional e com foco exclusivo no estudo da prevalência de violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo (Domingues, 2015), assim como no que diz respeito aos fatores preditores da violência. Constatou-se contudo, e para uma melhor abordagem do fenómeno, a necessidade de uma maior receptividade aos estudos e acessibilidade/flexibilidade por parte da população visada e das instituições que prestam auxílio à mesma.

As taxas de prevalência de violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo demonstram que se afigura necessário o desenvolvimento e implementação de programas de prevenção e intervenção na comunidade LGBT (Badenes-Ribera et al., 2015; Roberts, 2005).

Concluindo, é imprescindível trabalhar-se questões como a formação dos profissionais que trabalham com a população homossexual, por forma a auxiliar na mudança de mentalidades e políticas, propiciando assim, a realização de programas de prevenção e intervenção adequados a esta população, tanto às vítimas como aos agressores (McClennen, 2005; Nunan, 2004; Roberts, 2005). Afigura-se também, necessário o desenvolvimento de programas de formação e campanhas direcionadas à própria comunidade LGBT, de modo a aumentar o conhecimento sobre este problema (Badenes-Ribera et al., 2015), e por forma a desconstruir mitos (Dias, 2016) e barreiras existentes entre a população LGBT e a sociedade no geral. Existe, de facto, uma necessidade de se desenvolver literatura científica sobre esta temática, mais precisamente no

contexto nacional, uma vez que as repercussões destas vivências são nocivas tanto a nível individual como a nível social.

O presente estudo é uma mais valia para a investigação nacional uma vez que estuda a prevalência do fenómeno, mostrando que a violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo é uma realidade inevitável, cujas taxas são alarmantes. Uma grande vantagem do presente estudo, prende-se com o facto de estudar fatores de risco de violência em relacionamentos homossexuais, *gays* e lésbicos, o que até à data não tinha sido realizado no contexto português.

No que diz respeito aos fatores de risco associados à vitimação entre parceiros íntimos homossexuais, *gays* e lésbicas, pode constatar-se que, e através dos resultados obtidos no presente estudo, existe uma associação entre a vitimação no que diz respeito aos tipos de violência estudados (i.e., psicológica, física, sexual e socioeconómica) e a idade, nomeadamente o grupo etário dos 21 aos 30 anos de idade; a educação apresenta-se também associada à vitimação no que diz respeito aos tipos de violência estudados (i.e., psicológica, física, sexual e socioeconómica), no que diz respeito a um nível superior de habilitações (i.e., ensino universitário); constata-se, por fim, uma associação entre a vitimação sexual e a presença e vitimação de violência no seio familiar.

No que diz respeito aos fatores de risco associados à perpetração de violência entre parceiros íntimos homossexuais, *gays* e lésbicas, pode constatar-se que, existe uma associação entre a perpetração de violência psicológica e física e a idade, nomeadamente no grupo etário dos 21 aos 30 anos. Assim como existe, também, uma associação entre a perpetração de violência psicológica e física e a educação, nomeadamente no que diz respeito à educação de nível superior. Conclui-se, por fim, a existência de associação entre a perpetração dos tipos de violência física e psicológica e a vitimação no seio familiar.

O presente estudo realiza também uma comparação, no que diz respeito às taxas de prevalência de violência, entre a população lésbica e a população *gay*, concluindo-se que existe uma semelhança nas taxas de prevalência de violência entre os dois sexos. No que diz respeito aos tipos de violência, conclui-se que o tipo de violência mais expressivo, quer no que diz respeito à vitimação como no que diz respeito à perpetração (entre a população *gay* e lésbica), é a violência psicológica, cujas taxas são as mais elevadas. Seguindo-se a violência física e socioeconómica, por fim, surge a violência sexual, cuja prevalência é mais elevada na vitimação, comparativamente à perpetração (onde não se afigura incidência).

Contudo, e como se trata do estudo de uma problemática ainda em desenvolvimento, o presente estudo apresenta limitações, nomeadamente ao nível da amostra, sendo que é uma

amostra de pequena dimensão e com uma elevada diferença entre sexos, o que limita em grande parte a comparação dos resultados, colocando em causa a expressividade dos mesmos.

Outra das limitações do presente estudo tem que ver com o recurso a medida de autorrelato (respondida *online*), este fator pode ser limitativo na medida em que não se tem forma de saber se os resultados são fidedignos, uma vez que pode existir subreportação de comportamentos, sendo que tanto as vítimas como os agressores podem não identificar-se como tal, assim como pode existir enviesamento das respostas, contudo e não existindo outra forma mais viável de o realizar, uma vez que se trata de uma população estigmatizada cuja obtenção de amostra é uma tarefa difícil, apela-se ao bom senso dos participantes.

Outra limitação prende-se com o fato de existir elevada percentagem de respostas não válidas, e elevada percentagem de *missings*, uma vez que nem todos os participantes responderam às questões, impossibilitando a análise de determinadas variáveis (e.g., prevalência da violência (vitimação) nas relações atuais) e, por conseguinte, a expressividade dos resultados.

De forma a colmatar as lacunas na investigação, os estudos futuros (tanto no que diz respeito ao estudo da prevalência da violência como ao estudo dos fatores de risco associados à violência) devem utilizar um conceito *standard* no que diz respeito à definição e às tipologias e dinâmicas de violência entre parceiros íntimos, metodologias/instrumentos apropriados no estudo do fenómeno na vertente homossexual, fazer distinção na análise dos dados (i.e., vítimas – perpetradores; masculino – feminino) (Badenes-Ribera et al., 2015), e utilizar amostras representativas. Seria interessante investir-se no estudo da problemática da saúde mental no contexto da violência em relacionamentos homossexuais, com a finalidade de se explorar se a mesma influencia, de algum modo, a vitimação e/ou a perpetração de violência, assim como investir-se na realização de estudos longitudinais, o que em Portugal se afigura escasso.

Referências

- Antunes, R., & Machado, C. (2005). Dupla invisibilidade: A violência nas relações homossexuais. *Psychologica*, 39, 167-187.
- Badenes-Ribera, L., Bonilla-Campos, A., Frias-Navarro, D., Pons-Salvador, G., & Monterde-i-Bort, H. (2015). Intimate partner violence in self-identified lesbians: A systematic review of its prevalence and correlates. *Trauma, Violence, & Abuse*, 1-14.
- Bartholomew, K., Regan, K., White, M., & Oram, D. (2008a). Patterns of abuse in male same-sex relationships. *Violence and Victims*, 23(5), 617-636. doi: 10.1891/0886-6708.23.5.617
- Bartholomew, K., Regan, K., Oram, D., & White, M. (2008b). Correlates of partner abuse in male same-sex relationships. *Violence and Victims*, 23, 344-360.
- Burke, W., Jordan, L., & Owen, S. (2002). A cross-national comparison of gay and lesbian domestic violence. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, 18(3), 231-257. doi: 10.1177/1043986202018003003
- Carvalho, A., Lewis, R., Derlega, V., Winstead, B., & Viggiano, C. (2011). Internalized sexual minority stressors and same-sex intimate partner violence. *Journal of Family Violence*, 26, 501-509. doi: 10.1007/s10896-011-9384-2
- Chong, E., Mak, W., & Kwong, M. (2013). Risk and protective factors of same-sex intimate partner violence in hong kong. *Journal of Interpersonal Violence*, XX(X), 1 -22. doi: 10.1177/0886260512468229
- Costa, L., Machado, C., & Antunes, R. (2009). Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade. Retirado de <https://www.rea.pt>
- Dias, I. (2016). A violência íntima entre casais do mesmo sexo: Desafios teóricos e metodológicos. In L. Nunes, A. Sani, & S. Caridade (1ª ed.), *Crime, justiça e sociedade: Visões Interdisciplinares* (pp. 25-53). Edições Criap: Porto.
- Domingues, H. (2015). *Prevalência e caracterização da violência em casais de gays, lésbicas e bissexuais* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Fernando Pessoa: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Porto. Retirado do Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa <http://hdl.handle.net/10284/4949>
- Eaton, L., Kaufman, M., Fuhrel, A., Cain, D., Cherry, C., Pope, H., & Kalichman, C. (2008). Examining factors co-existing with interpersonal violence in lesbian relationships. *Journal of Family Violence*, 23, 697-705. doi:10.1007/s10896-008-9194-3
- Finneran, C., & Stephenson, R. (2012). Intimate partner violence among men who have sex with men: A systematic review. *Trauma, Violence, & Abuse*, 14(2), 168-185. doi: 10.1177/1524838012470034

- Greenwood, L., Relf, V., Bu Huang, B., Pollack, M., Canchola, A., & Catania, A. (2002). Battering victimization among a probability-based sample of men who have sex with men. *American Journal of Public Health, 92*(12), 1964-1969. Retirado de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1447360/>
- Hester, M., Donovan, C., & Fahmy, E. (2010). Feminist epistemology and the politics of method: surveying same-sex domestic violence. *International Journal of Social Research Methodology, 13*(3), 251-263. doi: 10.1080/13645579.2010.482260
- Houston, E., & McKirnan, D. (2007). Intimate partner abuse among gay and bisexual men: Risk correlates and health outcomes. *Journal of Urban Health: Bulletin of the New York Academy of Medicine, 84*(5). doi:10.1007/s11524-007-9188-0
- Kulkin, H., Williams, J., Borne, H., Bretonne, D., & Laurendine, J. (2007). A review of research on violence in same-gender couples: A resource for clinicians. *Journal of Homosexuality, 53*(4), 71-87. doi: 10.1080/00918360802101385
- Lockhart, L., White, W., Causby, V., & Isaac, A. (1994). Letting out the secret: Violence in lesbian relationships. *Journal of Interpersonal Violence, 9*(4), 469-492.
- Madera, S., & Toro-Alfonso, J. (2005). Description of a domestic violence measure for puertorican gay males. *Journal of Homosexuality, 50*(1), 155-173. doi: 10.1300/J082v50n01_08
- McClennen, J. (2005). Domestic violence between same-gender partners: Recent findings and future research. *Journal of Interpersonal Violence, 20*(2), 149-154. doi: 10.1177/0886260504268762
- McClennen, J., Summers, A., & Daley, J. (2002). The lesbian partner abuse scale. *Research on Social Work Practice, 12*(2), 277-292.
- Mena, F., Rodríguez, J., & Malavé, S. (2005). Manifestaciones de la violencia doméstica en una muestra de hombres homosexuales y mujeres lesbianas puertorriqueñas. *Interamerican Journal of Psychology, 39*(3), 449-456.
- Messinger, A. (2011). Invisible victims: Same-sex ipv in the national violence against women survey. *Journal of Interpersonal Violence, 26*(11), 2228-2243. doi: 10.1177/0886260510383023
- Monteiro, V., & Sani, A. (2013). Violência doméstica entre casais homossexuais - "Quebrando barreiras, formando profissionais". In A. Sani & S. Caridade (cords), *Violência, agressão e vitimação: Práticas para a intervenção* (pp.149-170). Edições Almedina: Coimbra.
- Murray, E., Mobley, K., Buford, P., & Seaman-DeJohn, M. (2007). Same-sex intimate partner violence: Dynamics, social context, and counseling implications. *Journal of LGBT Issues in Counseling, 1*(4), 7-30.

- Nunan, A. (2004). Violência doméstica entre casais homossexuais: O segundo armário?. *Psico*, 35(1), 69-78.
- Oringher, J., & Samuelson, K. (2011). Intimate partner violence and the role of masculinity in male same-sex relationships. *Traumatology*, 17(2), 68–74. doi: 10.1177/1534765610395620
- Richards, A., Noret, N., & Rivers, I. (2003). Violence and abuse in same-sex relationships: A review of literature. *Social Inclusion & Diversity*, 5, 3-33. Leeds: University of Leeds.
- Ristock, J. (2003). Exploring dynamics of abusive lesbian relationships: Preliminary analysis of a multisite, qualitative study. *American Journal of Community Psychology*, 31(3/4), 329-341.
- Ristock, J., & Timbang, N. (2005). Relationships violence in lesbian/gay/bisexual/transgender/queer [lgbt] communities: Moving beyond a gender-based framework. *Violence Against Women Online Resources*. Retirado de <http://www.mincava.umn.edu>
- Roberts, J. (2005). An integrative review of intimate partner violence among men who have sex with men: Correlates of victimization and development of a conceptual framework. *Humanity and Society*, 29(2), 126-136.
- Rohrbaugh, B. (2006). Domestic violence in same-gender relationship. *Family Court Review*, 44(2), 287–299.
- Stanley, J., Bartholomew, K., Taylor, T., Oram, D., & Landolt, M. (2006). Intimate violence in male same-sex relationships. *Journal of Family Violence*, 21(1), 31-41. doi: 10.1007/s10896-005-9008-9
- Topa, H. (2010). No arco-íris também há roxo: Violência conjugal nas relações lésbicas. *LES Online*, 2(1), 13-21.
- Topa, M. (2009). *Violência doméstica em casais homossexuais: Das representações sociais dos profissionais que trabalham com vítimas à vivência das vítimas* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade do Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Retirado do Repositório Aberto da Universidade do Porto <http://hdl.handle.net/10216/54976>
- Toro-Alfonso, J., & Rodríguez-Madera, S. (2004). Domestic violence in puerto rican gay male couples: Perceived prevalence, intergenerational violence, addictive behaviors, and conflict resolution skills. *Journal of Interpersonal Violence*, 19(6), 639-654. doi: 10.1177/0886260504263873

Turell, S. (2000). A descriptive analysis of same-sex relationship violence for a diverse sample. *Journal of Family Violence, 15*(3), 281–293.

Walker, A. E. (2009). Descriptions of violence and the cycle of violence. In A. Walker (3^a ed.), *The battered woman syndrome* (pp. 85-105). New York: Springer Publishing Company, LLC.

Conclusão Geral

O fenômeno da violência íntima entre parceiros do mesmo sexo é um problema alarmante, de tal forma, que urge a necessidade de evolução da investigação, uma vez que se trata de um problema em que as consequências resultantes são diversas e que se repercutem a nível individual e social. Trata-se, portanto, de um fenômeno constituído por diversos fatores, nomeadamente psicológicos, ideológicos e socioculturais (Madera & Toro-Alfonso, 2005). Concluindo-se, por conseguinte, que as investigações nesta temática vieram refutar a assunção de que a violência íntima se aplica somente às díades heterossexuais, o que vai de encontro à transversalidade de géneros e orientações sexuais (Dias, 2016; Rohrbaugh, 2006).

É certo, também, que se trata de um tema cujo estudo do fenômeno acarreta diversos problemas que têm, impreterivelmente, que ser solucionados, de modo a evoluir-se a explicação desta problemática (e.g., através de uma rigorosa produção de conhecimento científico sobre as razões, as especificidades, a prevalência, os fatores preditores e as consequências do abuso) e consequentemente, inovar-se no que concerne a programas de prevenção e intervenção (na população), e a programas de formação direcionados aos serviços de apoio da comunidade.

Os resultados constatados nos diversos estudos presentes nesta dissertação, têm que ser analisados de forma responsável, devido às lacunas encontradas, assim torna-se necessário um maior investimento relativamente às tipologias e dinâmicas de comportamento utilizadas (Badenes-Ribera, Bonilla-Campos, Frias-Navarro, Pons-Salvador, & Monterde-i-Bort, 2015), assim como às metodologias utilizadas (Hester, Donovan, & Fahmy, 2010) nos estudos; às intervenções necessárias no que diz respeito a estas minorias (McClennen, 2005), tanto numa vertente de prevenção (e.g., existência/inação nos programas de prevenção) como de intervenção; à formação dos profissionais (Badenes-Ribera et al., 2015; McClennen, 2005; Roberts, 2005), tentando sempre desconstruir as barreiras, ainda existentes, entre a população homossexual e a sociedade.

Após a análise da literatura relacionada com o tema é de referir que, apesar de ser notável o investimento nos estudos relativamente ao mesmo e de se notar uma expansão nas áreas geográficas no que diz respeito à realização de estudos, nesta revisão apenas se teve acesso a uma pequena parte da literatura existente, nomeadamente estudos em inglês, português e espanhol, não se podendo, portanto, generalizar esta questão. Sendo que os resultados encontrados não são, de todo, os resultados unicamente existentes sobre os temas abordados.

Este fenómeno encontrou-se menosprezado durante bastante tempo, das diversas razões pelas quais esta questão aconteceu, encontram-se, o estigma, a homofobia social e a discriminação, presentes na sociedade no que diz respeito a este tema (Badenes-Ribera et al., 2015; Greenwood, Relf, Bu Huang, Pollack, Canchola, & Catania, 2002; Madera & Toro-Alfonso, 2005), assim como a convicção de que o homem tem o papel de agressor e a mulher de vítima (Badenes-Ribera et al., 2015; Dias, 2016; Greenwood et al., 2002; Madera & Toro-Alfonso, 2005), além da homofobia internalizada que faz parte da comunidade LGBT.

No que diz respeito ao estudo dos fatores de risco, é patente a, quase, inexistente literatura publicada sobre o tema focada somente nos fatores de risco, tendo, sempre, em conta a limitação dos estudos referente às nacionalidades dos estudos pesquisados. Sendo que, e de forma a colmatar as lacunas na investigação, se torna interessante a realização de pesquisas futuras que se centrem somente no estudo dos fatores de risco, com recurso a metodologias construídas para o efeito (Chong, Mak, & Kwong, 2013), que incorporem os mesmos conceitos e definições tanto dos fatores (Chong et al., 2013), como do conceito de risco e que estudem tais fatores no que diz respeito aos aspetos associados às vítimas como no que diz respeito aos agressores, insistindo sempre numa distinção entre estes.

Seria interessante, também, ainda no mesmo contexto, estudar a forma através das qual as características de ambos os parceiros se conjugam resultando no aumento do risco de abuso entre parceiros do mesmo sexo (Bartholomew, Regan, Oram, & White, 2008).

O presente estudo permitiu desconstruir determinadas especificidades no que diz respeito ao fenómeno da violência nos relacionamentos íntimos entre indivíduos do mesmo sexo, com o intuito de demonstrar a necessidade do estudo do mesmo, uma vez que esta problemática não se cinge somente ao contexto heterossexual, tal como é demonstrado nas taxas de prevalência significativas no que diz respeito ao estudo da prevalência da violência entre parceiros íntimos homossexuais.

Pode assim constatar-se que, e através da análise dos resultados do presente estudo, existem elevados índices globais de vitimação e perpetração de violência, nomeadamente na vertente de vitimação (97.6% psicológica; 88.1% física; 47.6% socioeconómica e 33.3% sexual) e perpetração (66.7% psicológica; 45.2% física; 2.4% socioeconómica e 2.4% sexual). Ainda no que diz respeito às tipologias de violência, a tipologia de abuso mais presente no estudo foi a violência psicológica.

No que diz respeito aos fatores de risco associados à vitimação entre parceiros íntimos homossexuais, *gays* e lésbicos, pode constatar-se que, através dos resultados obtidos no presente estudo, existe uma associação entre a vitimação no que diz respeito aos tipos de violência

estudados (i.e., psicológica, física, sexual e socioeconómica) e uma idade mais jovem; entre a educação, referente a um nível superior de habilitações (i.e., ensino universitário) e a vitimação no que diz respeito aos tipos de violência estudados; assim como entre a vitimação sexual e a presença e vitimação de violência no seio familiar.

No que diz respeito aos fatores de risco associados à perpetração de violência entre parceiros íntimos homossexuais, *gays* e lésbicos, pode constatar-se que, existe uma associação entre a perpetração de violência psicológica e física e a idade nos grupos etários mais jovens; assim como entre a perpetração de violência psicológica e física e a educação de nível superior, e entre a perpetração dos tipos de violência física e psicológica e a vitimação no seio familiar.

Salienta-se, contudo, a dificuldade de realização de estudos no que diz respeito à violência entre parceiros íntimos homossexuais, consequência da inexistência de dados consistentes sobre o número existente de população homossexual (Nunan, 2004), quer no contexto nacional como internacional.

Assim, e por forma a ultrapassar estes problemas na investigação, estudos futuros, quer na vertente dos estudos de prevalência da violência como no estudo dos fatores de risco associados à violência, devem utilizar um conceito uniformizado no que diz respeito à definição e às tipologias de violência entre parceiros íntimos, metodologias e instrumentos específicos do estudo do fenómeno na vertente homossexual, fazer distinção na análise dos dados (i.e., vítimas – perpetradores; masculino – feminino) (Badenes-Ribera et al., 2015), assim como, utilizar amostras representativas.

No contexto português, é visível a necessidade de realização de pesquisas de âmbito nacional e com foco exclusivo no estudo da prevalência de violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo (Domingues, 2015), assim como no estudo da temática dos fatores de risco associados ao fenómeno. Torna-se também importante que a população LGBT e a comunidade que presta auxílio à mesma demonstre uma maior receptividade aos estudos. Seria interessante, também, investir no estudo da saúde mental no contexto da violência em relacionamentos homossexuais, de modo a explorar-se se a mesma influencia ou não, e se sim de que forma a mesma afecta a vitimação e/ou a perpetração de violência; no estudo das repercussões que a violência propicia; assim como investir-se na realização de estudos longitudinais, o que em Portugal é inexistente.

Em suma, o presente estudo, cumpriu parcialmente os objetivos propostos, uma vez que não foi possível validar a escala utilizada, devido ao número reduzido de participantes que responderam à mesma e devido ao número de *missings* existentes. Não foi possível, também, avaliar uma das categorias da escala, nomeadamente a categoria que explora a vitimação no

presente, uma vez que apenas duas participantes responderam à mesma e somente a algumas questões, resultando na ineficácia da análise dos resultados, uma vez que não se tratam de resultados representativos.

Ainda assim, espera-se que o presente trabalho contribua para a evolução da investigação no panorama nacional no que diz respeito à violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo e, uma vez que o estudo concebido estuda a temática dos fatores de risco de violência, ainda que em pequena dimensão, se torne um ponto de partida, no contexto português, para a realização de estudos futuros que abordem essa temática.

Espera-se também que o presente trabalho fomente a vontade de realização de programas de prevenção e intervenção na comunidade homossexual, propiciando a criação de opções legítimas no que diz respeito às vítimas de violência, por exemplo, através da criação de abrigos para vítimas homossexuais de violência doméstica (não só para lésbicas, como também para *gays*, bissexuais e transgéneros), assim como programas de formação direcionados aos serviços de apoio à comunidade, e que esclareça os profissionais que exercem funções na área (da prevenção e intervenção).

Referências

- Badenes-Ribera, L., Bonilla-Campos, A., Frias-Navarro, D., Pons-Salvador, G., & Monterde-i-Bort, H. (2015). Intimate partner violence in self-identified lesbians: A systematic review of its prevalence and correlates. *Trauma, Violence, & Abuse*, 1-14.
- Bartholomew, K., Regan, K., Oram, D., & White, M. (2008). Correlates of partner abuse in male same-sex relationships. *Violence and Victims*, 23, 344-360.
- Chong, E., Mak, W., & Kwong, M. (2013). Risk and protective factors of same-sex intimate partner violence in hong kong. *Journal of Interpersonal Violence*, XX(X), 1 –22. doi: 10.1177/0886260512468229
- Dias, I. (2016). A violência íntima entre casais do mesmo sexo: Desafios teóricos e metodológicos. In L. Nunes, A. Sani, & S. Caridade (1ª ed.), *Crime, justiça e sociedade: Visões Interdisciplinares* (pp. 25-53). Edições Criap: Porto.
- Domingues, H. (2015). *Prevalência e caracterização da violência em casais de gays, lésbicas e bissexuais* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Fernando Pessoa: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Porto. Retirado do Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa <http://hdl.handle.net/10284/4949>
- Greenwood, L., Relf, V., Bu Huang, B., Pollack, M., Canchola, A., & Catania, A. (2002). Battering victimization among a probability-based sample of men who have sex with men. *American Journal of Public Health*, 92(12), 1964-1969. Retirado de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1447360/>
- Hester, M., Donovan, C., & Fahmy, E. (2010). Feminist epistemology and the politics of method: surveying same-sex domestic violence. *International Journal of Social Research Methodology*, 13(3), 251–263. doi: 10.1080/13645579.2010.482260
- Madera, S., & Toro-Alfonso, J. (2005). Description of a domestic violence measure for puerto rican gay males. *Journal of Homosexuality*, 50(1), 155-173. doi: 10.1300/J082v50n01_08
- McClennen, J. (2005). Domestic violence between same-gender partners: Recent findings and future research. *Journal of Interpersonal Violence*, 20(2), 149-154. doi: 10.1177/0886260504268762
- Nunan, A. (2004). Violência doméstica entre casais homossexuais: O segundo armário?. *Psico*, 35(1), 69-78.
- Roberts, J. (2005). An integrative review of intimate partner violence among men who have sex with men: Correlates of victimization and development of a conceptual framework. *Humanity and Society*, 29(2), 126-136.

Rohrbaugh, B. (2006). Domestic violence in same-gender relationship. *Family Court Review*, 44(2), 287–299.

Anexos

Anexo A
Protocolo de Investigação



Protocolo de Investigação

“Violência Na Intimidade nos Relacionamentos Homossexuais”

Mestrando

Lúcia Filipa Osório Côdea (nº 33087)

33087@ufp.edu.pt

Tlm. 911016316

Orientadora

Doutora Ana Isabel Martins Sani

Universidade Fernando Pessoa

anasani@ufp.edu.pt

Doutora Cristina Branca B. de Matos Soeiro C. Teles

Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz

c.soeiro@netcabo.pt

Enquadramento teórico

As relações de violência e maus-tratos entre parceiros do mesmo sexo assumem, maioritariamente, a mesma motivação, forma, padrão, frequência, severidade e impacto que a violência doméstica entre casais heterossexuais (Kuehnle & Sullivan, 2003; Merril, 1998). No que concerne aos abusos sofridos por homossexuais, estes são, nomeadamente, o abuso psicológico e físico, a negligência, o abuso sexual, o controlo económico e os danos materiais (Burke, Jordan, & Stephen, 2002; Kuehnle & Sullivan, 2003; Oringher & Samuelson, 2011; Rohrbaugh, 2006).

No estudo de Freedner, Freed, Yang e Austin (2002), com uma amostra de 101 adolescentes *gays*, verificou-se que 44.6% dos participantes já haviam experienciado abuso numa relação íntima. Cerca de 20.8% revelaram ter experienciado violência emocional, 13.9% violência física e 6.9% violência sexual. Vários estudos indicam que entre 42% a 79% da população *gay* é vítima de violência doméstica (Burke et al., 2002; Merrill & Wolfe, 2000). No seu estudo, com uma amostra de 52 homossexuais (*gays*), recrutados em programas de suporte a vítimas de violência nas relações, Merrill e Wolfe (2000) concluíram que 87% das vítimas sofriam de abuso físico grave (recorrente) e 79% sofreram, pelo menos, uma lesão. Noutro estudo, com uma amostra de 2881 *gays* (i.e., homens que já tivessem tido sexo com homens), Greenwood, Relf, Huang, Pollack, Canchola e Catania (2002) concluíram que, 34% dos participantes já haviam sofrido de violência psicológica, 22% de violência física e 5% de violência sexual.

Tal como nos relacionamentos *gay*, diversos estudos confirmam uma elevada prevalência de violência nos relacionamentos homossexuais femininos. No estudo de Lie e Gentlewarrior (1991), com uma amostra de 1099 lésbicas, chegou-se à conclusão que 50% das participantes relatava pelo menos um episódio de violência nas relações íntimas. Lie, Schilit, Bush, Montagne e Reyes (1991), no seu estudo, com uma amostra de 169 lésbicas, concluíram que 76% das participantes já tinha experienciado algum tipo de violência em relacionamentos lésbicos. No estudo de Bryant e Demian (1994), com uma amostra de 560 casais *gay* e 706 casais de lésbicas, verificou-se que cerca de 31% dos participantes relataram episódios de violência íntima, 16% admitiam já ter sido vítimas de maltrato emocional (abuso verbal) e 11% dos homens e 7% das mulheres reportaram episódios de violência física.

No contexto Português, relativamente a este fenómeno, e apesar de os estudos nesta área serem ínfimos, dois estudos (Antunes & Machado, 2005; Costa, Machado, & Antunes, 2009) demonstram dados acerca da prevalência e das dinâmicas de perpetração e vitimação nos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, sendo que vêm corroborar e reforçar a literatura estrangeira acerca deste tema (Richards, Noret, & Rivers, 2003).

De acordo com a literatura, existem diversos fatores de risco relacionados com a violência nos relacionamentos homossexuais, muitos deles idênticos aos estudados e referidos na literatura acerca da violência entre casais heterossexuais, outros nem tanto, i.e., com uma maior especificidade no que concerne à população homossexual.

Assim, os fatores de risco de violência nos relacionamentos homossexuais podem-se caracterizar, pela dependência por parte da vítima (Antunes & Machado, 2005; Telesco, 2003) e/ou pela dependência por parte do agressor (Balsam, 2001); pela história de violência prévia (i.e., tanto agressores como vítimas podem ter sido agredidos ou terem visto familiares a ser agredidos) (Avena, 2010; Murray, Mobley, Buford, & Seaman-DeJohn, 2007; Nunan, 2004; Richards et al., 2003); pela história de violência familiar (Greenwood et al., 2002; Richards et al., 2003); pelas experiências de abuso sexual na infância (Greenwood et al., 2002) / história de abuso (Richards et al., 2003); pelo abuso de substâncias, i.e., álcool e/ou drogas (Avena, 2010; Greenwood et al., 2002; Kay & Jeffries, 2010; Murray et al., 2007; Nunan, 2004; Richards et al., 2003; Ristock & Timbang, 2005); por problemas de saúde mental (Kay & Jeffries, 2010)/doenças mentais (Avena, 2010; Nunan, 2004); pela baixa auto-estima (Avena, 2010; Nunan, 2004; Richards et al., 2003); pelos desequilíbrios de poder e *status* entre o casal (Antunes & Machado, 2005; Avena, 2010; Nunan, 2004; Telesco, 2003); por habilidades comunicacionais pobres (Nunan, 2004); pelo baixo controlo dos impulsos agressivos (Nunan, 2004); pelas situações de vida stressantes ou frustrantes (sobretudo aquelas que provocam mudanças nos papéis do casal) (Nunan, 2004); pelo abuso intergeracional (Kay & Jeffries, 2010); pela vergonha (Kaschak, 2001; Murray et al., 2007; Tigert, 2001); pelas características de personalidade e psicopatologia (Greenwood et al., 2002; Murray et al., 2007; Richards et al., 2003); pelo mais baixo nível de escolaridade (Hester, Donovan, & Fahmy, 2010); pelo isolamento social nas comunidades rurais (Ristock & Timbang, 2005); pela experiência de “*deslocamento*” como um imigrante recente (Ristock & Timbang, 2005); pelos baixos rendimentos (Greenwood et al., 2002; Hester et al., 2010; Richards et al., 2003); pelo desemprego/problemas de emprego (Greenwood et al., 2002; Richards et al., 2003) e questões financeiras (Richards et al., 2003).

Numa vertente mais específica do contexto dos relacionamentos homossexuais, podem ser fatores de risco os seguintes, a homofobia internalizada (Antunes & Machado, 2005; Kay & Jeffries, 2010; Murray et al., 2007; Nunan, 2004; Richards et al., 2003); o heterossexismo (Murray et al., 2007); o preconceito sexual (Avena, 2010); o diagnóstico positivo de HIV - a contaminação pelo vírus HIV, i.e., existência de um parceiro portador (Murray et al., 2007; Nunan, 2004; Richards et al., 2003; Ristock & Timbang, 2005); a exibição de hiper-masculino

(i.e., a violência como uma forma de exibição de hiper-masculino) (Kay & Jeffries, 2010); o heteronormativismo (é uma característica distinta da violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo - masculino) (Kay & Jeffries, 2010); uma idade precoce (entre os homens *gays*) (Murray et al., 2007)/grupos etários mais jovens (menores de 35 anos) (Hester et al., 2010); o *stress* de ser *gay* ou lésbica (é outro fator contextual importante) (Murray et al., 2007), e a forte ligação entre a experiência de violência doméstica e a primeira relação amorosa (tanto para homens como para mulheres homossexuais, que tende a ser associada a grupos etários mais jovens) (Hester et al., 2010).

Metodologia da Investigação

Objetivos gerais

Uma vez que no contexto português não se denota grande investimento no que concerne à criação de instrumentos relativamente à população homossexual, i.e., não existe grande investimento na criação de instrumentos específicos à população, a presente investigação tem como objetivo a criação e validação, para a população homossexual portuguesa, de um instrumento que tem como objetivo explorar a questão da violência e abuso nos relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo. É de salientar, que a presente investigação irá dar continuidade à investigação realizada pelo aluno Hugo Domingues, da Universidade Fernando Pessoa, orientando da Professora Doutora Ana Isabel Sani e da Professora Doutora Cristina Soeiro, através da criação da presente escala.

Na presente investigação a população alvo será composta por uma amostra de 100 participantes, no mínimo, 50 do sexo masculino e 50 do sexo feminino, com idade igual ou superior aos 18 anos, homossexuais assumidos, que consentam em colaborar no estudo.

Este é um estudo de carácter descritivo e exploratório, de natureza quantitativa e tem por base dois grandes objetivos:

- I) avaliar a prevalência da violência nos relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo;
- II) analisar quais os fatores de risco associados a este fenómeno.

Para operacionalizar o estudo, é necessário ter em conta a definição de relação amorosa, de modo a que a amostra se identifique com a mesma (i.e., se está numa relação, de momento, ou se já teve uma relação desse tipo), para então, posteriormente, poder responder ao instrumento. Por sua vez, mostra-se pertinente, considerar os comportamentos abusivos como “*qualquer incidente de comportamento com conotação ameaçadora, violento ou abuso, psicológico, físico, sexual, económico ou emocional, entre adultos que foram, ou que são, parceiros íntimos*” (Metropolitan Police, citado por Richards et al., 2003, p.5).

Objetivos específicos

Em termos específicos procurar-se-á determinar as características sociodemográficas da população a estudar (i.e., das vítimas e perpetradores de violência), assim como perceber a distribuição do fenómeno em termos de localização geográfica no país; quais os tipos/formas de violência mais sofridos e perpetrados e quais os fatores de risco associados ao fenómeno. Qualquer uma destas quatro variáveis será constituída como medida de análise independente, sendo os dados tratados como uma amostra global.

Relativamente ao contexto português, o estudo de Antunes e Machado (2005), revelou uma prevalência de violência de 20%, em que 15.9% dos participantes referiram ter adotado comportamentos violentos para com o seu parceiro e 20.6% dos participantes referiram ter sido vítimas de violência na relação atual (vítimas de pelo menos um ato abusivo). Já o estudo de Costa e colegas (2009) revelou que 39.1% dos participantes se assumiram como perpetradores de comportamentos violentos para com os seus parceiros íntimos e 37.7% revelaram ter sido vítimas (de pelo menos um ato abusivo, no último ano). O estudo de Costa e colegas (2009) demonstra ainda que o tipo de violência, maioritariamente perpetrado e sofrido, é a violência emocional/psicológica (vitimação emocional e perpetração emocional), seguindo-se os abusos físicos. Estes estudos vêm corroborar e reforçar a literatura estrangeira acerca desta problemática (Richards et al., 2003).

Importa ainda perceber se o fenómeno é ou não extensível a todo o país ou se existem áreas geográficas que demonstram maior prevalência. Assim como, identificar as diferenças entre a população *gay* e *lésbica*.

Tendo em conta todas as repercussões negativas deste fenómeno, alguns estudos, ainda que em pequena escala, procuram perceber/estudar quais os fatores de risco associados a esta problemática. Assim, pretende-se, também, estudar os fatores de risco associados à violência nos relacionamentos íntimos homossexuais.

Método

Participantes

A amostra será aleatória, composta por indivíduos homossexuais assumidos, maiores de 18 anos de idade, que estejam, ou que tenham estado numa relação do tipo homossexual, pertencentes à comunidade portuguesa (residentes em Portugal Continental ou nas Regiões Autónomas dos Açores ou da Madeira).

O acesso a esta população dependerá da vontade da população alvo no que concerne a responder ao instrumento, como também, da autorização dada pelas associações que irão ser

contactadas, de modo a darem o conhecimento do *link* da investigação, nos seus serviços, possibilitando assim uma maior adesão ao estudo.

Previamente à participação no estudo, será solicitado o consentimento informado, sendo que apenas após a aceitação poderá o participante aceder ao instrumento que integra o estudo.

Instrumentos

A Escala de Relações Abusivas em Casais Gay e Lésbica (Osório, Soeiro, Sani & Domingues, 2016, adaptado de Violence and Abuse in Same-Sex Relationships de Noret & Richards, 2003), pretende avaliar a prevalência da violência nas relações entre pessoas do mesmo sexo e analisar quais os fatores de risco associados ao fenómeno. Em termos específicos procurar-se-á determinar as características sociodemográficas da população a estudar (i.e., vítimas e perpetradores de violência), assim como perceber a distribuição do fenómeno em termos de localização geográfica no país; quais os fatores de risco associados ao fenómeno; quais os tipos/formas de violência mais sofridos e perpetrados, assim como as estratégias utilizadas para fazer face à violência. Importa ainda, identificar as diferenças entre a população gay e lésbica.

A escala é constituída por 42 itens, que estão agrupados em seis secções. É composta pela informação sociodemográfica, que contém oito itens, com o intuito de fazer um levantamento dos dados sociodemográficos dos participantes, obtendo assim uma informação mais detalhada da população a ser estudada. Pela caracterização das relações abusivas, que contém 17 itens, de modo a caracterizar as relações abusivas e, por conseguinte, o historial familiar do participante que contém cinco itens, de modo a explorar se existe e/ou existiu historial de violência no seio familiar do participante.

Posteriormente divide-se em três partes, em que as respostas são cotadas consoante uma escala tipo-*Likert* de cinco pontos (1 – *Nunca*; 5 – *Sempre*), nomeadamente a parte I referente à prevalência da violência nas relações passadas, que contém quatro questões, a parte II referente à prevalência da violência nas relações atuais, que contém quatro questões, e a parte III referente ao abuso cometido contra o(a) parceiro(a) nas relações passadas e/ou na atual relação, que contém quatro questões.

Caso o participante tenha sofrido violência num ou em vários relacionamentos passados, terá que preencher a Parte I da presente escala [Parte I: Prevalência da Violência nas Relações Passadas]. Caso experiencie violência somente na sua atual relação, tem que preencher apenas a Parte II da presente escala [Parte II: Prevalência da Violência nas Relações Atuais]. Caso o participante tenha perpetrado abuso(s) contra o(a) parceiro(a) quer em relacionamentos

passados ou no seu atual relacionamento, tem que preencher a parte III da presente escala [Parte III: Abuso cometido contra o(a) seu(a) parceiro(a)].

Procedimentos

Após a aprovação do estudo submetido à Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa, e após a autorização das associações contactadas, nomeadamente “*Opus Gay*”, “*Rede Ex Aequo*” e “*ILGA Portugal*”, a escala será disponibilizada numa plataforma *online*, juntamente com o consentimento informado e com a descrição do estudo.

Antes do preenchimento da escala serão dadas instruções acerca da forma mais acessível e correta de preenchimento da mesma, do objetivo do estudo, os critérios para poder responder à escala, a importância da participação e a sua confidencialidade. Aos participantes será dada também a informação de um correio eletrónico através do qual poderão solicitar esclarecimentos, informações e expor dúvidas que possam surgir no decurso do estudo, ou quaisquer outras questões que se afigurem pertinentes.

Importa salientar que o tempo médio de preenchimento da escala será de 20 minutos. A divulgação do estudo tendo em vista a recolha de dados, será realizada através das redes sociais, por *e-mail* e através do contacto com associações, de modo a possibilitar uma maior adesão ao estudo, i.e., a participação de um maior número de sujeitos.

Após ser recolhida a informação através da escala, de modo a analisar as respostas de uma forma quantitativa e qualitativa, estas serão introduzidas numa grelha de *Excel* e apenas aquelas que permitam responder aos objetivos previamente definidos, serão transpostas para a base de dados do software informático IBM *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) versão 22 para o Windows, de modo a proceder-se à análise estatística.

Cronograma de Atividades

Mês	Atividade a desenvolver/ Objetivos a atingir
janeiro/fevereiro	Pesquisa / Revisão de Literatura / Pedidos de Autorização/ Criação do Instrumento/ Criação de um <i>e-mail</i> , com o objetivo de esclarecer dúvidas por parte dos participantes no estudo/ Colocação do Instrumento em formato <i>online</i>

março/abril	Revisão de Literatura/ Monitorização dos Dados/ Construção da Base de Dados/ Tratamento Estatístico
maio/junho	Monitorização dos Dados / Tratamento Estatístico/Discussão dos Resultados Obtidos / Conclusão / Revisão Final da Dissertação/ Entrega da Dissertação

Referências

- Antunes, R., & Machado, C. (2005). Dupla invisibilidade: A violência nas relações homossexuais. *Psychologica*, 39, 167-187.
- Avena, D. (2010). A violência doméstica nas relações lésbicas: Realidades e mitos. *Aurora*, 7.
- Balsam, F. (2001). Nowhere to hide: Lesbian battering, homophobia, and minority stress. *Women and Therapy*, 23(3), 25-37. doi: 10.1300/J015v23n03_03
- Bryant, A., & Demian, R. (1994). Relationship characteristic of american gay and lesbian couples: Findings from a national survey. *Journal of Gay and Lesbian Social Services*, 1, 101-117.
- Burke, W., Jordan, L., & Stephen, O. (2002). A cross-national comparison of gay and lesbian domestic violence. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, 18(3), 231-257. doi: 10.1177/1043986202018003003
- Costa, L., Machado, C., & Antunes, R. (2009). Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade. *Psychologica*, 2-26.
- Freedner, N., Freed, L., Yang, Y., & Austin, S. (2002). Dating violence among gay, lesbian, and bisexual adolescents: Results from a community survey. *Journal of Adolescence Health*, 31, 469-474.
- Greenwood, L., Relf, V., Bu Huang, B., Pollack, M., Canchola, A., & Catania, A. (2002). Battering victimization among a probability-based sample of men who have sex with men. *American Journal of Public Health*, 92(12), 1964-1969. Retirado de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1447360/>
- Hester, M., Donovan, C., & Fahmy, E. (2010). Feminist epistemology and the politics of method: surveying samesex domestic violence. *International Journal of Social Research Methodology*, 13(3), 251-263. doi: 10.1080/13645579.2010.482260
- Kaschak, E. (2001). Intimate betrayal: Domestic violence in lesbian relationships. *Women and Therapy*, 23(3), 1-5. doi: 10.1300/J015 v23n03_01

- Kay, M., & Jeffries, S. (2010). Homophobia, heteronormativity and hegemonic masculinity: Male same-sex intimate violence from the perspective of Brisbane Service Providers. *Psychiatry, Psychology and Law*, 17(3), 412-423.
- Kuehnle, K., & Sullivan, A. (2003). Gay and lesbian victimization: Reporting factors in domestic violence and bias incidents. *Criminal Justice and Behavior*, 30, 85-96. doi: 10.1177/0093854802239164
- Lie, G., & Gentlewarrior, S. (1991). Intimate violence in lesbian relationships: Discussion of survey findings and practice implications. *Journal of Social Service Research*, 15, 41-59.
- Lie, G., Schilit, R., Bush, R., Montagne, M., & Reyes, L. (1991). Lesbians in currently aggressive relationships: How frequently do they report aggressive past relationships?. *Violence and Victims*, 6, 121-135.
- Merril, G. (1998). Understanding domestic violence among gay and bisexual men. In R. Bergen (Ed.). *Issues in intimate violence* (pp. 129-141). California: Sage Publications.
- Merrill, S., & Wolfe, A. (2000). Battered gay men: An exploration of abuse, help seeking, and why they stay. *Journal of Homosexuality*, 39(2), 1-30.
- Murray, E., Mobley, K., Buford, P., & Seaman-DeJohn, M. (2007). Same-sex intimate partner violence: Dynamics, social context, and counseling implications. *The Journal of LGBT Issues in Counseling*, 1(4), 7-30.
- Nunan, A. (2004). Violência doméstica entre casais homossexuais: O segundo armário?. *Psico*, 35(1), 69-78.
- Oringher, J., & Samuelson, K. (2011). Intimate partner violence and the role of masculinity in male same-sex relationships. *Traumatology*, 17(2), 68-74. doi: 10.1177/1534765610395620
- Richards, A., Noret, N., & Rivers, I. (2003). Violence and abuse in same-sex relationships: A review of literature. *Social Inclusion & Diversity*, 5, 3-33. Leeds: University of Leeds.
- Ristock, J., & Timbang, N. (2005). Relationships violence in lesbian/gay/bisexual/transgender/queer [lgbt] communities: Moving beyond a gender-based framework. *Violence Against Women Online Resources*. Retirado de <http://www.mincava.umn.edu>
- Rohrbaugh, B. (2006). Domestic violence in same-gender relationship. *Family Court Review*, 44(2), 287-299.
- Telesco, A. (2003). Sex role identity and jealousy as correlates of abusive behavior in lesbian relationships. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 8, 153-169.

Tigert, M. (2001). The power of shame: Lesbian battering as a manifestation of homophobia. *Women & Therapy*, 23(3), 73-85.

Anexo B

Solicitação de Autorização às Instituições/Associações



Assunto: Solicitação de autorização às instituições/associações.

Exmo(s). Sr(s).,

O meu nome é Lúcia Filipa Osório Côdea, sou licenciada em Psicologia Criminal pelo Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz e, venho por este meio, no âmbito da realização da Dissertação de Mestrado “*Violência na Intimidade nos Relacionamentos Homossexuais*”, em Psicologia Jurídica, da Universidade Fernando Pessoa, sob a orientação da Professora Doutora Ana Sani e da Professora Doutora Cristina Soeiro, solicitar a V. autorização, para darem o conhecimento do *link* da investigação, nos seus serviços, possibilitando assim uma maior adesão da população ao estudo.

A investigação tem como objetivo a criação e validação, para a população homossexual portuguesa, de um instrumento que tem como objetivo explorar a questão da violência e abuso nos relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo. Este estudo, tem por base dois grandes objetivos, nomeadamente avaliar a prevalência da violência nos relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo (vitimação e perpetração) e analisar quais os fatores de risco associados a este fenómeno.

A visibilidade que V. Exa(s). possam fornecer, mostra-se pertinente e uma mais-valia para a execução do estudo em questão.

Agradeço desde já a melhor atenção que possam dar a este assunto e encontro-me disponível para prestar os esclarecimentos que entendam necessários, deixando assim o meu contacto telefónico 911016316.

Os meus melhores cumprimentos,

Lúcia Osório

Anexo C

Declaração de Termo de Aceitação

Este estudo insere-se no âmbito da preparação da dissertação de Mestrado em Psicologia Jurídica pela Universidade Fernando Pessoa, desenvolvida pela mestrandia Lúcia Osório, sob orientação da Professora Doutora Ana Isabel Sani e da Professora Doutora Cristina Soeiro.

Esta investigação tem como objetivo a criação e validação de uma Escala “*Escala de Relações Abusivas em Casais Gay e Lésbica*”, de modo a explorar a questão da violência e abuso nos relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo, mais especificamente em casais com relacionamentos *gays* e lésbicos.

A presente Escala pretende avaliar a prevalência da violência nas relações entre pessoas do mesmo sexo e analisar quais os fatores de risco associados a este fenómeno.

Em termos específicos procurar-se-á determinar as características sociodemográficas da população a estudar (i.e., vítimas/perpetradores de violência), assim como perceber a distribuição do fenómeno em termos de localização geográfica no país; quais os fatores de risco associados ao fenómeno; quais os tipos/formas de violência mais sofridos e perpetrados, assim como as estratégias utilizadas para fazer face à violência. Importa ainda, identificar as diferenças entre a população *gay* e lésbica.

Dado a investigação centrar-se na experiência/perpetração de abuso em relações, a presente Escala é para ser respondida unicamente por pessoas com **idade igual ou superior aos 18 anos de idade** e que tenham mantido no passado ou que se encontrem de momento em relacionamentos homossexuais.

O seu preenchimento demora aproximadamente 20 minutos. A sua participação é muito importante. Para tal, solicita-se que preencha a Escala de acordo com as instruções, procurando ser o mais sincero possível nas suas respostas, sendo ainda de salientar que não existem respostas certas ou erradas.

A participação neste estudo é voluntária, pelo que poderá interrompê-la a qualquer momento. A não participação não lhe trará qualquer prejuízo. A informação recolhida destina-se unicamente a tratamento estatístico, sendo os dados tratados como uma amostra global. Todas as informações obtidas são estritamente **CONFIDENCIAIS** e **ANÓNIMAS**.

Caso aceite participar, deverá dar o seu termo de aceitação (onde se lê Termo de Aceitação).

Desde já muito obrigada pelo tempo dispensado e pela sua colaboração que será muito importante!

Se ainda tiver alguma dúvida, poderá entrar em contacto através do email criado exclusivamente para esta investigação: escaladerelacoesabusivas@gmail.com

*Obrigatório

Termo de Aceitação *

Eu compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que serei incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória. Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objetivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a minha participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal. Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte digital serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Aceito

Não Aceito